

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

Jacinta Vivien Gomes

**A VOZ DA TRADUTORA COMO PRESENÇA DISCURSIVA NA
TRADUÇÃO DE *THE SECRET GARDEN***

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

G633v Gomes, Jacinta Vivien

A voz da tradutora como presença discursiva na tradução de
The Secret Garden [dissertação] / Jacinta Vivien Gomes ;
orientador, Lincoln Paulo Fernandes. - Florianópolis, SC,
2011.

134 p.: il., grafs., tabs., mapas, plantas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Tradução e interpretação. 2. Literatura infanto-juvenil.
3. Leitura. 4. Tradutores. I. Fernandes, Lincoln Paulo. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

CDU 801=03

Jacinta Vivien Gomes

**A VOZ DA TRADUTORA COMO PRESENÇA DISCURSIVA NA
TRADUÇÃO DE *THE SECRET GARDEN***

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 8 de dezembro de 2011.

Prof.^a Dr.^a Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.^a Dr.^a Ina Emmel
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.^a Dr.^a Marie-Helene Catherine Torres
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Dr. John Milton
Universidade de São Paulo - USP

Agradeço, especialmente, ao meu marido, Soares, a quem dedico esta dissertação. Por ter estado ao meu lado, por ter me compreendido, incentivado, apoiado, por ter me proporcionado segurança e tranquilidade para concluir com êxito este trabalho, a minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a quem sempre ofereci meu trabalho e meus estudos como uma oração. E cuja resposta às minhas preces foi tornar esta caminhada possível e, sobretudo, gratificante.

Agradeço à minha família, pelas orações, pelo incentivo e pelo apoio incondicional.

Ao professor Lincoln Fernandes, que ao longo desses dois anos de mestrado me orientou e inspirou, como verdadeiro mestre que é.

À professora Maria Lúcia Vasconcellos, por ter me apresentado o mundo teórico dos Estudos da Tradução, e à professora Ina Emmel, ambas por aceitarem participar da Banca de Qualificação, onde suas sugestões foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

Aos Professores Ina Emmel, Marie-Helène Torres e Jonh Milton por aceitarem a contribuir nesta etapa tão importante quanto é a defesa da dissertação.

Aos colegas do Grupo TRACOR, especialmente à Thais Collet, companheira de pós-graduação, com quem pude dividir boa parte das minhas aflições.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para esta realização. Em especial à minha irmã Miriam, ao meu irmão Edson, ao meu sobrinho Luís e aos meus enteados, Alessandro e Andrey, por suas leituras e valiosas sugestões ao meu trabalho.

Obrigada! De coração.

RESUMO

Esta pesquisa desenvolve-se sob a perspectiva interdisciplinar dos Estudos da Tradução e Literatura Infantojuvenil, a partir de um arcabouço teórico específico, Estudos Descritivos da Tradução, informado por Hermans (1999), abarcando a metodologia Estudos da Tradução Com Base em Corpus, que segue os pressupostos teóricos de Baker (1993, 1995) e Fernandes (2004). Busca-se fazer uma análise comparativa entre o texto-fonte, *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, e o texto-alvo, *O Jardim Secreto* (1993), traduzido por Ana Maria Machado, com ênfase no produto e na língua do texto-alvo. Essa análise visa, especificamente, investigar a voz da tradutora como presença discursiva no texto traduzido, segundo a categorização de Hermans (1996), motivada pela hipótese de que a presença da tradutora pode ter influenciado na leiturabilidade desse texto pelo público-alvo, infantojuvenil, no contexto brasileiro, em nível de linguagem e de contexto cultural. Foram adotados, também, os procedimentos de tradução aplicados aos itens de especificidade cultural, segundo a classificação de Aixelá (1996), como categorias de análise e descrição do corpus paralelo sob estudo, de acordo com a presença discursiva da tradutora, que se impõe na tradução. Os resultados apontam para a presença discursiva da tradutora como uma voz diferencial que se manifesta mais explicitamente através de procedimentos de tradução, onde é fornecida ao leitor uma referência cultural inserida no discurso do texto traduzido.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil; Leiturabilidade; Voz do Tradutor ou Presença Discursiva do Tradutor; Itens de Especificidade Cultural.

ABSTRACT

This research is developed under the interdisciplinary perspective of the Translation Studies and Children's and young adolescent's Literature from a specific theoretical framework, Descriptive Translation Studies, informed by Hermans (1999), encompassing the methodology Corpus Based Translation Studies, which follows Baker's (1993-1995) and Fernandes' (2004) theoretical assumptions. The aim is to make a comparative analysis of the source text, *The Secret Garden* (1911), written by Frances Hodgson Burnett, and the target text, *O Jardim Secreto* (1993), translated by Ana Maria Machado, with emphasis on the product and on the language of the target text. This analysis aims to investigate specifically the translator's voice as a discursive presence in the translated text, according to Herman's (1996) categorization, motivated by the hypothesis that the translator's presence may have influenced the readability of this text on the target reader, children and young adolescents, in the Brazilian context, at the language level and cultural context. In addition translation procedures were adopted, applied to cultural-specific items based on Aixelá's (1996) classification, as categories of analysis and description of the parallel corpus under study, according to the imposed translator's discursive presence on the translation. The results point to the translator's discursive presence as a differential voice which manifests itself most explicitly through translation procedures where the reader is provided with a cultural reference inserted in the discourse of the translated text

Keywords: Children's Literature; Readability; Translator's Voice or Discursive Presence; Cultural- Specific Items

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-1: Modelo teórico e metodológico adotado por Fernandes (2004).....	30
Figura 1-2:Modelo teórico e metodológico desta pesquisa.....	30
Figura 2-1: Mapa das disciplinas que fazem interface com os Estudos da Tradução (HATIM; MUNDAY, 2004, P. 08).....	35
Figura 3-1: Corpus desta pesquisa alinhado em paralelo (notepad ++).	82
Figura 3-2: Capa do texto-fonte, <i>The Secret Garden</i> , 1ª Edição (1911) e do texto-traduzido O jardim Secreto, 3ª Edição (1996).	83
Figura 3-3: Concordanceador bilíngue buscando a palavra de pesquisa “Ayah”.	93
Figura 3-4: Resultado da busca de todas as ocorrências de uma palavra chave no concordanceador paralelo do COPA-TRAD (FERNANDES; SILVA; FLEUR, 2011).....	94
Figura 3-5: Descrição geral do fenômeno sob investigação de acordo com o grau de manipulação e procedimentos de tradução.....	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 2-1: Excertos do TF e do TT que, neste estudo caracterizam The Secret Garden como uma obra de Realismo Mágico	63
Tabela 2-2: Exemplos da fusão entre o Real e a Fantasia em The Secret Garden e sua tradução O Jardim Secreto	66
Tabela 2-3: Classificação dos procedimentos tradutórios de Aixelá (1996) segundo o grau de manipulação intercultural.....	76
Tabela 3-1: Classificação tipológica do corpus paralelo objeto deste estudo. ..	85
Tabela 3-2: Tabela de classificação do tamanho do corpus por palavras (SARDINHA, 2004, p. 23).	87
Tabela 3-3: Descrição global das estatísticas do corpus da pesquisa.....	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COPA – TRAD	Corpus Paralelo de Tradução
COPA – LIJ	Corpus Paralelo de Literatura Infantojuvenil
EDT	Estudos Descritivos da Tradução
ETC	Estudos da Tradução com Base em Corpus
LIJ	Literatura Infantojuvenil
IEC	Item de Especificidade Cultural
TLIJRM	Tradução de Literatura Infantojuvenil de Realismo Mágico
TRACOR	Grupo de Pesquisa Tradução e Corpora
TF	Texto-Fonte
TT	Texto Traduzido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
1.1	ESTUDOS DA TRADUÇÃO NA INTERFACE COM LITERATURA INFANTOJUVENIL ..	21
1.2	OBJETIVOS	23
1.3	JUSTIFICATIVA	24
1.3.1	<i>Revisão das pesquisas que exploram a interface estudos da tradução e literatura infantojuvenil.....</i>	<i>26</i>
1.3.2	<i>Objeto de estudo.....</i>	<i>27</i>
1.4	ARCABOUÇO TEÓRICO E METODOLÓGICO	29
1.5	ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	32
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	34
2.1	DISCIPLINA ESTUDOS DA TRADUÇÃO	34
2.2	ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO	38
2.3	MÉTODO DE PESQUISA: ESTUDOS DA TRADUÇÃO COM BASE EM CORPUS	45
2.4	TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL	48
2.4.1	<i>Definindo literatura infantojuvenil.....</i>	<i>49</i>
2.4.2	<i>Leiturabilidade.....</i>	<i>52</i>
2.4.3	<i>Forma ideal de literatura infantojuvenil: realista, fantástica ou de realismo mágico?.....</i>	<i>58</i>
2.4.3.1	<i>The Secret Garden e o modelo literário “Realismo Mágico”.....</i>	<i>62</i>
2.5	VOZ DO TRADUTOR OU PRESENÇA DISCURSIVA DO TRADUTOR	67
2.5.1	<i>Presença discursiva do tradutor aplicada aos itens de especificidade cultural</i>	<i>73</i>
2.5.1.1	Estratégias e procedimentos	74
2.5.1.2	Presença discursiva segundo a categorização dos procedimentos tradutórios de Aixelá (1996).....	75
3	METODOLOGIA	81
3.1	DESENHO DO CORPUS	81
3.1.1	<i>Objetivo da criação do corpus.....</i>	<i>81</i>
3.1.2	<i>Corpus paralelo</i>	<i>82</i>
3.1.3	<i>Representatividade</i>	<i>85</i>
3.1.4	<i>Aspectos extralinguísticos.....</i>	<i>87</i>
3.1.4.1	Sobre a autora: FRANCES HODGSON BURNETT	88
3.1.4.2	Sobre a tradutora: ANA MARIA MACHADO	89
3.1.5	<i>As obras: The Secret Garden e O Jardim Secreto.....</i>	<i>90</i>
3.1.5.1	<i>The Secret Garden</i>	<i>90</i>

3.1.5.2	O Jardim Secreto	91
3.2	CONSTRUÇÃO DO CORPUS	92
3.3	PROCESSAMENTO DO CORPUS.....	92
3.4	ANÁLISE DE DADOS.....	94
3.4.1	<i>Análise da presença discursiva categorizada por Hermans (1996) aplicada aos itens de especificidade cultural na categorização de Aixelá (1996).....</i>	<i>97</i>
3.4.2	RESULTADOS.....	118
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
5	REFERÊNCIAS	127

1 INTRODUÇÃO

É prática comum, hoje em dia, descrever o papel do tradutor como um mediador, como aquele que facilita o “diálogo” de negociação entre o texto de origem e o leitor a que se destina. Em nenhum outro lugar o papel mediador do tradutor é tão evidente como na tradução de literatura infantojuvenil. (COILLIE & VERSCHUEREN, 2006, p. vi, tradução nossa)¹.

1.1 ESTUDOS DA TRADUÇÃO NA INTERFACE COM LITERATURA INFANTOJUVENIL

Na história literária infantojuvenil mundial e, mais especificamente, na literatura infantojuvenil brasileira, observa-se um grande movimento tradutório desde suas origens. E é, principalmente, através da tradução escrita que nossas crianças e jovens adolescentes, que não possuem outra representação² de signos de linguagem além do português do Brasil nem conhecimento de representações do universo cultural, tiveram ou têm acesso ao vasto e fabuloso repertório, o dos clássicos universais³ infantojuvenis. Desse encontro resultam marcas enriquecedoras que o leitor infantojuvenil carrega por toda sua vida, como, por exemplo, o gosto pela leitura e o conhecimento de culturas diferentes. Isso vai ao encontro dos objetivos da tradução de literatura infantojuvenil (doravante LIJ) estabelecidos por Klingberg (1986, p. 10), que têm a intenção de aproximar o texto traduzido do texto original, que são: “disponibilizar mais literatura ao leitor infantojuvenil

¹ It is common practice today to describe the role of the translator as a mediator, as one who facilitates the negotiating ‘dialogue’ between source text and target audience. Nowhere else is the mediating role of the translator so strongly felt as in the translation of children’s literature (COILLIE & VERSCHUEREN, 2006).

² “Representação é uma parte essencial no processo no qual significado é produzido e compartilhado entre os membros de uma cultura. Envolve o uso da linguagem, de signos e imagens, os quais representam as coisas” (HALL, 1997, p. 15, tradução nossa).

³ Calvino define obras clássicas como “aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (1993, apud MACHADO, 2002, p. 23). Cânone também é conhecido como conjunto de obras clássicas, porém, denota-se uma importante diferença entre uma obra canônica, que passa por um processo de seleção institucionalizada, e uma obra clássica, que depende apenas da sua excelência e aceitação de seu público leitor, sem estar limitada a uma época (DUARTE, 2009).

(preferencialmente trabalhos de mérito literário) e aprofundar a visão e a compreensão de mundo dos jovens leitores”⁴.

Esse contato entre os clássicos universais e o receptor infantojuvenil se dá através da presença de um mediador, um tradutor, que por meio da linguagem decodifique os significados⁵, levando em consideração o emissor, a habilidade de leitura e compreensão do leitor e seu contexto cultural. Assim, devido às especificidades desse leitor, o sistema de opções do tradutor de LIJ é mais limitado, não significando, porém, que demanda menos, ou que se exige menos habilidade linguística e cultural do tradutor deste gênero literário do que na literatura adulta. Ao contrário, demanda um desafio a mais, o de ajustar-se, através de uma linguagem acessível (fácil e compreensível), criativa e lúdica, às funções básicas da LIJ encontradas no texto-fonte. Entre as várias funções da literatura infantojuvenil, destacam-se as seguintes: entretenimento, social, ideológica, intelectual e educacional. É importante mencionar também as complexidades de escrever para um público infantojuvenil, como, por exemplo, a ambivalência do leitor e do texto, a estrutura de referência própria do tradutor e a leiturabilidade⁶ do texto traduzido (Ver Shavit, 1986; Puurtinen, 1998; Fernandes, 2004; Coillie, 2006).

Pode-se verificar uma unanimidade de opinião entre teóricos dos Estudos da Tradução (Hermans, 1996; Olohan, 2004; Coillie, 2006; Baker, 2010; Lathey, 2010) em relação ao papel mediador do tradutor literário, os quais afirmam que sua voz, como presença discursiva no texto traduzido, está cada vez mais audível e, segundo Coillie (2006, p. v), muito mais perceptível na tradução de LIJ, que tem como público leitor a criança e o jovem adolescente. Onde, então, o tradutor teria mais liberdade na tradução do texto, podendo manipulá-lo “de várias formas, adaptando-o, ampliando-o, encurtando-o ou omitindo ou adicionando ao texto”⁷ (SHAVIT, 1986, p. 112, tradução nossa), desde que “siga os dois

⁴ “[...] to make more literature available to children (hopefully works of literary merit) [...] to further the international outlook and understanding of the young readers” (KLINGBERG, 1986, p. 10).

⁵ “Significados regulam e organizam nossas condutas e práticas – eles ajudam no estabelecimento de regras, normas e convenções pelas quais a vida social é ordenada e governada” (HALL, 1997, p. 4, tradução nossa).

⁶ O termo “leiturabilidade” tem sido traduzido literalmente do termo em inglês “readability” pelos pesquisadores em Estudos da Tradução da UFSC e não existe nos dicionários de Língua Portuguesa do Brasil. Convém ressaltar a sutil diferença entre leiturabilidade e legibilidade, sendo esta última também analisada quanto à facilidade de leitura, porém, referindo-se ao tipo de caractere e ao layout do livro (DUBAY, 2004).

⁷ “[...] in various ways by changing, enlarging, or abridging it or by deleting or adding to it” (SHAVIT, 1986, p. 112).

princípios nos quais a tradução para crianças e jovens é baseada: ajuste do texto para torná-lo adequadamente e educacionalmente ‘bom para o leitor infantojuvenil’; e um ajuste da trama, caracterização e linguagem às prevalecentes percepções da sociedade relativas à habilidade da criança e do jovem de ler e compreender” (Ibid). O que significa dizer que o tradutor, através de sua voz como presença discursiva, ou seja, interferindo no discurso do texto que traduz, deve adequar o texto traduzido ao nível de compreensão e facilidade de leitura do público-alvo, infantojuvenil, devido às suas especificidades e às complexas características da LIJ.

Nesse sentido, a leiturabilidade de um texto infantojuvenil é um aspecto da LIJ, enquanto a voz ou presença discursiva do tradutor é um aspecto dos Estudos da Tradução. Ambos são abordados nesta pesquisa de caráter interdisciplinar, tendo como lugar de definição e discussão o capítulo 2, Revisão da Literatura.

1.2 OBJETIVOS

Este estudo busca fazer uma análise comparativa entre o texto-fonte, *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, e o texto-alvo, *O Jardim Secreto* (1993), traduzido por Ana Maria Machado, com ênfase no produto e na língua do texto-alvo. Essa análise visa, especificamente, investigar a voz da tradutora como presença discursiva no texto traduzido, tendo em vista a leiturabilidade dessa tradução pelo público-alvo, infantojuvenil, no contexto brasileiro em nível de linguagem e de contexto cultural.

A hipótese que motiva esta pesquisa é de que a voz da tradutora Ana Maria Machado, como presença discursiva no texto traduzido, *O Jardim Secreto*, teve possíveis⁸ efeitos na leiturabilidade do público-alvo infantojuvenil brasileiro.

Considerando os objetivos a que se propõe este estudo e com base nos dois princípios de tradução de LIJ estabelecidos por Shavit (1986), expostos no 1.1, Estudos da tradução na interface com literatura infantojuvenil, formulam-se, a seguir, algumas perguntas de pesquisa,

⁸ O termo “possível” foi tomado de empréstimo de Coillie (2006, p. 124) quando sugere que não se pode medir os efeitos reais de uma tradução sobre seus leitores, a menos que analise esses efeitos em termos de recepção. Esta pesquisa está interessada na investigação textual e não em termos de recepção. Portanto, investiga os “possíveis” efeitos na leiturabilidade do texto traduzido para um público-alvo infantojuvenil.

que se pretende, ao respondê-las, corroborar ou refutar a hipótese inicial desta pesquisa.

- (i) Quais os tipos de presença discursiva a tradução de *The Secret Garden* apresenta em termos de referencial informativo, “autorreflexividade e autorreferencialidade” e “sobredeterminação contextual”⁹?
- (ii) Onde, no texto traduzido, a presença da tradutora parece ser mais perceptível? E por quê?
- (iii) Através de quais procedimentos de tradução a presença discursiva da tradutora se manifesta no texto traduzido?

1.3 JUSTIFICATIVA

Apesar dos “estudos da LIJ na tradução terem sido muito beneficiados pelos desenvolvimentos teóricos na área dos estudos literários¹⁰ e dos estudos da tradução¹¹ das últimas décadas”¹² (COILLIE & VERSCHUEREN, 2006, p. vi, tradução nossa) e do grande movimento editorial que tem acontecido na área da LIJ traduzida, principalmente no Brasil¹³, a tradução de LIJ ainda não tem

⁹ Essa é a metalinguagem utilizada por Hermans (1996) ao definir voz ou presença discursiva do tradutor. Mais detalhes sobre esse assunto no capítulo 2, Revisão da Literatura.

¹⁰ Por desenvolvimentos teóricos dos estudos literários, Coillie & Verschueren (2006), no prefácio do livro editado por eles, explicam referirem-se ao desenvolvimento da teoria do “polissistema literário” apresentado por Itamar Even-zohar em 1970, o qual sugere que literaturas marginalizadas, tais como, a literatura infantojuvenil e literatura traduzida, podem adquirir status de relevância no sistema literário (MUNDAY, 2009, p. 215). A teoria do “polissistema literário” não será abordada nesta dissertação por não ser o objetivo desta pesquisa, mas de uma pesquisa futura.

¹¹ De acordo com Coillie & Verschueren (Ibid.) por desenvolvimentos teóricos dos estudos da tradução, entende-se a concepção dos Estudos da Tradução como disciplina, a partir do texto seminal de Holmes (1970). O desenvolvimento dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT) introduzidos por Gideon Toury (1995), marcando a mudança de foco do paradigma prescritivo para o descritivo. A discussão de Venuti (1995) sobre os conceitos da (in)visibilidade do tradutor, estrangeirização e domesticação. E o estabelecimento da concepção de infância, bem como a imagem própria de infância entre os envolvidos no processo tradutório da LIJ (OITTINEN, 2000). A discussão sobre os desenvolvimentos dos estudos da tradução será no capítulo 2, Revisão da Literatura.

¹² “Over the last few decades, the study of children’s literature in translation has benefited greatly from theoretical developments in the fields of literary studies and translations studies” (COILLIE & VERSCHUEREN, 2006).

¹³ Uma pesquisa da Fipe, em 2008, revela um crescimento de 41% de títulos da Literatura Juvenil e de 14% de títulos de Literatura Infantil, em relação ao ano de 2007. Porém, a Fipe não informa em seu relatório, o percentual de traduções para o Português do Brasil em relação à produção nacional de Literatura Infantojuvenil. Dados disponíveis em: www.panoramaeditorial.com.br/textos.asp?codigo=16 Acesso em: 07/05/2011.

sido pesquisada e estudada com a intensidade e amplitude que mereceria, como observa O'CONNEL (2006, p. 15, tradução nossa):

Literatura infantojuvenil tem sido durante muito tempo objeto de intensa atividade tradutória e, então, foi para mim uma grande surpresa descobrir recentemente a extensão a que essa área permanece amplamente ignorada pelos teóricos, editores e instituições acadêmicas envolvidas em pesquisas de tradução e treinamento¹⁴.

Segundo Klingberg (1986, p. 10), a LIJ deve ser considerada como uma forma especial de literatura devido às suas especificidades, que devem ser observadas na sua tradução. Embora considere que, em muitos aspectos, os problemas de tradução de LIJ assemelham-se aos da tradução da literatura para adultos, como pode ser observado em suas próprias palavras:

Não é possível estabelecer uma delimitação entre os problemas de tradução de um livro para crianças e um livro para adultos. Em muitos aspectos, a tradução de um livro para crianças e jovens adolescentes oferece os mesmos problemas que qualquer tradução. Poderia se considerar que não há distinção nenhuma. Isto estaria de acordo com a visão moderna e comum, de que literatura infantojuvenil não é uma forma especial de literatura. A literatura infantojuvenil deve ser tratada como tal e, portanto, ser traduzida como tal. [...] Contudo, há alguns problemas de tradução que se acentuam quando um livro para crianças e adolescentes está sendo traduzido¹⁵ (Ibid., tradução nossa).

¹⁴ “Children’s literature has long being the site of tremendous translation activity and so it has come as something of a surprise to me to discover recently the extent to which this area remains largely ignored by theorists, publishers and academic institutions involved in translation research and training” (O’CONNEL, 2006, p. 15).

¹⁵ “It is not possible to define a clear boundary between the problems of translating a book for children and a book for adults. In many respects a translation of a children’s book will offer the same problems as any translation. It could be held that there should be no distinction. This would be in accordance with the common modern view that children’s literature is no special form of literature. Children’s literature, should be treated as such and thus be translated as such. [...] But on the other hand there are certain problems of translation which are accentuated when children’s book is being translated” (KLINGBERG, 1986, p. 10).

Depreende-se, da citação acima, que a LIJ tem características próprias, únicas, desafiadoras para sua tradução e, portanto, exige um tradutor qualificado, capaz de tomar decisões e solucionar os problemas de tradução com muita criatividade, que consiga dialogar com as várias instâncias presentes na tradução, cujo leitor-alvo é o infantojuvenil.

Portanto, por suas características distintivas, pelas complexidades que apresenta na sua tradução, pelas funções que exerce sobre o leitor ainda em formação e pelo papel mediador controverso, mas de fundamental importância, do tradutor desse gênero literário, os Estudos da Tradução na interface com LIJ requerem muito mais pesquisas do que tem-se apresentado até agora. Esse é ainda um campo de pesquisa tímido, pouco explorado, como pode ser comprovado pelo levantamento realizado por Fernandes (2004) e Santos (2010).

1.3.1 Revisão das pesquisas que exploram a interface estudos da tradução e literatura infantojuvenil

A fim de ilustrar a relevância de pesquisas no campo interdisciplinar, que também é o escolhido por este estudo, utilizou-se do levantamento realizado por Fernandes, em sua pesquisa de doutorado de 2004, e por Santos, em sua pesquisa de mestrado de 2010. Fernandes (Ibid.) faz um levantamento internacional de teóricos e pesquisadores da interface Estudos da Tradução e LIJ. Em seus achados estão Klingberg (1986), Shavit (1986), Oitinen (1993), Puurtinen (1995) e Cay Dollerup's (1999), além de uma publicação especial do jornal de tradução canadense META (2003, vol. 48, n. 1-2), dedicada à tradução de LIJ. Quanto aos pesquisadores brasileiros nesse campo interdisciplinar, Fernandes menciona: Vieira (1998) e Borba (1999). A pesquisa de Santos (Ibid.), por sua vez, faz um levantamento de trabalhos realizados nessa interface, no Brasil, no período de 2004 a 2007. Iniciando pelas teses de doutorado, menciona Fernandes (2004), Pinto (2004), Vieira (2004) e Borba (2006); quanto às dissertações, são apontadas as de Conde (2005), Jolkesky (2007) e Zorzato (2007). Santos observa que apesar de sua pesquisa ser apenas introdutória e ter envolvido somente teses e dissertações ilustra um cenário brasileiro cobrindo um campo de pesquisa, o da interface Estudos da tradução e LIJ, ainda em seu estágio inicial de desenvolvimento.

Sem ter a pretensão de fazer um levantamento exaustivo das pesquisas realizadas na interface Estudos da Tradução e LIJ, a partir da pesquisa realizada por Fernandes e Santos apresentada acima, serão mencionados, da área internacional, alguns teóricos e pesquisadores que

se sobressaíram com publicações na área e também fazem parte das referências bibliográficas utilizadas nesta pesquisa, como, por exemplo, O'Sullivan (2002), Lathey (2006; 2010), O'Connel (2006), Van Coillie, (2006) e Verschueren (2006). E no contexto brasileiro, em nível de Teses e Dissertações, este estudo aponta as dissertações de Adriana Santos (2009) e de Caroline Santos (2010).

Ao fazer uma revisão das pesquisas que tratam dessa interface, mas, mais especificamente, do assunto que trata esta pesquisa, verificou-se que é um campo ainda mais tímido. Muitos são os estudos que envolvem a leiturabilidade de textos diversos dirigidos ao leitor adulto (Ver DuBay, 2004). No entanto, são poucos os pesquisadores que desenvolveram esse tema de característica complexa no âmbito da tradução na interface com LIJ, cujo público leitor é o infantojuvenil (ver FERNANDES, 2004 e item 2.4.2, Leiturabilidade, do capítulo 2 deste estudo)¹⁶. Já com relação a pesquisas sobre a voz do tradutor ou presença discursiva do tradutor, seguindo a definição de Hermans (1996), mesmo na tradução de literatura adulta, são poucos os trabalhos encontrados. Nesta área, podemos citar o trabalho de Bosseaux (2001), que investiga a tradução de itens lexicais específicos. Na área de tradução de LIJ, há o trabalho de O'Sullivan (2003), que discute a inclusão de um tradutor implícito nos modelos de narrativas comunicativas, e Lathey (2006), que discute a voz do tradutor explícita em prefácios de LIJ.

Portanto, considera-se esta pesquisa na área dos Estudos da Tradução na interface com Literatura Infantojuvenil, cujo objetivo é investigar a voz do tradutor como presença discursiva no texto traduzido em função da leiturabilidade desse texto pelo leitor infantojuvenil, de extrema relevância, assim como a escolha do objeto desta pesquisa, *The Secret Garden*, que será justificada a seguir.

1.3.2 Objeto de estudo

A escolha pela narrativa *The Secret Garden* (1911) como objeto desta pesquisa deve-se ao fato de ser um clássico centenário da LIJ universal, representante de um momento histórico de muitas transformações políticas, culturais, ideológicas e de descobertas científicas, cujas grandes preocupações eram concernentes ao bem-estar

¹⁶ Uma breve apresentação das pesquisas na interface Estudos da Tradução e LIJ que abordam a leiturabilidade de textos traduzidos em relação ao leitor infantojuvenil tomará lugar na introdução do item 2.4.1 do capítulo 2.

da criança e ao sufrágio feminino (LERER, 1995, p. 255). Esse período, compreendido entre a segunda metade do século XIX e a Primeira Guerra Mundial, conhecido também como “La Belle Epoque” (Ibid.) ou “Era de Ouro”¹⁷ da LIJ mundial (MACHADO, p. 111) é considerado um marco desse gênero literário, pois é quando a concepção da infância é estabelecida e passa-se a observar as necessidades das crianças e dos jovens. A partir de então, surge uma literatura escrita tendo em vista um leitor infantojuvenil e não mais apenas traduzida e adaptada da literatura para adultos. Nasce aí um novo gênero literário: a literatura infantojuvenil. E é nesse período finissecular que são criadas as primeiras obras escritas e dirigidas ao público infantojuvenil¹⁸ (COELHO, 2010, p. 147-170). Apesar dos poucos anos de duração, a Era de Ouro da LIJ “produziu um cânone de autores e trabalhos que ainda hoje exercem poderosa influência neste campo”¹⁹, como pode dizer com autoridade Seth Lerer²⁰, que escreveu uma retrospectiva histórica da LIJ, (1995, p. 254, tradução nossa), como, por exemplo, os *Contos de Andersen* (1815-1872), *Alice in Wonderland* (1865), *Pinóquio* (1883), *Peter Rabbit* (1902), *Peter Pan* (1904), *The Wind in The Willows* (1908) e *The Secret Garden* (1911)²¹. Características desse fenômeno, como o fascínio pela criança e pelos livros infantis, pelas ciências espirituais, pela psique, pelo oculto pelo fantástico e pelo sobrenatural podem ser observadas na Modernidade, Pós-Modernidade e até mesmo na Época Contemporânea (Ibid., p. 253-273).

Segundo Coelho (2010, p. 223 - 224), esse período de entresséculos foi o precursor imediato da literatura infantojuvenil brasileira²², que, por sua vez, tomou os modelos literários que a

¹⁷ Uma breve retrospectiva histórica do desenvolvimento da concepção da infância, desde Perrault (final do século XVII) até a “Era de Ouro” da LIJ (segunda metade do século XIX), pode ser verificada no capítulo 2, Revisão da Literatura, Definindo Literatura Infantojuvenil.

¹⁸ As obras lidas pelas crianças na primeira metade do século XIX, em sua maioria, foram escritas, primeiramente, visando um leitor adulto, porém, como diz Coelho (2010, p. 148) “por um desses processos misteriosos que fazem de um livro sucesso, acabaram conquistando o público jovem”.

¹⁹ “[...] produced a canon of authors and works that are still powerfully influential in the field” (LERER, 1995, p. 254).

²⁰ Seth Lerer, autor de *Children’s Literature – a Reader’s History From Aesop to Harry Potter* (1995).

²¹ A fonte das datas de criação das obras *The Wind in The Willows* e *Peter Rabbit* é HUNT (2001, p. 107 e 244). Já, a fonte das datas das outras obras citadas é COELHO (2010, p. 147-178).

²² A literatura infantojuvenil brasileira desenvolveu-se nesse período de entresséculos (1861 - 1919), de grandes transformações econômicas (substituição do trabalho escravo pelo trabalho remunerado - 1888) e políticas (Proclamação da República em substituição do Regime Monárquico). É nesse período que acontece um considerável aumento de traduções e

antecederam, representantes da atividade literária da época, como base para sua construção.

Esse clássico da LIJ, *The Secret Garden*, também faz parte de um movimento cultural e literário, o Realismo²³, que, de acordo com Coelho (1985, p. 32), teve mais força na segunda metade do século XIX, aproximadamente. Essa pesquisadora informa que o movimento surgiu a partir da imposição causada pelo desenvolvimento científico, gerando narrativas para crianças baseadas em fatos reais do cotidiano. A princípio, o objeto desse estudo é uma obra predominantemente Realista, porém, ao ser analisada com mais cuidado, denotam-se importantes características da fantasia, do “maravilhoso”²⁴. Portanto, para fins deste trabalho, *The Secret Garden* será considerado uma obra do Realismo Mágico, como forma básica de literatura²⁵.

Quanto à escolha da tradução de Ana Maria Machado, *O Jardim Secreto* (1993), deve-se ao fato de Machado ser uma escritora de reconhecimento internacional, conhecida e premiada por sua obra dirigida ao leitor infantojuvenil, o que lhe concede credibilidade também como tradutora de LIJ²⁶.

1.4 ARCABOUÇO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Para confirmar a hipótese deste estudo é preciso operacionalizá-la, ou seja, testá-la na prática. Para tal, estabeleço o arcabouço teórico e metodológico a ser seguido:

O mapa deste estudo seguirá o modelo teórico e metodológico preconizado por Fernandes (2004) (ver Figura 1-1), o qual se desenvolve na perspectiva interdisciplinar dos Estudos da Tradução (ET), Tradução de Literatura Infantojuvenil (TLIJ), Estudos Descritivos da Tradução (EDT) e utiliza como método de pesquisa os Estudos da Tradução com base em Corpus (ETC).

adaptações da LIJ, incitando uma nova consciência de valorização da Literatura Infantojuvenil Brasileira (COELHO, 2010, p. 219 - 220).

²³ As formas básica de literatura, Realismo, Fantasia e Realismo Mágico serão abordadas mais detalhadamente, através de uma retrospectiva histórica, no capítulo 2, Revisão da Literatura.

²⁴ “Maravilhoso” termo usado por Coelho como sinônimo de “mágico”.

²⁵ A obra *The Secret Garden* é abordada na introdução, apenas para justificar a escolha como objeto de estudo desta pesquisa. Mais detalhes a respeito dessa obra, bem como, sobre sua autora e tradutora serão apresentados no capítulo 3, seção 3.1.4, Aspectos Extralinguísticos.

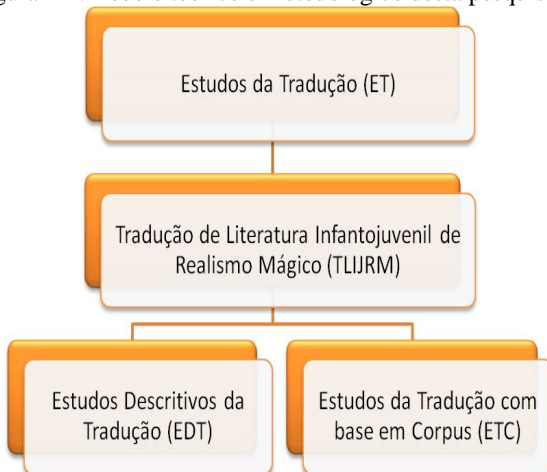
²⁶ Ver capítulo 3, seção 3.1.4.2 Sobre a tradutora: Ana Maria Machado.

Figura 1-1: Modelo teórico e metodológico adotado por Fernandes (2004).



A particularidade do modelo teórico deste estudo está na disciplina Tradução de Literatura Infantojuvenil de Realismo Mágico (doravante TLIJRM). Desse modo, o arcabouço teórico e metodológico que norteará esta pesquisa está representado no diagrama abaixo (ver Figura 1-2):

Figura 1-2: Modelo teórico e metodológico desta pesquisa.



Portanto, o presente estudo, inserido no campo interdisciplinar Estudos da Tradução e LIJRM, segue o paradigma teórico, Estudos

Descritivos da Tradução (doravante EDT), informado por Theo Hermans (1999). E com a intenção de responder às perguntas de pesquisa informadas acima, pretende fazer uma análise comparativa entre o texto original e o texto de chegada, com ênfase no produto, na língua-alvo e no receptor infantojuvenil brasileiro.

No levantamento dos dados para posterior análise e descrição, foi adotado o método Estudos da Tradução com base em Corpus (doravante ETC), segundo os pressupostos teóricos de Mona Baker (1993, 1995) e Lincoln Fernandes (2004). Para melhor aproveitar as vantagens oferecidas pelo método ETC, este estudo baseia-se em dados quantitativos, mas, principalmente, em dados qualitativos, por serem estes mais representativos da presença discursiva do tradutor, fenômeno sob investigação no corpus paralelo bilíngue, que foi compilado em formato eletrônico, especificamente para este estudo. Esse corpus é composto de uma obra da LIJ pertencente ao sistema literário inglês, traduzida para a Língua Portuguesa do Brasil. O texto-fonte, como já informado, é o livro *The Secret Garden* (1911), escrito por Frances Hodgson Burnet, e sua tradução, *O Jardim Secreto* (1993), de Ana Maria Machado. O corpus desta pesquisa está inserido no COPA - LIJ – Corpus Paralelo Português – Inglês de Literatura Infantojuvenil (FERNANDES; SILVA; FLEUR, 2011), um dos subcorpus do COPA - TRAD – Corpus Paralelo de Tradução (Ibid.), que por sua vez encontra-se abrigado no website do Grupo de Pesquisa TRACOR²⁷. Através de suas ferramentas eletrônicas, que contribuem na pesquisa empírica com agilidade e precisão, as categorias de análise deste estudo são identificadas ou selecionadas automaticamente ou semiautomaticamente (Baker, 1995, p. 225). Este último, devido à necessária e constante intervenção manual e interpretativa do pesquisador. Para a efetiva extração de dados do corpus desta pesquisa, são utilizados os concordanceadores bilíngues oferecidos pelo COPA - TRAD (op. cit.), através de nódulos ou palavras de pesquisa, que levam às categorias de análise, em nível de contexto cultural e de linguagem.

Para a descrição dos dados, após análise, foi adotada como categoria de análise, a classificação das estratégias de tradução aplicadas aos itens de especificidade cultural de Aixelá (1996), que apesar de não ter sido criada para descrição de tradução de LIJ, possibilitou um detalhamento na análise e descrição do corpus em questão de acordo com a presença discursiva ou as interferências da tradutora detectadas, que se impõem na tradução.

²⁷ Website do Grupo de Pesquisa TRACOR: <http://www.tracor.ufsc.br>

1.5 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Esta pesquisa é composta pelo capítulo 1, Introdução, onde foram apresentadas de forma panorâmica a contextualização da interface Estudos da Tradução e LIJ, os objetivos, a hipótese, as justificativas quanto ao campo interdisciplinar, mostrando um rastreamento das pesquisas já realizadas na área, e quanto à escolha do objeto de estudo, o modelo teórico e metodológico que norteia esta pesquisa e a estrutura organizacional. Os demais capítulos serão delineados a seguir.

O Capítulo 2 ou Revisão da Literatura, como o próprio nome diz, faz a revisão da literatura e é subdividido em subcapítulos. O primeiro expõe o desenvolvimento da disciplina Estudos da Tradução, a partir do texto seminal de Holmes; o segundo fala sobre a afiliação aos Estudos Descritivos da Tradução (EDT), cuja fundamentação teórica é de Theo Hermans (1999); a terceira parte apresenta o método utilizado para levantamento dos dados de análise para posterior descrição do corpus deste estudo, Estudos da Tradução com base em Corpus (ETC), introduzidos por Baker (1993,1995), mas sob a perspectiva de Fernandes (2004); a quarta parte, denominada Tradução de Literatura Infantojuvenil, informa a definição de Literatura Infantojuvenil que guia este estudo e apresenta uma das características específicas da LIJ que influencia diretamente na sua tradução, a leiturabilidade, que, nesta pesquisa, é investigada em relação à presença discursiva da tradutora de *The Secret Garden*. Ainda neste subcapítulo, é realizada uma retrospectiva histórica da forma básica de literatura, abrangendo a discussão sobre o modelo literário de Realismo Mágico, presente no corpus desta pesquisa. Apresenta também, o conceito e a contextualização da metalinguagem “voz do tradutor” ou “presença discursiva do tradutor” definida por Hermans (1996). A definição de estratégias de tradução e procedimentos de tradução. E por fim, discorre sobre a classificação dos procedimentos de tradução de Aixelá (1996) aplicadas aos itens de especificidade cultural, utilizada por este estudo para descrever os procedimentos de tradução que representam a voz do tradutor como presença discursiva, apontados por Hermans (op. cit.). O capítulo 3 inicia por apresentar o corpus da pesquisa, seu objeto de estudo, o texto-fonte e sua tradução, através de uma breve biografia da autora, Frances Hodgson Burnett, e sua obra *The Secret Garden*, e da tradutora Ana Maria Machado e sua tradução *O Jardim Secreto*. São informados, também neste capítulo, os passos para a compilação do corpus especialmente para este estudo e os procedimentos metodológicos utilizados para o levantamento de dados desse corpus.

Após, são realizadas a análise e descrição dos dados através da classificação dos procedimentos de tradução dos itens de especificidade cultural de Aixelá (1996), que representam a voz do tradutor como presença discursiva na tradução, corpus desta pesquisa.

Ainda, as considerações finais, onde são retomadas as perguntas de pesquisa para verificar se os resultados corroboram ou refutam a hipótese inicial desta pesquisa e também onde são feitas sugestões para futuras pesquisas.

Por fim, as Referências, onde serão informadas as obras e seus autores citados no desenvolvimento deste estudo, assim como os livros e autores consultados, que serviram de sustentação teórica a este estudo.

Devidamente contextualizada, justificada e fundamentada esta pesquisa, hipótese e perguntas de pesquisa levantadas nesta introdução, bem como método a ser utilizado para levantamento e análise de dados e a estrutura organizacional da dissertação, o próximo capítulo discorrerá sobre a Revisão da Literatura, a começar pelo estabelecimento dos Estudos da Tradução como disciplina.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 DISCIPLINA ESTUDOS DA TRADUÇÃO

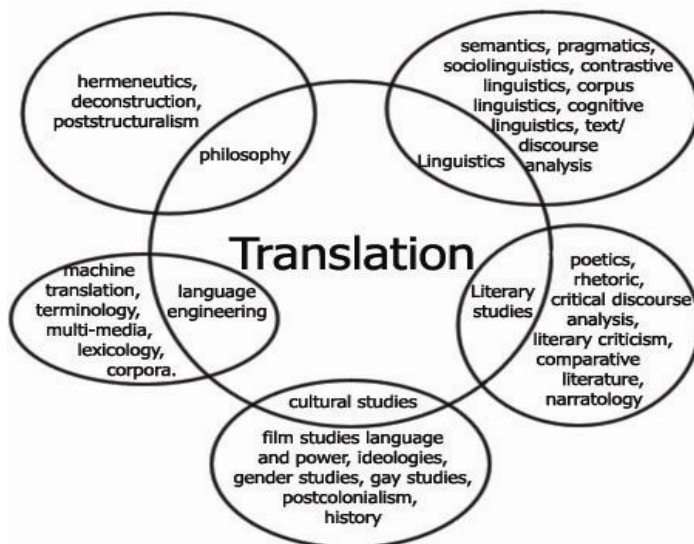
A Tradução tem sido estudada há muitos séculos, porém, os Estudos da Tradução passaram a ser considerados uma disciplina após Holmes ter abordado em seu texto “seminal” (BAKER, 1992, p. 227), “The Name and Nature of Translation Studies” (HOLMES, 1972/1988)²⁸, da necessidade dessa atividade ter seu próprio campo de estudos. Depois de discutir e explicar a importância de fazer uso de uma terminologia adequada a um determinado campo de estudos (no caso Estudos da Tradução), Holmes sugere que, o que era considerada apenas uma atividade de pesquisa inserida em outras disciplinas, deveria ser considerada, a partir de então, como um campo disciplinar. Com isto, Holmes conseguiu fundar um novo campo disciplinar, que, na época, era um campo de estudos mais restrito, com concentração em tradução literária, segundo Mona Baker (op. cit.).

“Let the meta-discussion begin” (Holmes, 1988, p. 79). Com essa frase Holmes termina seu famoso texto, o já informado acima. Para utilizar uma terminologia mais adequada, ele chamou essa disciplina de “Translation Studies”, traduzida para o Português do Brasil como “Estudos da Tradução”. Com a frase supracitada, Holmes, despretensiosamente, finaliza seu texto convidando pesquisadores da área a pesquisar, discutir e dar suas contribuições ao novo campo disciplinar.

Estudos da Tradução, apesar de ser uma disciplina nova, ainda em construção, segundo Hatim e Munday (2004, p. 8) é um campo de conhecimento interdisciplinar por fazer interface de conhecimentos com muitas outras disciplinas. Tais como Linguística, Sociologia, Psicologia, Estudos Literários, entre outras, como ilustra a Figura 2-1

²⁸ Texto fundacional da disciplina emergente “Translation Studies”. Holmes apresentou este texto num congresso em Amsterdã, em agosto de 1972, e este foi publicado em 1988/2000.

Figura 2-1: Mapa das disciplinas que fazem interface com os Estudos da Tradução (HATIM; MUNDAY, 2004, P. 08).



Os Estudos da Tradução, por ter esta característica interdisciplinar, importou termos dessas disciplinas e transformou-os em terminologia padrão, utilizada nas pesquisas na área de Estudos da Tradução. Além disso, são muitos os pesquisadores que contribuíram e ainda contribuem para a construção da metalinguagem da disciplina. Eles vêm de todos os lugares do mundo, falantes de línguas diferentes. Contudo, é importante que usem a mesma metalinguagem, a terminologia própria da disciplina, para fazer contribuições ao campo disciplinar Estudos da Tradução. É importante salientar que, ao usar uma determinada terminologia, o pesquisador efetiva sua afiliação à teoria e ao teórico que definiu esta metalinguagem (HOLMES, 1988, p. 68-69).

Ian Mason (2009, p. 04, tradução nossa) caracteriza os Estudos da Tradução como:

- Uma disciplina emergente, que precisa desenvolver sua própria estrutura, métodos, terminologia, [...];

- Uma interdisciplina [...], um tipo de *gestalt*, com base em diversas disciplinas correlatas, mas uma área de pesquisa acadêmica de reconhecimento próprio;
- Multidisciplinar, ou seja, conduzida dentro de uma variedade de disciplinas independentes (mas que se sobrepõem), cujos métodos podem ser bastante diferentes, apoiados em suposições muito diferentes. Um levantamento dos conteúdos das principais revistas dos Estudos da Tradução mais recentes revelaria o quão variadas são as estruturas metodológicas em uso.²⁹

Esse campo disciplinar em desenvolvimento foi primeiro mapeado por Holmes, que dividiu a disciplina em duas áreas, *Área da Tradução Aplicada*³⁰, subdividida em *Crítica em Tradução*, *Tecnologia em Tradução e Formação em Tradução*³¹; e *Área de Tradução Pura*³², que é subdividida em *Descrição e Teoria da Tradução*³³. A ênfase está nas análises descritivas da tradução, com concentração no texto traduzido, na investigação do processo mental do tradutor e na descrição do tradutor em seu contexto sócio-cultural. Holmes coloca que os três ramos dos Estudos da Tradução por ele mapeados estão relacionados entre si. A descrição fornece dados para construir a teoria, que vai ser posta em prática. Quanto à *Teoria da tradução*³⁴, é subdividida em Teoria Geral da Tradução e Teoria Parcial da Tradução³⁵. Esta última restringe a teoria a cinco aspectos: *restrito ao meio*, *restrito à área*, *restrito à categoria*, *restrito ao tipo de texto* e *restrito ao tempo*³⁶.

²⁹ “An emergent discipline, needing to develop its own framework, methods, terminology, [...]; An interdiscipline [...], a kind of gestalt, drawing on various cognate disciplines but a recognizable area of academic enquiry in its own right;

Multi-disciplinary - i.e. conducted within a variety of independent (but overlapping) disciplines whose methods may be quite dissimilar, resting on very different assumptions. A survey of the contents of the major TS journals in recent times would reveal just how varied are the methodological frameworks in use.” (MASON, 2009, p. 4)

³⁰ “Applied Translation Area” (HOLMES, 1988).

³¹ Translation Criticism, translation Aids e Translation Training” (Ibid.).

³² “Pure Translation Area” (Ibidem.).

³³ “Description e Translation Theory” (Ibidem.).

³⁴ “Translation Theory” (Ibidem.).

³⁵ “General Translation Theory e Partial Translation Theory” (Ibidem.).

³⁶ “medium-restricted, área-restricted, rank restricted, text type restricted and time-restricted” (Ibidem.).

Holmes pontua, ainda, o aspecto da dimensão histórica e da dimensão metodológica contidas nas áreas de conhecimento da disciplina.

Segundo Baker (1992, p. 277), os Estudos da Tradução, por ser uma disciplina ainda em desenvolvimento, seu mapeamento tem sido uma atividade em constante modificação. Apresenta-se aqui o mapa de Williams & Chesterman (W & C, 2002), com um rol de doze subáreas de pesquisa em tradução, para que o pesquisador iniciante encontre onde está inserida sua linha de pesquisa, ou, ainda, mostrar as opções que o pesquisador tem para desenvolver sua linha de pesquisa. Elas são: *Análise de Texto e Tradução*; *Avaliação da Qualidade da tradução*; *Tradução de Gênero*; *Tradução de Multimídia*; *Tradução e Tecnologia*; *História da Tradução*; *Ética na Tradução*; *Terminologia e Glossário*; *Interpretação*; *O Processo da Tradução*; *formação de Tradutores e a Profissão de Tradução*³⁷. A primeira subárea de pesquisa apontada é *Análise de Texto e Tradução*. Esta possui três tipos de análise, sendo uma delas a comparação entre traduções e seu texto fonte, enfatizando os estudos na tradução. Aqui, observa-se uma similaridade com o mapa de Holmes, que também apresenta uma subdivisão com foco no produto. Outra similaridade encontra-se na segunda subárea disposta no mapa de Williams & Chesterman, *Avaliação da Qualidade da Tradução*, contudo, enquanto a abordagem para Holmes é feita ao nível de práticas de tradução, em W & C ela é analisada em termos do produto. A quarta subárea, *Tradução e Tecnologia*, foi apontada por Holmes como uma subdivisão dos Estudos Aplicados, porém, no mapa de W & C é considerada uma subárea de pesquisa, tamanho foi o desenvolvimento da tecnologia na área da tradução. Hoje já temos a ferramenta estudos de corpora³⁸, muito utilizada na pesquisa empírica. A décima subárea de pesquisa, *O Processo da Tradução*, em sua subdivisão tem a ver com a subdivisão dos Estudos Descritivos de Holmes, *Orientação ao Processo*, que investiga “o processo de tomada de decisão interno do tradutor”³⁹ (Williams & Chesterman, 2002, p. 25).

O mapa de Holmes, ainda hoje, é considerado uma estrutura teórica sólida, utilizada como base para o desenvolvimento de pesquisas na área dos Estudos da Tradução. Contudo, comparando o mapa de

³⁷ “Text Analysis and Translation; Translation Quality Assessment; Genre Translation; Multimedia Translation; Translation and Technology; Translation History; Translation Ethics; Terminology and Glossaries; Interpreting; The Translation Process; Translator Training; and The Translation Profession” (W & C, 2002).

³⁸ O método Estudos da Tradução com Base em Corpus será abordado neste capítulo, subcapítulo 2.3.

³⁹ “the translator’s internal decision-making process” (Williams & Chesterman, 2002, p. 25).

Holmes (1988) com o de Williams & Chesterman (op. cit.), percebe-se claramente que no último, por ser mais recente, já se faz uso da natureza interdisciplinar dessa disciplina, ampliando, dessa forma, sua área de abrangência de pesquisas.

Apesar de ser uma disciplina acadêmica ainda muito nova, cerca de quatro décadas, já foi possível verificar que os Estudos da Tradução formam uma disciplina de vasta abrangência. Portanto, hoje, os Estudos da Tradução preocupam-se em estudar “os fenômenos de traduzir e de tradução nas formas como são manifestados”⁴⁰ (op. cit., p. 128, tradução nossa).

A próxima seção apresentará o paradigma Estudos Descritivos da Tradução, abordagem que guia este estudo, segundo os pressupostos teóricos de Theo Hermans.

2.2 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO

Em seu lado positivo, o paradigma ‘descritivo’ aponta para um interesse na tradução como ela realmente ocorre, agora e no passado, como parte da história cultural (HERMANS, 1999, p. 7, tradução nossa)⁴¹.

Este estudo tem como afiliação teórica os Estudos Descritivos da Tradução, cuja fundamentação teórica é de Theo Hermans (1999). De acordo com esse teórico, EDT é uma abordagem teórica ou paradigma⁴², cujo pioneiro foi o teórico James Holmes (1972), que o introduziu em seu mapeamento da disciplina como parte da área “pura” da tradução, já mencionada na seção anterior. Hermans (Ibid., p. 8) sugere que EDT não é uma abordagem unificada, já que são muitas as linhas seguidas sob essa abordagem teórica, o que a torna um assunto polêmico.

⁴⁰ “the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves” (HOLMES, 1988, p. 128, tradução nossa).

⁴¹ “On the positive side ‘descriptive’ points to an interest in translation as it actually occurs, now and in the past, as part of cultural history (HERMANS, 1999, p. 7).

⁴² Paradigma é um termo criado por Thomas Kuhn em seu livro *The Structure of Scientific Revolutions*, (1962). Para fins desta pesquisa o termo paradigma é definido por Crane (apud HERMANS, 1999, p. 9) como “um modelo de realização científica que define diretrizes para a pesquisa”, e como “forma de condução de pesquisa sobre um problema específico, um dispositivo de resolução de problemas”.

Nos primeiros anos dos EDT, consoante Hermans (1999, p. 7 – 15), apesar dos teóricos estarem em lugares diferentes do mundo, por isso o chamado “invisible college”, todos seguiam o mesmo modelo teórico e havia um consenso de ideias. Nos primeiros anos de formação dessa perspectiva teórica, além de Holmes (1972/1988), são dois os representantes mais significativos, cujas publicações merecem ser citadas, *Papers in Historical Poetics* (1979), de Itamar Even-Zohar, que traz a Teoria dos Polissistemas, e *In Search of a Theory of Translation* (1980), de Gideon Toury, cuja ênfase está no ramo “aplicado” dos Estudos da Tradução. Com os desenvolvimentos das pesquisas de cada um dos pertencentes ao “invisible college”, foram surgindo novas e relevantes linhas teóricas sob o prisma do paradigma descritivo. Em 1985, a coletânea de ensaios de Hermans, *The Manipulation of Literature*, dá origem ao Grupo da Manipulação. De acordo com Hermans (op. cit., p. 8), o termo “Manipulação” foi sugerido por André Lefevere, que seguiu a linha teórica de que em toda tradução há a manipulação do texto fonte de acordo com algum objetivo.

A partir de 1985, houve uma mudança de foco nos EDT e por isso passou a ser considerado como um novo paradigma. O novo paradigma EDT surge fazendo oposição ao paradigma prescritivo. É quando toma força e rumo à sua consolidação. Hermans (1999, p. 7, tradução nossa) define os EDT:

O termo mais comumente usado é ‘descritivo’ como em ‘abordagem descritiva’ ou ‘estudos descritivos da tradução’. Seu início data dos anos 70 e sua força polêmica deriva da oposição deliberada aos estudos ‘prescritivos’ da tradução. Visto por esse prisma, o termo ‘estudos descritivos da tradução’ assinala a rejeição da ideia de que estudos da tradução devem ser orientados primeiramente para a formulação de leis, normas ou diretrizes para a prática ou avaliação da tradução ou para o desenvolvimento de instrumentos didáticos para a formação de tradutores. Em seu lado positivo, o paradigma ‘descritivo’ aponta para um interesse na tradução como ela realmente ocorre, agora e no passado, como parte da história cultural. Ele busca compreender o fenômeno e o impacto da tradução sem querer imediatamente trazer isso de volta à

aplicação prática a fim de beneficiar tradutores, críticos ou professores. Devido focar em aspectos observáveis da tradução, esse paradigma tem sido chamado também de ‘empírico’. E por entender que a investigação da tradução pode iniciar também com a tradução em si e seu ambiente imediato, ou seja, com traduções e seus contextos ao invés de seus originais, o termo estudos da tradução ‘produto orientado’ também se aplica, distinguindo essa perspectiva da abordagem ‘foco no texto-fonte’⁴³.

Essa definição do paradigma descritivo ou Estudos Descritivos da Tradução sugere uma orientação para a descrição do fenômeno tradutório após observação e análise do texto dentro do contexto cultural da língua-alvo. Diferente, portanto, de uma abordagem que busca avaliar a tradução em relação ao seu original, caracterizando-se como um paradigma prescritivo ou normativo que busca a formulação de leis e normas que servirão como guias de tradução.

Theo Hermans, em seu livro *Translation in Systems – Descriptive Approaches Explained* (1999), como o próprio nome diz, apresenta o desenvolvimento do paradigma EDT. Ele aponta Gideon Toury como o teórico que mais contribuiu para o desenvolvimento e propagação do modelo descritivo dos estudos da tradução, mas, também, cujo trabalho, em alguns aspectos, foi o mais debatido e criticado (Ibid., p. 35). Apesar disso, é importante conhecer o trabalho desse teórico para compreender o paradigma descritivo.

De acordo com Hermans (Ibid, p. 47-49), Toury, a princípio, entendia que o principal objetivo do descritivismo era avaliar a tradução

⁴³ “The term most commonly used is ‘descriptive’, as in ‘the descriptive approach’ or ‘descriptive translation studies’. It dates from the early 1970s and derives its polemical force from the deliberate opposition to ‘prescriptive’ translation studies. Seen in this light the term ‘descriptive translation studies’ signals the rejection of the idea that the study of translation should be geared primarily to formulating rules, norms or guidelines for the practice or evaluation of translation or to developing didactic instruments for translator training. On the positive side ‘descriptive’ points to an interest in translation as it actually occurs, now and in the past, as part of cultural history. It seeks insight into the phenomenon and the impact of translation without immediately wanting to plough that insight back into some practical application to benefit translators, critics or teachers. Because it focuses on the observable aspects of translation, it has been also been called ‘empirical’. And because it holds that the investigation of translation may as well start with the thing itself and its immediate environment, i.e. with translations and their contexts rather than with source texts, the term ‘target-oriented’ translation studies also applies, distinguishing this perspective from ‘source-oriented’ approaches” (HERMANS, 1999, p. 7).

em relação ao seu original. Porém, o próprio teórico concluiu que o conceito de equivalência era problemático e ainda esbarrava na definição de tradução, objeto de estudo da disciplina Estudos da Tradução. A seguir, Hermans (Ibidem, p. 48, tradução nossa) apresenta uma definição prescritivista de tradução, para demonstrar, sob esse prisma teórico “[...] o que os tradutores devem fazer e que requisitos seus textos devem atender para serem aceitos como traduções”⁴⁴.

Equivalência é o objetivo da tradução quando a tradução é vista como um esforço em direção à equivalência, ou pelo menos, um determinado tipo de equivalência que se adapte à ocasião. Ao mesmo tempo, equivalência é a condição prévia da tradução em que somente o texto traduzido que exhibe a quantidade exigida de equivalência, de um tipo correto, é reconhecido como uma tradução válida (HERMANS, 1999, p. 48, tradução nossa)⁴⁵.

Hermans assinala ainda, que Toury, em seu livro *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995), redefiniu sua posição teórica prescritivista inicial e, para por fim à questão problemática da definição de tradução, propôs “a ‘tradução assumida’ como um meio de abranger a variabilidade do objeto de tradução [...]”⁴⁶ (OLOHAN, 2004, p. 17, tradução nossa). Nas palavras de Toury (op. cit., p. 35, tradução nossa):

[...] uma tradução assumida seria considerada como qualquer texto da cultura-alvo para o qual há razões para experimentalmente postular a existência de um outro texto, em outra cultura e língua, do qual presumidamente resultou por operações de transferência e ao qual está agora

⁴⁴ “[...] what translators should do and what requirements their texts must fulfill to be accepted as translations” (HERMANS, 1999, p. 48).

⁴⁵ “Equivalence is the aim of translation in that translation is seen as striving towards equivalence, or at least the particular kind of equivalence which suits the occasion. At the same time, equivalence is the precondition of translation in that only a target text which displays the required amount of equivalence, of the right kind, is recognized as a valid translation” (HERMANS, 1999, p. 48).

⁴⁶ “[...] the ‘assumed translation’ as a way of accounting for the ‘variability’ of the object of translation [...]” (OLOHAN, 2004, p. 17).

preso por certas relações, algumas das quais podem ser consideradas – dentro dessa cultura – como necessárias e/ou suficientes (TOURY, 1995, p. 35, tradução nossa)⁴⁷.

Toury formulou três princípios a serem observados uma vez que a tradução seja considerada como tal. O primeiro princípio, chamado de princípio do texto original, estabelece que, se há uma tradução, com certeza ela deriva de um texto original. De acordo com Hermans (Ibid., p. 50), permanece o problema da definição de tradução no que diz respeito às pseudotraduções, que não têm um texto de origem e que, portanto, não podem ser consideradas traduções. O processo através do qual a tradução deriva do seu texto original, por meio de transferência de algo é o que estabelece o segundo princípio, o princípio da transferência. O que Hermans (Ibidem., p. 51-52, tradução nossa) questiona aqui trata “do que exatamente está sendo transferido, o que permanece invariável e o que está sendo transformado”⁴⁸; e o terceiro princípio, é o das relações entre a tradução, considerada como tal, e seu original. A essa relação Toury denominou “Equivalência”, que Hermans (1999, p. 53, tradução nossa) explica exemplificando:

Caso aceitarmos que A é uma tradução de B, então, também aceitamos que A está em uma relação de equivalência com B. Seguindo essa linha de pensamento, o rótulo ‘equivalência’ é meramente a consequência da tradução ao invés de sua condição; ou mais precisamente: é a consequência da decisão de reconhecer um texto como tradução.⁴⁹

⁴⁷ [...] an assumed translation would be regarded as any target-culture text for which there are reasons to tentatively posit the existence of another text, in another culture and language, from which it was presumed derived by transfer operations and to which it is now tied by certain relationships, some of which may be regarded – within that culture – as necessary and/or sufficient (TOURY, 1995, p. 35)⁴⁷.

⁴⁸ “of what exactly is being transferred, what remains invariant, and what is being transformed” (HERMANS, 1999, p. 52)

⁴⁹ “If we accept that A is a translation of B, then we also accept that A stands in a relation of equivalence of B. In this line of thought the label ‘equivalence’ is merely the consequence of translation instead of its precondition; or more exactly: it is the consequence of the decision to recognize a text as a translation” (Ibid., p. 53).

Para Toury, a verdadeira relação de equivalência entre uma tradução e seu original vai ser determinada observando-se, caso a caso, as escolhas do tradutor. Essas escolhas, por sua vez, são governadas por normas como “instruções performativas”⁵⁰ (Ibid., p. 54 e 96, tradução nossa). O conceito de normas, então, passou a ter lugar central nos EDT nas tomadas de decisão do tradutor, pois delimita o comportamento do tradutor, e, portanto, prescreve suas escolhas determinando a forma do texto final (HERMANS, 2002, p. 5).

No entanto, Hermans (op. cit., p. 76) ressalta que o aspecto mais problemático das normas é o fato de Toury ter disposto as escolhas do tradutor em dois extremos de orientação somente: o polo de adequação, cujas escolhas do tradutor adequam-se às normas da cultura do texto original, e o polo da aceitabilidade, onde a tradução é orientada às normas da cultura de chegada. A questão terminológica, segundo ele, facilmente seria resolvida se trocássemos os termos por “orientado ao original” e “produto-orientado”, respectivamente. Mas uma melhor alternativa seria pensar nas escolhas do tradutor não apenas entre dois polos,

mas como algo que envolve múltiplos fatores, dependendo de como o texto de origem é visto, se ele ou outros textos similares foram traduzidos antes, se a tradução é feita para importação ou exportação, para um falante de qual língua, para qual público leitor ou propósito, e assim por diante. Se traduzir é uma atividade sociocultural, como o conceito de normas sugere, não parece ser interessante tentar conceitualizá-la em termos de uma escolha ao longo de um único eixo (HERMANS, 1999, p. 77, tradução nossa)⁵¹.

Toury não parou por aí, e após ter desenvolvido o conceito de normas, seu objetivo passou a ser a formulação de leis de tradução que prescrevem o comportamento dos tradutores, por obrigá-los a realizar a

⁵⁰ “performance instructions” (Ibid., p. 54 e 96).

⁵¹ “but as involving multiple factors, depending on how the source text is viewed, whether it or similar texts have been translated before, whether the translation is made for import or export, by a speaker of which language, for what audience or purpose, and so on. If translating is a socio-cultural activity, as the norms concept suggests, there seems little point in trying to conceptualize it in terms of a choice along a single axis” (HERMANS, 1999, p. 77).

tradução nos limites impostos por essas leis. Ninguém, no entanto, seguiu Toury neste aspecto, aponta Hermans (Ibid., p. 36).

Hermans (2002, p.5, tradução nossa) vê mais um problema com relação às escolhas do tradutor estarem delimitadas pelas normas de tradução, sejam elas vinculadas à cultura do texto-fonte ou à cultura do texto-alvo:

Normas são informadas por valores e ajudam a assegurá-los. O teor de uma norma é a noção do que é considerado por um grupo específico como correto ou próprio ou apropriado, e isso traz consigo uma carga ideológica. Se traduzir, considerada como uma atividade comunicativa e, consequentemente, uma atividade social, é norma-governada, segue-se que a operação total da tradução é filtrada pelos valores assegurados pelas normas. Essa filtragem estende-se desde a seleção e a percepção do texto a ser traduzido até a composição e orquestração da tradução em si e as respostas a ela⁵².

Neste sentido, o teórico sugere que a tradução não é neutra ou isenta de valores, e é exatamente esse o interesse cultural e histórico da tradução. Hermans entende que o tradutor, apesar de estar cercado por normas, precisa encontrar seu caminho entre elas e firmar-se como participante ativo no processo tradutório, e não simplesmente como um observador neutro. Dessa forma, o tradutor dá voz ao texto que traduz através de sua presença discursiva⁵³ (HERMANS, 2009, p. 96).

Para os descritivistas, o objetivo continua sendo o apontado por Hermans em sua definição desse paradigma, informada no início desta seção, ou seja, observar o comportamento tradutório, que Fernandes (2004, p. 62, tradução nossa), por sua vez, prefere chamar de

⁵² “Norms are informed by values, and help to secure them. The content of a norm is a notion of what is regarded by a particular group as correct or proper or appropriate, and it carries an ideological load. If translating as a communicative and therefore a social activity is norm-governed, it follows that the entire operation of translation is filtered through the values which norms secure. This filtering extends from the selection and perception of a text to be translated, to the composition and orchestration of the translation itself and the responses to it” (HERMANS, 2002, p. 5)

⁵³ A voz do tradutor como presença discursiva terá como lugar de discussão a próxima seção, 2.5.

“tendências”⁵⁴, aplicadas em traduções contextualizadas, o que proporcionará *insights* para a solução de problemas tradutórios. Dessa forma, o objeto de estudo desta pesquisa é analisado com um enfoque no comportamento linguístico real da tradução, com orientação ao produto, e não em termos de equivalência ao texto original determinada por normas.

Neste subcapítulo foi apresentada a teoria que delineia este estudo, Estudos Descritivos da Tradução, com fundamentação teórica de Theo Hermans (1999). A seguir, a apresentação do método de pesquisa adotado por esta pesquisa, Estudos da Tradução com base em Corpus, que marcou a mudança do paradigma prescritivo para o descritivo, impulsionando a investigação de padrões tradutórios em traduções contextualizadas.

2.3 MÉTODO DE PESQUISA: ESTUDOS DA TRADUÇÃO COM BASE EM CORPUS

Corpora computadorizados têm contribuído para renovar e reforçar os laços entre trabalho descritivo e estudos da tradução, oferecendo assim uma confiável e acessível fonte de dados que pode ser usada como base para qualquer estudo que foque na descrição de práticas tradutórias (FERNANDES, 2004, p. 89, tradução nossa)⁵⁵.

Antes de discorrer sobre o método Estudos da Tradução com Base em Corpus (ECT), é preciso definir “corpus”. Para fins desta pesquisa, no contexto dos EDT, corpus é definido como “uma coleção de textos disponibilizados em formato eletrônico capazes de serem analisados automaticamente ou semiautomaticamente de várias maneiras”⁵⁶ (BAKER, 1995, p. 225, tradução nossa).

⁵⁴ “tendencies” (FERNANDES, 2004, p. 62).

⁵⁵ “Computerized corpora have helped to renew and strengthen links between descriptive work and translation studies, thus offering a reliable and handy source of data that can be used as the basis for any study focusing on the description of translation practices (FERNANDES, 2004, p. 89).

⁵⁶ “[...] a collection of texts held in machine-readable form and capable of being analyzed automatically or semi-automatically in a variety of ways” (BAKER, 1995, p. 225).

Estudos da Tradução com Base em Corpus é um método de pesquisa que tem sua origem na disciplina de Linguística, e era, então, chamado de “Corpus Linguístico”. Essa metodologia foi introduzida muito recentemente nos Estudos da Tradução, através da parceria EDT e Corpus Linguístico, em razão da natureza interdisciplinar dessa disciplina, provando os benefícios da interação com outras disciplinas (OLOHAN, 2004, p. 191).

Esse novo método marcou a mudança de foco nos Estudos da Tradução, do paradigma prescritivo para o descritivo (BAKER, 1995, p. 231), onde o foco recai sobre a análise descritiva da tradução, com concentração no texto-alvo, na investigação do processo mental do tradutor e na descrição da função da tradução em seu contexto sociocultural (BAKER, 1992, p. 227).

No âmbito dos EDT, tendo o conceito de equivalência cedido lugar ao conceito de normas, o foco dos Estudos da Tradução passou a ser o produto, analisado em termos de sua aceitabilidade na cultura de chegada (HERMANS, 1999, p. 61). De acordo com Baker (1998, 2001, p. 164), sob esse prisma, EDT serviu de instrumento na preparação do campo para a introdução, por Baker (1993, 1995), do novo método de pesquisa na área dos Estudos da Tradução, denominado Estudos da Tradução com base em Corpus (ETC).

ETC deve ser usado em uma tradução contextualizada e em um texto traduzido conectado ao seu contexto, levando em consideração “os fatores relacionados ao discurso, gênero e *design* do texto”⁵⁷ (OLOHAN, 2004, p. 22, tradução nossa). Isso significa que, ao desenhar um corpus e, depois, para descrever a tradução, é preciso que o pesquisador tenha conhecimento do conceito de tradução, da teoria tradutória, do objetivo da sua investigação. Aspectos esses que devem interagir com os aspectos extralinguísticos, como, por exemplo, sobre o texto fonte e o texto-alvo, gênero ao qual pertencem, a respeito do escritor, do tradutor e sua experiência profissional e os prêmios recebidos (LAVIOSA, 1998, p. 2).

A introdução do método ETC na disciplina Estudos da Tradução, como afirma Malmkjaer (2003, p. 119, tradução nossa), “provou ser uma porta aberta para o progresso da disciplina [...]”⁵⁸, já que é condizente com o desenvolvimento da tecnologia do século XXI. Esse método proporciona ao pesquisador acesso rápido e eficaz a grandes

⁵⁷ “[...] the factors related to discourse, genres and text designs” (OLOHAN, 2004, p. 22).

⁵⁸ “[...] has proved to be the most important gate-openers to progress in the discipline [...]” (MAMKJAER, 2003, p. 119).

quantidades de dados, sem se preocupar com as limitações de tempo e espaço (Tymoczko, 1998, p. 1, tradução nossa). Essa é a razão pela qual ETC aprimora as pesquisas em termos quantitativos e qualitativos. Para Tymoczko (Ibid.), um corpora de grande dimensão pode ser comparado a uma grande base de dados científicos e, portanto, “[...] tornar-se-á um legado do presente para o futuro, possibilitando pesquisas futuras a serem construídas sobre aquelas do presente”⁵⁹. Tymoczko se refere ao que Fernandes (2004, p. 66, tradução nossa) sugere ser um corpus desenhado “com vistas ao futuro”⁶⁰, um corpus em que podem ser adicionados, continuamente, outros textos, caracterizando-se como um corpora de “tamanho infinito”⁶¹ (Ibid.). E, ainda segundo Fernandes (Ibidem.), onde estudos sincrônicos do presente de um período específico da história podem ser empreendidos diacronicamente no futuro, na investigação de mudanças ocorridas através do tempo em traduções.

Para evitar a limitação das vantagens proporcionadas pelo método ETC, Tymoczko (op. cit., p. 7) ressalta a importância da conscientização pelos pesquisadores dos Estudos da Tradução do perigo de desenvolver a pesquisa com base somente em dados quantitativos, em suas próprias palavras, “[...] para provar o óbvio ou para confirmar quantificação”⁶² (Ibidem. tradução nossa). De acordo com esse ponto de vista, Tymoczko sugere que o pesquisador da disciplina Estudos da Tradução deve construir um corpus representativo do objeto de interesse da sua pesquisa, que esteja dentro de um período, lugar e contexto específicos. Os dados levantados através das ferramentas ETC apenas dão suporte à pesquisa e, portanto, precisam ser analisados e descritos pelo pesquisador. Esta é a razão pela qual há a necessidade de conciliar a análise quantitativa e qualitativa.

Baker (1995, p. 230) sugere a terminologia para os tipos de corpora que, no entanto, não serão discutidos todos nesta pesquisa (ver BAKER, 1995, p. 231; OLOHAN, 2004, p. 24). Será abordado, porém, o corpus paralelo, o tipo de corpus utilizado por esta pesquisa, que consiste, segundo Olohan (Ibid., tradução nossa), “em um conjunto de textos em uma língua e suas traduções em outra língua”⁶³. De acordo

⁵⁹ “[...] will become a legacy of the present to the future, enabling future research to build upon that of the present” (TYMOCZKO, 1998, p. 1).

⁶⁰ “with view to the future” (FERNANDES, p. 66).

⁶¹ “Open-endedness” (Ibid.)

⁶² “to prove the obvious, or to give confirming quantification” (TYMOCZKO, 1998, p.7).

⁶³ “of a set of texts in one language and their translations in another language” (OLOHAN, p. 24).

com Fernandes (2004, p. 68, tradução nossa), corpus paralelo é “[...] considerado um tipo de corpus potencial para a análise de procedimentos de tradução utilizados por tradutores profissionais ao traduzir um tipo específico de texto num determinado período na história”⁶⁴. Este é o caso desta pesquisa, que visa investigar a presença discursiva do tradutor na tradução de uma narrativa, cujo gênero é LIJ, traduzida em 1993.

Estando o corpus alinhado em paralelo, que, segundo Olohan (Ibid., p. 26, tradução nossa), um corpus alinhado “significa ligar uma unidade de texto em uma língua com a unidade de texto da outra língua”⁶⁵, é possível utilizar as ferramentas eletrônicas na extração de dados com agilidade e precisão. Empreendimento esse muito mais difícil, quando não impossível, de ser realizado manualmente, dependendo do tamanho do corpus. No entanto, Olohan (2004, p. 63) sugere que, quanto mais representativo o corpus qualitativamente do fenômeno sob investigação, menos função as ferramentas eletrônicas têm na extração e análise dos dados, e que isso exige a constante e necessária intervenção do pesquisador.

Segundo Santos (2010, p. 34), embora o número de pesquisas em geral, especificamente aquelas que abordam a LIJ no Brasil, que fazem uso da metodologia ETC, seja escasso, percebe-se, através dessas, um crescente interesse nessa metodologia.

ETC circula através do mapa de Holmes, da disciplina Estudos da Tradução, indo do ramo teórico ao descritivo e desse ao aplicado⁶⁶. É um método que ainda está em desenvolvimento, assim como a disciplina Estudos da Tradução, contudo, tem um grande potencial para auxiliar os pesquisadores da disciplina a conciliar a teoria com a prática (TYMOCZKO, 1998, p. 7).

Informado O método de pesquisa, ETC, passa-se à apresentação da disciplina tradução de Literatura infantojuvenil.

2.4 TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

⁶⁴ “[...] considered a potential type of corpus for the analysis of translation procedures used by professional translators when translating a specific type of text at a particular period of time” (FERNANDES, p. 68).

⁶⁵ “[...] means linking a unit of text in one language with unit of text in another language” (Ibid., p. 26).

⁶⁶ Informação fornecida pelo Prof. Dr. Lincoln Fernandes em aula ministrada na UFSC, no curso de mestrado da PGET, no semestre de 2010/2.

2.4.1 Definindo literatura infantojuvenil

A emergência da literatura infantojuvenil resultou do estabelecimento da concepção da infância, que vinha se delineando desde a sociedade moderna do século XVII, mesmo que derivada e adaptada da literatura escrita para adultos (COELHO, 1987, p. 12). A criança e o jovem, então, eram ainda considerados “adultos em miniatura” (Ibid.). Desde sua origem, essa literatura associava-se apenas às funções de entretenimento e educacional, sendo esta última utilizada como molde para os livros infantis da época. Contudo, a percepção da criança pela sociedade foi mudando com o passar dos séculos e, conseqüentemente, essas diversas concepções transparecem na LIJ. Para entender melhor o processo do desenvolvimento da concepção da infância, é preciso retroceder um pouco na história, até o final do século XVII. Nesse período, a ascensão de uma nova conformação familiar, a família burguesa, abre caminho para a noção de infância e também para o desenvolvimento de uma literatura voltada para a criança (COELHO, 2010, p. 132). Podemos destacar dessa época os contos populares de Perrault, que apesar de não terem sido escritos originariamente para a criança, perpetuaram-se como contos populares infantis (Ibid., p. 91). Esses contos foram sendo reproduzidos em épocas subsequentes e, dentre eles, destaca-se o conto popular *Chapeuzinho Vermelho* (1967). De acordo com um estudo feito por Shavit (1986) dos séculos XVII, XVIII e XIX, há variações desse modelo canônico, “indo da versão ‘carinhosa’ de Perrault à versão ‘fundamentada na razão’ de Grimm e, finalmente, à moderna versão ‘protetora’ do século vinte” ⁶⁷ (Ibid., p. 7, tradução nossa). Esse estudo nos mostra como a infância era conceituada pela sociedade em diferentes épocas, ou seja, o processo de desenvolvimento da concepção de infância. No início do século XIX, os Irmãos Grimm “recolhem diretamente da memória popular as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas conservadas por tradição oral” (op. cit., p. 149), como também da “recolha feita por Perrault, no século XVII, na França” (Ibidem. p. 150), dando origem à obra *Contos de Fadas para Crianças e Adultos*, publicada entre os anos de 1812 e 1822 (Ibidem.). Embora o título também se refira às crianças, de acordo com Shavit (1986, p. 200) esses contos não foram escritos tendo em mente também as crianças, mas o sucesso entre elas, devido à escassez de

⁶⁷ As aspas existentes no interior da citação são da própria autora. “[...] from the “coddling” version of Perrault to the “reasoning” version of Grimm, and finally to the modern “protective” versions of the twentieth century” (SHAVIT, 1986, p. 7)

material de leitura para criança na época, provocou uma revisão dos contos realizada pelos próprios Irmãos Grimm, ajustando-os estilisticamente para as crianças.

Então, a partir da segunda metade do século XIX, com a definição da concepção de infância, surgiram as primeiras obras escritas dirigidas ao público infantojuvenil, dando origem a um novo gênero literário: “Literatura Infantojuvenil”. Daí deriva a necessidade de definir LIJ para fins deste estudo, que se desenvolve na interface entre Estudos da Tradução e Literatura Infantojuvenil.

O ponto de partida para definição de “Literatura Infantojuvenil”, nomenclatura adotada por este estudo, é a definição dos termos “literatura”, “infantil” e “juvenil”. Para definirmos “literatura”, adotaremos as palavras de Lefevere (2007, p. 31, tradução Seligmann): “Literatura é um sistema ‘artificial’, por constituir-se tanto de textos (objetos) quanto de agentes humanos que leem, escrevem e reescrevem textos”.

Para uma definição adequada, porém, não absoluta, dos termos “infantil” e “juvenil”, devido aos diversos fatores envolvidos na relação texto e leitor, adota-se a categorização de Coelho, a qual leva em consideração, principalmente, “a inter-relação existente entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento bio-psíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo de leitura” (1987, p. 14):

[...] usaremos o rótulo geral Literatura Infantil ou Infantil/Juvenil (LIJ) para indicar tanto os livros infantis (destinados a pré-leitores, leitores iniciantes e leitores em processo), como os infantojuvenis (para os leitores fluentes) e os juvenis (para leitores críticos) [...] Todos que lidam com essa literatura não-adulta conhecem as dificuldades de se encontrar um termo abrangente que não falseie a matéria por ele nomeada (2006, apud SANTOS, 2010, p. 35).

Seguindo a nomenclatura indicada acima por Coelho, os livros *The Secret Garden* e sua tradução para a Língua Portuguesa Brasileira, *O Jardim Secreto*, estão classificados, na ficha catalográfica de

publicação de acordo com a CIP – Brasil (Catalogação-na-publicação)⁶⁸, de padrão internacional, como “Literatura infantojuvenil inglesa” e “Coleção infantojuvenil”, respectivamente. Ambas englobam tanto “‘o leitor fluente’ (a partir dos 10/11 anos)” (op.cit., p. 18) quanto “‘o leitor crítico’ (a partir dos 12/13 anos)” (Id.Ibid., p. 19). Embora na capa do livro, versão tradução, *O Jardim Secreto*, haja a certificação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) como “altamente recomendável - para jovens”, um termo mais geral. Passa-se então para a definição de “Literatura Infantojuvenil”.

Por ser esse sistema literário uma área de grande complexidade, não é fácil de ser definido. Sendo assim, cada teórico traz sua própria definição de LIJ, de acordo com sua área de investigação e ponto de vista, sua concepção de infância e de LIJ (OITTINEN, 1993 apud O’CONNELL, 2006, p. 16).

Neste sentido, são muitas as definições de LIJ que abrangem o leitor infantil e o jovem adolescente. Contudo, são citadas aqui apenas duas definições de teóricos dos Estudos da Tradução que trabalham na interface com LIJ, frequentemente citados neste estudo.

Klingberg (1982, apud O’CONNELL, 2006, p. 16-17) define LIJ como literatura publicada principalmente para o público infantojuvenil e não apenas pelos livros que este público lê, pois, “crianças e jovens adolescentes leem e sempre leram uma grande variedade de literatura”⁶⁹ (Ibid., tradução nossa). Ou seja, quando se trata de literatura clássica universal, não há e nem devem ser impostos limites nas escolhas de leitura desse leitor em formação, que fica livre para inventar seu próprio roteiro de leitura (MACHADO, 2002, p. 112).

As palavras de Klingberg (op. cit, p. 16-17) fazem menção, mesmo que indiretamente, a uma das características fundamentais da LIJ, a *adoção*, abordada por Fernandes (2004), fenômeno no qual livros escritos originalmente para um leitor adulto tornam-se livros destinados ao público infantojuvenil, como, por exemplo, *Gulliver’s Travels* e *Robinson Crusoe*. Este último, inclusive, veio a servir como modelo para os livros infantis que viriam a ser escritos depois de ter passado pelo processo de *adoção*. Esse fenômeno, na direção contrária, também é verdadeiro, já que muitos clássicos infantis tornaram-se livros para adultos, como *Winnie-the-Pooh*, *The Little Prince* and *Alice in the Wonderland*. Na verdade, esse último livro, assim como *Harry Potter*,

⁶⁸ CIP – Cataloguin-in-publication – regulamentos de publicação, que podem ser encontrados em: <http://www.cbl.org.br/telas/servicos/regulamento-ficha.aspx>. Acesso em: 15/07/2011.

⁶⁹ “children and young people read and always have read a wide range of literature” (KLINGBERG, 1986 apud O’CONNELL, 2006, p. 16-17).

passou a fazer parte da categoria de livros ambivalentes por terem sido adotados em ambas as audiências: infantojuvenil e adultos (sobre ambivalência, ver Shavit, 1986; Fernandes, 2004).

Voltando ao foco de atenção deste subcapítulo, levando em consideração o objeto de estudo, o leitor a que se destina e os objetivos propostos por esta pesquisa, a definição de Literatura Infantojuvenil que melhor norteia este estudo é a de Fernandes (Ibid., p. 21, tradução nossa):

Um gênero escrito e publicado, se não exclusivamente para crianças, então que pelo menos as tem em mente, incluindo o romance “juvenil” – o qual objetiva jovens leitores e leitores adolescentes mais velhos⁷⁰.

Em sua definição de LIJ, Fernandes (Ibidem.), além de indicar o leitor a que se destina a LIJ, o leitor infantojuvenil, também informa o meio utilizado dentre outras opções para veiculá-la, o meio gráfico, a escrita, que também é o caso deste estudo. Fernandes enfatiza o leitor infantojuvenil que este estudo tem em vista, porém, sinaliza com uma das características principais deste gênero literário: a ambivalência do leitor, sempre presente nesse tipo de texto.

Definida a LIJ e o leitor a que se dirige, a próxima seção discorrerá sobre a “leiturabilidade”, uma das características fundamentais da LIJ e, conseqüentemente, da tradução desse gênero literário.

2.4.2 Leiturabilidade

A fim de contextualizar a discussão sobre leiturabilidade, seguem alguns estudos realizados na interface Estudos da Tradução e LIJ tendo em vista essa característica tão importante quando associada ao leitor infantojuvenil.

De acordo com o estudo realizado por Puurtinen (1998, p. 2) na área da LIJ, o comprimento das sentenças e, principalmente, a complexidade das sentenças, tendem a dificultar a leiturabilidade do

⁷⁰ “A genre written and published, if not exclusively for children, then at least bearing them in mind, including the teen novel – which is aimed at the young and late adolescent reader” (FERNANDES, 2004, p. 21).

texto. Contudo, essa pesquisadora alerta para o fato de que, ao evitar esse tipo de construção devido sua complexidade, pode incorrer em estruturas sintáticas ainda mais complexas. Além disso, o estudo de Puurtinen aborda o conteúdo ideológico implícito no léxico e na estrutura sintática (uso de voz passiva) o que impacta negativamente a leiturabilidade, principalmente em se tratando de LIJ e seu público leitor específico.

Fernandes (2004) também aborda o aspecto leiturabilidade de textos da LIJ de fantasia, com foco nos procedimentos utilizados na tradução de nomes, nas traduções brasileiras da série Harry Potter.

Jolkesky (2006), por sua vez, investigou a influência na leiturabilidade da sintaxe pronominal nos diálogos da tradução da obra italiana Pinóquio para o português do Brasil.

A pesquisa de Santos (2009) buscou analisar a leiturabilidade sob o ponto de vista da intertextualidade da obra alemã traduzida para o Português brasileiro como *Coração de Tinta*.

E, por fim, Santos (2010) investigou a tradução de dialetos na fala de Hagrid da obra Harry Potter e a Pedra Filosofal, que também aborda, mesmo que indiretamente, a leiturabilidade do texto traduzido.

Para fins deste estudo no âmbito da LIJ, a leiturabilidade é definida como “facilidade de leitura e compreensão determinada pela dificuldade linguística, é um aspecto da compreensibilidade”⁷¹ (PUURTINEN, 1998, p. 2, tradução nossa). Essa definição indica que, para uma leitura fluente de um texto, há a necessidade de interação das qualidades desse texto com as características de seu leitor. Neste sentido, devido à natureza assimétrica da estrutura comunicativa da LIJ, a escritura e reescritura⁷² de um livro por um adulto, para um público infantojuvenil, demonstram-se tarefas complexas (O’SULLIVAN, 2003, p. 10). Muito ao contrário do que tem sido considerado este gênero literário: um sistema literário inferior, simples, que não demanda requisitos específicos. Como diz Machado (2002, p. 135), “simplicidade não é superficialidade”. Essa complexidade advém primeiro das características próprias do leitor infantojuvenil. Depois porque, além de focar neste tipo de público, é preciso alcançar as demandas de outros

⁷¹ “ease of reading and understanding is determined by linguistic difficulty, is one aspect of comprehensibility” (PUURTINEN, 1998, p. 2).

⁷² “Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. [...] a tradução é a forma mais reconhecível de reescritura e a potencialmente mais influente por sua capacidade de projetar a imagem de um autor e/ ou de uma (série de) obra(s) em outra cultura, elevando o autor e/ ou as obras para além dos limites de sua cultura de origem...” (LEFEVERE, 1992, tradução: SELIGMANN, C.).

leitores e fatores que estão ocultos, mas necessariamente presentes. Esses são apresentados por Pascua – Febles (2006, p. 111, tradução nossa):

Quando traduz, o tradutor não apenas tem o leitor infantojuvenil em mente, mas também uma variedade de outros fatores, incluindo os pais que compram os livros, os professores ou bibliotecários que recomendam os livros, os possíveis objetivos didáticos dos textos e as normas de publicação⁷³.

Tanto o escritor como o tradutor deste gênero literário deve ter em mente a característica da ambivalência do leitor, o infantojuvenil e o adulto. É claro que a noção de escrever para o leitor adulto, que compreende editores, pais, professores, acadêmicos e críticos, exerce muito mais influência nas decisões do tradutor do que para um público infantojuvenil, que apenas lê por entretenimento (O'CONNEL, 2006, p. 17).

Objetivando conciliar as características dos dois leitores, criança e adulto, para os quais os textos para crianças são escritos e traduzidos, desenvolveu-se o recurso da ambivalência, onde textos considerados dinâmicos, pertencentes a, pelo menos, dois sistemas ao mesmo tempo, são escritos com uma estrutura ambivalente (SHAVIT, 1996, p. 66). A estrutura do texto que suporta a ambivalência forma-se na coexistência de dois modelos. O primeiro modelo, dirigido à criança, é o convencional, compreensível em seu nível de leitura. O segundo é mais sofisticado, onde pode entrar o elemento da sátira, que só o adulto pode identificar de acordo com sua habilidade de captar, através da leitura, a verdadeira mensagem que o texto traz. Portanto, o texto ambivalente, dirigido a um grupo de leitores com expectativas, hábitos e capacidade de leitura diferente, terá sua apreensão de modos e níveis muito diferentes (Ibid.). Como afirma Ana Maria Machado (2002, p. 112), parafraseando o escritor inglês C. S. Lewis, escritor de LIJ, a respeito dessa característica fundamental da LIJ, a da ambivalência de leitor e texto:

⁷³ When translating, the translator not only has the child reader in mind, but also a variety of others factors, including the parents who buy the book, the teachers or librarians who recommend it, the possible didactic purpose of the text and the publisher's norms (PASCUA – FEBLES, 2006, p. 111, tradução nossa).

[...] não vale a pena ler aos 10 anos um livro que não tenha o que dizer para quem o ler aos 50, em condições de fazer novas descobertas na releitura. Exceto livros de informação, é claro. Lewis tem toda razão, até nos exemplos gastronômicos que dá em seguida – de suco de groselha a gente só consegue gostar quando é pequeno, mas pão quentinho com manteiga e mel é sempre uma delícia, mesmo para quem amadurece e sofisticava o paladar.

Tendo em vista as características da ambiguidade do leitor e texto da literatura infantojuvenil, conclui-se, no que diz respeito à leiturabilidade de um texto destinado a um público infantojuvenil, que a atenção recai sobre o receptor, sua habilidade de leitura, seu conhecimento prévio de mundo e sobre sua motivação (Du Bay, p. 28). O que significa dizer que a apreensão e compreensão da leitura são realizadas de acordo com a estrutura referencial própria de cada leitor.

Tendo em vista o leitor infantojuvenil na tradução de LIJ, devido à inexistência de uma fórmula⁷⁴ precisa para mensurar o grau de leiturabilidade de um texto traduzido, as traduções têm sido realizadas com base em estudos e suposições a respeito das necessidades do seu público leitor. Daí deriva a necessidade do tradutor de estabelecer qual é seu leitor e nivelar a comunicação escrita ao que ele supõe ser sua capacidade leitora. Em se tratando de LIJ, Oittinen (2000 apud COILLIE, 2006, p. 137) afirma que o leitor é o infantojuvenil. Neste ponto, sua afirmação é contestada por Coillie (Ibid., p. 138), sugerindo que na reescritura desse gênero literário o tradutor não escreve para um leitor específico, mas influenciado por sua imagem própria de infância (Ibidem., p. 101). No entanto, em ambos os casos, o leitor deve ser conduzido a uma leitura fluente (fácil e compreensiva).

Tendo em mente o nivelamento da leiturabilidade do texto-fonte e o texto traduzido, Coillie (2006, p. 137) levanta a questão sobre qual seria a forma ideal de tradução de LIJ, ‘estrangeirização’⁷⁵ ou

⁷⁴ De acordo com DuBay (2004, p. 2) muitas fórmulas foram desenvolvidas para medir a leiturabilidade, mas ainda geram muita controvérsia quanto ao seu resultado. O estudo de fórmulas para mensurar a leiturabilidade não está incluída nos objetivos desta pesquisa.

⁷⁵ De acordo com Shuttleworth & Cowie (1997), nos Estudos da Tradução, domesticação e estrangeirização são termos traduzidos do inglês definidos por Venutti (1995) como: domesticação é uma estratégia de tradução utilizada para tornar a tradução transparente, e fluente com o objetivo de minimizar o estrangeirismo do texto-fonte tendo em vista o leitor do

‘domesticação’’. Podemos citar aqui três opiniões diferentes de teóricos na área de tradução de LIJ. A de Klingberg (1986, p. 17), de que o tradutor deve manipular o texto o mínimo possível, levando o leitor o mais próximo possível do texto original, mas procurando manter o grau de adaptação de contexto cultural, ou seja, o grau de dificuldade do texto original. Já a colocação de Oitinen (2002 apud COILLIE, 2006, p. 137) é de que o tradutor deve se manter ‘leal’⁷⁶ ao leitor do texto traduzido, fazendo uso da domesticação. Por fim, a opinião de Coillie (Ibidem.), de que o tradutor deve fazer um balanço entre preservar o texto original e a lealdade com o leitor do texto traduzido. Em sua visão, o tradutor deve guiar-se através das funções que identifica no texto-fonte.

A respeito das funções desse tipo de texto, tem-se que a LIJ, em suas origens, exercia apenas a função pedagógica e de entretenimento, agora também é um instrumento de formação social, intelectual, psicológica e ideológica, tanto na sua escritura quanto na sua reescritura.

O encontro do leitor infantojuvenil com o texto literário infantojuvenil, no nível do Real e do Maravilhoso/Mágico, além de proporcionar experiências diferentes do seu cotidiano através de uma linguagem poética e simbólica, desenvolvendo as habilidades intelectuais, de leitura, de compreensão do texto, bem como a criatividade desse leitor, “também é um importante veículo de conhecimento do mundo, ideias, valores e comportamento aceitável”⁷⁷ (PUURTINEN, 1988, p. 2, tradução nossa). A literatura dirigida ao leitor infantojuvenil constitui a forma mais acessível, e por que não dizer mais prazerosa, de seu leitor solucionar problemas de ordem psicológica, de amadurecer através da experiência da sua leitura, funcionando, muitas vezes, como válvula de escape para suas inquietudes (MACHADO, 2002, p. 78 – 80). *The Secret Garden*, livro de forma híbrida, de Realismo Mágico, de cunho social e psicológico, cujo foco está em problemas típicos de crianças em crescimento, seus traumas, dores e sofrimentos, também enfatiza a maturidade, o enfrentamento e a superação dos problemas com a ajuda da mágica realizada pela natureza, pelo jardim secreto (COELHO, 2010, 163).

texto-alvo. Estrangeirização é a estratégia que traz para o texto-alvo, quebrando suas convenções, traços da cultura do texto original, ou seja, estrangeirismos. Essa última é a estratégia preferida de Venuti.

⁷⁶ ‘leal’ é o termo usado por Oitinen (2002 apud COILLIE, 2006, p. 137) citado por Coillie (Ibid.).

⁷⁷ “[...] it is also an important conveyor of world knowledge, ideas, values, and accepted behavior” (PUURTINEN, 1988, p. 2).

Outra função desse tipo de texto é a ideologia, que segundo a definição de Thompson (1990, apud KNOWLES & MALMKJAER, 1996, p. 43, tradução nossa) é “significado a serviço do poder, como o uso da linguagem para estabelecer e sustentar relações de domínio”⁷⁸. Segundo Puurtinen (op.cit., p. 6), a ideologia pode estar presente na LIJ explicitamente ou implicitamente. Este último é o modo mais frequente, porém, mais difícil de detectar, pois é representado pelas escolhas linguísticas do escritor. Um bom exemplo disso é o uso da voz passiva no livro *The Secret Garden*, que indica a inatividade da personagem principal, Mary, por fazê-la objeto da ação. A partir do capítulo oito, Mary passa a ser agente das ações, por ser representada linguisticamente pela voz ativa, que indica uma personagem mais ativa. Essa representação ideológica é realizada tanto pela escritora do original quanto pela tradutora⁷⁹.

Lefevere (2007) aponta para as forças e as estruturas de poder que, interna ou externamente, caracterizam o sistema literário. Apesar de apontar a importância da influência externa de um sistema literário, exercidas por pessoas ou instituições na literatura escrita e reescrita, o que chama de “Mecenato”, esse teórico enfatiza as características internas do sistema literário como a ideologia contida por trás das escolhas e decisões do tradutor literário. Tomando a tradução como reescritura do texto original, Lefevere (Ibid.) julga a tradução como “potencialmente mais influente por sua capacidade de projetar a imagem de um ator e/ou de uma obra (série de) obra(s) em outra cultura e/ou elevando o autor para além dos limites de sua cultura de origem” (LEFEVERE, 2007, p. 24, tradução de Seligmann). Portanto, na literatura em geral, mas mais especificamente na LIJ, onde seu leitor ainda em formação não vivenciou (pelo menos não no mesmo nível do tradutor) as representações de mundo, a estrutura de referência própria do tradutor é um aspecto essencial a ser considerado. O que significa dizer que o tradutor é fortemente influenciado em suas tomadas de decisões por sua bagagem de conhecimento, suas experiências pessoais, suas ideias, conjunto de valores morais, normas e ideologias. Vale destacar a sua visão de infância, ou seja, suas próprias experiências como criança e adolescente, noção do que o leitor infantojuvenil gosta e

⁷⁸ “Meaning in the service of power, as the use of language to establish and sustain relationships of domination” (THOMPSON, 1990, apud KNOWLES & MALMKJAER, 1996, p. 43)

⁷⁹ A representação ideológica foi citada aqui apenas a título de exemplificação da função ideológica da LIJ. Esse é um assunto que pode ser desenvolvido em uma pesquisa futura.

consegue ler, que impacta sua tradução (ver LEFEVERE, 2007; OITTINEN, 2006; COILLIE, 2006).

Voltando à visão de Coillie, de que o tradutor deve guiar-se através das funções que identifica no texto-fonte, esse não deve deixar de impor desafios ao leitor do texto traduzido. Desafios como, por exemplo, apresentar-lhe a cultura do texto-fonte. Dessa forma, a leitura se torna mais interessante, além de proporcionar ao leitor do texto traduzido o contato com culturas diferentes. Neste sentido, Lathey (2010, p. 190) menciona o que pensam Bell, Crampton e Ardizzone, três tradutoras profissionais de LIJ, de reconhecimento internacional, a respeito das diferenças entre traduzir para adultos e traduzir para um público infantojuvenil. Todas mencionam o fato de que traduzir para adultos leva mais tempo, no entanto, traduzir para crianças e jovens adolescentes requer adaptações culturais do texto-fonte, supostamente desconhecidos desse leitor. É preciso, portanto, que o tradutor não perca de vista seu leitor: a criança e o jovem adolescente. Ainda que, por se tratar de uma faixa etária⁸⁰ e não de uma idade única, tanto o leitor poderá estar familiarizado com a cultura do texto-fonte e, caso não, pode incentivar esse leitor a buscar outras leituras favorecendo a compreensão do texto, quanto poderá desmotivá-lo por não ter conhecimento de mundo e habilidade de leitura, causando a alienação desse leitor (Fernandes, 2004). O tradutor, por sua vez, ao traduzir, pode “transformar o desconhecido, o não familiar, em familiar” (Horochovski, 2004, p. 99). É nesse ponto que a interferência do tradutor pode fazer a diferença na leiturabilidade do texto que traduz e na oferta de livros que atraem esse leitor especificamente.

Após discorrer sobre a “leiturabilidade”, característica de fundamental importância da LIJ e, portanto, da tradução desse gênero literário, passa-se à discussão sobre a forma básica de LIJ.

2.4.3 Forma ideal de literatura infantojuvenil: realista, fantástica ou de realismo mágico?

No decorrer da história da LIJ, além da constante reformulação nos conceitos de infância, percebe-se uma alternância da sua forma básica. Ora o Realismo, ora a Fantasia, ora uma mescla das duas formas, o Realismo Mágico (Maravilhoso). Essa alternância constitui, segundo

⁸⁰ A faixa etária do leitor do qual trata esse estudo é definida no capítulo 2, Revisão da Literatura, subcapítulo Definindo Literatura Infantojuvenil.

Coelho (1987, p. 31), um divisor de opiniões sobre qual seria a forma ideal de literatura para os leitores infantojuvenis.

O predomínio de uma ou outra forma de literatura, Realismo ou Fantasia, depende, principalmente, da “intencionalidade criadora do autor” (Ibid.), conforme explica Coelho (Ibidem.):

Ora testemunhar a Realidade (o mundo, a vida real...) representando-a diretamente pelo processo mimético (pela imitação fiel); ora descobrir “o outro lado” da Realidade, – o não imediatamente visível ou conhecido, transfigurando-a pelo processo metafórico (representação figurada). Neste caso, a matéria literária identifica-se, não com a realidade aparente, mas com a realidade imaginada, com o Sonho, a Fantasia, o Imaginário, o Desconhecido.

Presentes na literatura em geral, tanto as obras Realistas quanto as obras Fantasistas são consideradas representantes de movimentos culturais e literários de uma determinada época. São dotadas de características estéticas diferentes, mas que as qualificam como objetos de arte literária.

A literatura, em suas origens, foi essencialmente Fantástica, encontrando expressão em mitos, fábulas, sagas, cantos, rituais, contos maravilhosos (populares) e novelas de cavalaria. Essa linguagem fantástica atraiu o leitor infantil dando origem à Literatura Infantil, prevalecendo no decorrer da história desse gênero literário (COELHO, 1987, p. 32).

A narrativa Realista, impulsionada pelos avanços científicos do século XIX, é a nova forma de representação do cotidiano da sociedade da época na literatura para crianças, de acordo com Coelho (Ibid.):

À medida que o cientificismo se impõe como única possibilidade de conhecimento (baseado em fatos e suas leis), o Realismo passa a dominar, como forma privilegiada, a literatura. Desde finais do século XIX até meados dos anos 50, diferentes correntes de pensamento “cientificista” se têm sucedido na cultura moderna (positivismo ou materialismo; o pragmatismo ou utilitarismo;

personalismo, behaviorismo, socialismo, etc.). Embora cada corrente tenha seus fundamentos e características próprias, todas se igualam na tendência realista e experimentalista: recusam taxativamente qualquer possibilidade de conhecimento que pretenda ir além da experiência concreta ou sensível, seja a dos fatos positivos e da matéria, seja a do jogo das relações sociais (indivíduo x sociedade), etc.

Com o Romantismo e o Realismo já desgastados, surge a proposta Modernista em 22, período em que Monteiro Lobato inicia o movimento de renovação da Literatura Infantil Brasileira. Enquanto a literatura geral segue as convenções da época (Realistas), Lobato inova criando “o fabuloso mundo lobatiano” (COELHO, 2010, p. 250), através da fusão do Real com o Maravilhoso, fazendo desaparecer as fronteiras entre um e outro. Preocupado com a leitura das crianças brasileiras, transformou o “Nacional em Universal” (Ibid., p. 253), já que suas obras foram traduzidas para línguas de diversos países.

Por volta dos anos 60, o Realismo, imposto pela orientação pedagógica vigente nas décadas anteriores, cede lugar ao modelo Fantasista. Este é o período que antecede o *boom* da LIJ brasileira (década de 70). De 1964 a 1985, época da ditadura militar no Brasil, quando a liberdade individual foi censurada com o Ato Institucional-5 (1968 – 1978), muitos autores expressaram seus questionamentos e protestos contra o abuso do poder e ao caos político então estabelecido através da LIJ (OLIVEIRA, 2006). Isso foi possível devido a este gênero literário ser considerado inferior, marginal, pouco visado pelas autoridades da época. Foi um período de uma profusão criativa destinada ao leitor infantojuvenil e que rendeu aos nossos escritores muitos prêmios de abrangência internacional (Ibid.).

A escritora Ana Maria Machado, tradutora do livro *The Secret Garden* para o Português do Brasil, *O Jardim Secreto* (1993), faz parte desta saga de autores da LIJ que surgiu durante o período da Ditadura Militar brasileira e que recebeu muitos prêmios por suas obras escritas⁸¹. O conhecimento deste fato é de fundamental importância, já que a análise descritiva do corpus de uma pesquisa, para ter valor, precisa

⁸¹ Informações obtidas no site pessoal de Ana Maria Machado.

informar seu contexto e as informações extralinguísticas (informação verbal)⁸².

Enfim, a Literatura Contemporânea Infantojuvenil, considerada inovadora em suas características, cuja produção apresenta grande diversificação nas suas configurações estilísticas, seguindo o modelo realista, fantástico e híbrido (Realismo Mágico), tem, nesta última, “a mais fecunda das diretrizes inovadoras” (COELHO, 2010, p. 291), como segue informando Coelho:

Os universos por elas criados se inserem no Realismo Mágico. Comumente, seu espaço básico é o próprio cotidiano, bem familiar às crianças, onde, de repente entram, de maneira natural, o estranho, o mágico, o insólito... É a linha inaugurada entre nós por Monteiro Lobato com as mil e uma aventuras vividas no “Sítio do Pica-Pau Amarelo”.

Quanto à qual seria a forma básica ideal de LIJ, Realismo, Fantasia ou Realismo Mágico, Coelho (Ibid., p. 289) responde:

que neste limiar do século XXI não há um ideal absoluto de Literatura Infantil/Juvenil (nem de nenhuma outra espécie literária). Será “ideal” aquela que corresponder a uma certa necessidade do tipo de leitor a que ela se destina, em consonância com a época em que ele está vivendo... Vista em conjunto, a atual produção de literatura destinada a crianças e jovens, entre nós, apresenta uma crescente diversidade de opções temáticas e estilísticas, sintonizadas com a multiplicidade de visões de mundo que se superpõem no emaranhado da “aldeia global” em que vivemos.

Nesta profusão de tendências, da qual fala Coelho (Ibidem.), sobressaem-se as de cunho Realista, Fantasta e de Realismo Mágico.

⁸² Informação fornecida pelo Prof. Dr. Lincoln Fernandes em aula ministrada na UFSC, no curso de mestrado da PGET, no semestre de 2010/2.

2.4.3.1 *The Secret Garden* e o modelo literário “Realismo Mágico”

Com o objetivo de classificar a narrativa *The Secret Garden* quanto à sua forma básica ou modelo de literatura, levou-se em consideração o contexto histórico em que foi escrito, as tendências da época e suas características estéticas. Também se considerou

que tais ‘rótulos’ são meramente didáticos e podem ser questionados, pois nenhuma classificação em literatura é absoluta. Servem ao nosso objetivo na medida em que correspondem ao aspecto dominante em cada obra que nos permite aproximá-las ou diferenciá-las entre si (COELHO, 2010, p. 149).

The Secret Garden faz parte de um movimento cultural e literário que teve mais força na segunda metade do século XIX, o Realismo, que tem como principais características a retratação fiel da realidade e a objetividade. A crítica sociológica está presente na maioria das obras. Abordam-se temas como o preconceito, a intolerância, o abandono e a exploração. Apesar de lidar com o cotidiano real dos personagens, eles sempre encontram algo de significativo e universal, que, no caso da obra em questão, é a valorização da natureza e o amor ao próximo e aos animais, temas característicos do romantismo do século XX, mas ainda muito atuais (COELHO, 2010, p. 147-169). Esta obra de Burnett foca em problemas típicos de crianças em crescimento e problemas familiares. Trata de uma menina órfã de pais ingleses, trazida da Índia para viver com seu tio no campo de Yorkshire, Inglaterra. No início da história, Mary é uma menina feia, se comparada com a beleza de sua mãe. Cheia de complexos, malcriada e de difícil trato. Porém, à medida que a história avança, negligenciada por seu tio e pela governanta da casa, a convivência com seus amigos no jardim secreto faz com que seu caráter mude. A princípio, é uma obra predominantemente Realista, porém, ao ser analisada com mais cuidado, detectam-se características importantes de fantasia, do maravilhoso, do qual fazem parte, segundo Coelho (Ibid., p. 155), as soluções dos problemas, a satisfação de desejos ou difíceis conquistas se darem subitamente, de maneira instantânea, por “passe de mágica”. O personagem Colin, menino doente que não conseguia andar, com a convivência dos seus amigos Mary e Dickon (encantador de animais), que o levavam para ao jardim secreto

para brincar, começa a andar. A intervenção mágica em *The Secret Garden* confunde-se com o milagre realizado pela força da natureza através da força divina, como pode ser observado na Tabela 2-1, nos trechos retirados do texto-fonte e do texto traduzido do capítulo 23, intitulado “Magic”, traduzido como “Magia”.

Tabela 2-1: Excertos do TF e do TT que, neste estudo caracterizam *The Secret Garden* como uma obra de Realismo Mágico

Texto Fonte	Texto Traduzido
<p>“I shall stop being queer,” he said, “if I go every day to the garden. There is Magic in there – good Magic, you know, Mary. I am sure there is.”</p> <p>“So am I,” said Mary.</p> <p>“Even if it isn’t real Magic,” Colin said, “we can pretend it is. Something is there – something!”</p> <p>“It’s Magic,” said Mary, “but not black. It’s as white as snow.”</p>	<p>- Vou parar de ser esquisito se eu for ao jardim todo dia. Aquele jardim é mágico, de um tipo bom de mágica, Mary, eu tenho certeza.</p> <p>- Também tenho.</p> <p>- E mesmo se não for, a gente pode fazer de conta que é. Tem alguma coisa lá, alguma coisa muito especial.</p> <p>- É Magia - disse Mary -, mas não é magia negra, é branca como a neve.</p>
<p>“The great scientific discoveries I am going to make,” he went on, “will be about Magic. Magic is a great thing and scarcely any one knows anything about it except a few people in old books – and Mary a little, because she was born in India where there are fakirs. I believe Dickon knows some Magic, but perhaps he doesn’t know he knows it. He charms animals and people. I would never have let him come to see me if he had not been an animal charmer – which is a boy charmer, too, because a boy is an animal. I am sure there is Magic in everything, only we have not sense enough to get hold of it and make it do things for us – like electricity and horses and steam.”</p>	<p>- Minhas grandes descobertas científicas vão ser sobre Mágica. A Magia é uma coisa maravilhosa, que muito pouca gente conhece, e mesmo assim nuns livros muito velhos. Mary conhece um pouco, porque ela nasceu na Índia, e lá tem os faquires. Acho que Dickon também sabe umas coisas, mas não sabe que sabe. Ele encanta animais e pessoas. Eu nunca teria deixado que ele viesse me ver se ele não fosse um encantador de animais, que é também um encantador de meninos, porque menino é um animal. Tenho certeza de que existe Mágica em tudo, só que a gente não tem juízo bastante para controlar essa Mágica e fazer ela trabalhar para a gente, como faz com a eletricidade, os cavalos e o vapor.</p>
<p>It all seemed most majestic and mysterious when they sat down in their circle. Ben Weatherstaff felt as if he had somehow been led into appearing at a prayer-meeting. Ordinarily he was very fixed in being what he called “agen’ prayer-meetin’s” but this being the Rajah’s affair he did not resent it</p>	<p>Quando se sentaram em círculo, tudo pareceu mais solene e misterioso. Ben se sentia como se tivesse sido arrastado a um encontro de orações. Geralmente fazia muita questão de ser “contra esses encontros de rezar”, como costumava dizer. Mas como era um assunto do Rajá, ele não se importava e até tendia a</p>

and was indeed inclined to be gratified at being called upon to assist. Mistress Mary felt solemnly enraptured. Dickon held his rabbit in his arm, and perhaps he made some charmer's signal no one heard, for when he sat down, cross-legged like the rest, the crow, the fox, the squirrels and the lamb slowly drew near and made part of the circle, settling each into a place of rest as if of their own desire.

"The 'creatures' have come," said Colin gravely. "They want to help us."

Colin really looked quite beautiful, Mary thought. He held his head high as if he felt like a sort of priest and his strange eyes had a wonderful look in them. The light shone on him through the tree canopy.

"Now we will begin," he said. "Shall we sway backward and forward, Mary, as if we were dervishes?"

"I canna' do no swayin' back'ard and for'ard," said Ben Weatherstaff. "I've got th' rheumatics."

"The Magic will take them away," said Colin in a High Priest tone, "but we won't sway until it has done it. We will only chant."

"I canna' do no chantin'" said Ben Weatherstaff a trifle testily. "They turned me out o' th' church choir th' only time I ever tried it."

No one smiled. They were all too much in earnest. Colin's face was not even crossed by a shadow. He was thinking only of the Magic.

"Then I will chant," he said.

And he began, looking like a strange boy spirit. "The sun is shining – the sun is shining. That is the Magic. The flowers are growing – the roots are stirring. That is the Magic. Being alive is the Magic – being strong is the Magic. The Magic is in me – the Magic

se sentir grato por ter sido chamado para ajudar. Mary estava solenemente encantada. Dickon continuava segurando o coelho e talvez tivesse feito algum sinal que ninguém viu, porque assim que sentou e cruzou as pernas como os outros, o corvo, o raposo, os esquilos e o carneirinho se aproximaram devagar e se juntaram ao círculo, cada um no lugar que escolheu.

- Os bichos também vieram - disse Colin, compenetrado. - Também querem ajudar.

Colin estava mesmo bonito, pensou Mary. Com a cabeça levantada, como uma espécie de padre, tinha um olhar maravilhoso naqueles olhos estranhos. A luz batia neles, através dos galhos da árvore. Então ele disse:

- Vamos começar agora. Mary, você acha que devíamos nos balançar para frente e para trás, como os dervixes?

- Eu num posso - avisou Ben - por causa do reumatismo.

- A Mágica vai acabar com ele - prometeu Colin, no seu ar de Sumo Sacerdote. - Mas enquanto isso, não balançamos. Vamos só cantar.

- Eu num posso cantar - disse Ben, meio desapontado. - Da única vez que eu tentei, me expulsaram da igreja.

Ninguém riu. Estavam todos levando aquilo muito a sério. Colin nem ficou. Só pensava na Mágica.

- Então eu canto.

E começou, como se fosse um espírito em forma de menino:- O sol brilha, o sol brilha, isso é Mágica, As flores crescem, as raízes alimentam, isso é Mágica. Estar vivo é Mágica. Ser forte é Mágica. A Mágica esta dentro de mim, dentro de mim. Esta em mim, está em mim. Está em cada um de nós. Está nas costas de Ben Weatherstaff. Mágica! Mágica! Venha nos ajudar! Disse isso muitas vezes. Não milhares, mas muitas

<p>is in me. It is in me – it is in me. It’s in every one of us. It’s in Ben Weatherstaff’s back. Magic! Magic! Come and help!” He said it a great many times – not a thousand times but quite a goodly number. Mary listened entranced. She felt as if it were at once queer and beautiful and she wanted him to go on and on. Ben Weatherstaff began to feel soothed into a sort of dream which was quite agreeable. The humming of the bees in the blossoms mingled with the chanting voice and drowsily melted into a doze. Dickon sat cross-legged with his rabbit asleep on his arm and a hand resting on the lamb’s back. Soot had pushed away a squirrel and huddled close to him on his shoulder, the gray film dropped over his eyes.</p>	<p>mesmo. Mary ouvia, encantada. Achava aquilo ao mesmo tempo muito estranho e muito bonito, e queria que ele continuasse. Ben começou a se sentir aliviado, levado para uma espécie de sonho agradável. O zumbido das abelhas nas flores se misturava com a voz que cantava e ia dando um pouco de sono. Dickon continuava sentado, de pernas cruzadas, com o coelho dormindo no colo e uma mão nas costas do carneirinho. Tição tinha empurrado um esquilo para se aninhar no ombro dele, de olhos fechados.</p>
<p>“The Magic is in me!” he kept saying. “The Magic is making me strong! I can feel it! I can feel it!”</p> <p>It seemed very certain that something was upholding and uplifting him. He sat on the seats in the alcoves, and once or twice he sat down on the grass and several times he paused in the path and leaned on Dickon, but he would not give up until he had gone all round the garden. When he returned to the canopy tree his cheeks were flushed and he looked triumphant.</p> <p>“I did it! The Magic worked!” he cried. “That is my first scientific discovery”.</p>	<p>- A Mágica está em mim! - repetia. - Está me dando força! Eu posso sentir!</p> <p>Parecia mesmo que alguma coisa o sustentava. Ele se sentava nos bancos de pedra dos cantos verdes, sentou-se na grama uma ou duas vezes, e várias outras teve que parar para descansar no caminho, apoiado no braço de Dickon. Mas não desistiu enquanto não deu uma volta completa pelo jardim. Quando voltou à árvore-dossel, as bochechas estavam vermelhas e tinha um ar triunfante.</p> <p>- Consegui! A Mágica funcionou! - exclamou. - É minha primeira descoberta científica.</p>

O elemento mágico se faz presente de maneira tão sutil que não há como estabelecer fronteiras entre o Real e a Fantasia (COELHO, 2010, p. 163). Um exemplo disso são as habilidades de seres humanos atribuídas ao pássaro, o Pisco, tais como observar, raciocinar, pensar, lembrar e ter sentimentos como medo, ansiedade e amor aos seus filhotes, como pode ser observado na Tabela 2-2 nos excertos retirados do capítulo 25, intitulado “The Curtain” traduzido como “A cortina”.

Tabela 2-2: Exemplos da fusão entre o Real e a Fantasia em *The Secret Garden* e sua tradução *O Jardim Secreto*

Texto Fonte	Texto Traduzido
<p>At first the robin watched Mary and Colin with sharp anxiety. For some mysterious reason he knew he need not watch Dickon. The first moment he set his dew-bright black eye on Dickon he knew he was not a stranger but a sort of robin without beak or feathers. He could speak robin (which is a quite distinct language not to be mistaken for any other). To speak robin to a robin is like speaking French to a Frenchman. Dickon always spoke it to the robin himself, so the queer gibberish he used when he spoke to humans did not matter in the least. The robin thought he spoke this gibberish to them because they were not intelligent enough to understand feathered speech. His movements also were robin. They never startled one by being sudden enough to seem dangerous or threatening. Any robin could understand Dickon, so his presence was not even disturbing.</p> <p>But at the outset it seemed necessary to be on guard against the other two. In the first place the boy creature did not come into the garden on his legs. He was pushed in on a thing with wheels and the skins of wild animals were thrown over him. That in itself was doubtful. Then when he began to stand up and move about he did it in a queer unaccustomed way and the others seemed to have to help him. The robin used to secrete himself in a bush and watch this anxiously, his head tilted first on one side and then on the other. He thought that the slow movements might mean that he was preparing to pounce, as cats do. When cats are preparing to pounce they creep over the ground very slowly.</p>	<p>E o pisco entendeu. Primeiro, ele olhava Mary e Colin com certa ansiedade. Por alguma razão misteriosa, sabia que não precisava vigiar Dickon. Desde o primeiro momento em que pôs seus olhos escuros de orvalho em Dickon, soube que não era um estranho, mas uma espécie de pisco sem bico nem penas. Afinal, ele falava pisquês (que é uma língua diferente de todas as outras e não deve ser confundida). Falar pisquês com um pisco é como falar francês com um francês, Dickon sempre falava com o pisco nessa língua, por isso as coisas esquisitas que ele dizia quando falava com humanos não tinham a menor importância. Na certa era porque eles eram bastante inteligentes para entender uma linguagem emplumada. E os movimentos dele também eram de pisco, nunca assustavam ninguém de repente, nem pareciam perigosos ou ameaçadores. Qualquer pisco podia entender Dickon, de modo que a presença dele não atrapalhava nada.</p> <p>Mas no começo, era bom ficar alerta com os outros dois. Antes de mais nada, o bicho-menino não vinha para o jardim por suas próprias pernas. Era empurrado numa coisa de rodas, e ainda jogavam umas peles de animais em cima deles. Isso já era bem esquisito. Depois, quando ele começou a se levantar e se mexer, era sempre de um jeito diferente e esquisito, os outros tinham que ajudar. O pisco costumava se esconder numa moita e observar, ansioso, inclinando a cabeça ora para um lado, ora para o outro. Achava que aqueles movimentos lentos podiam significar que ele estava se preparando para dar um bote, como os gatos. “Gatos, quando preparam o bote, se arrastam bem devagar, colados no chão.” O pisco discutiu isso com a</p>

The robin talked this over with his mate a great deal for a few days but after that he decided not to speak of the subject because her terror was so great that he was afraid it might be injurious to the Eggs.	companheira durante alguns dias, mas depois resolveram não tocar mais no assunto, porque ela ficava tão apavorada que podia acabar fazendo mal aos Ovos.
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A escolha entre uma ou outra forma de literatura, Realismo ou Fantasia, além de sofrer influência dos movimentos culturais e literários de uma determinada época, depende, segundo Coelho (1987, p. 31), principalmente, das preferências do autor. No caso da obra *The Secret Garden*, sua autora, Burnett, criou um universo literário híbrido, fazendo uso ora do Real ora da Fantasia, do Maravilhoso. Portanto, para fins deste trabalho, *The Secret Garden* será considerado, quanto à sua forma básica de LIJ, uma obra do Realismo Mágico.

Essa classificação, modelo de Realismo Mágico, aliada ao fato do objeto de estudo ser do gênero infantojuvenil, torna o corpus desta pesquisa de domínio especializado, um dos critérios de classificação tipológica do corpus paralelo (ver capítulo 3, seção 3.1.2).

Neste subcapítulo, foi informada a definição de LIJ adotada por este estudo, de um modo geral suas características fundamentais, cujo conhecimento é de extrema importância para aquele que a traduz e, através de uma discussão mais detalhada, a leiturabilidade, que faz parte do foco desta pesquisa. Por fim, um panorama histórico das tendências da forma básica de LIJ, com um olhar especial no modelo ao qual pertence o objeto de estudo deste trabalho, o modelo da LIJRM.

2.5 VOZ DO TRADUTOR OU PRESENÇA DISCURSIVA DO TRADUTOR

Tudo o que há é a ilusão de “Eu estou lendo Dostoiévski”? Será que o tradutor, feito seu trabalho manual, desaparece sem deixar traços textuais, falando totalmente ‘sob apagamento’? Podem os tradutores usurpar a voz do original e ao mesmo tempo evacuar seus próprios espaços enunciatórios? De quem é, exatamente, a voz que chega até nós quando lemos um discurso

traduzido? (HERMANS, 1996, p. 197, tradução nossa)⁸³.

O papel do tradutor constitui um dos paradoxos existentes na tradução literária, devido à tradução ser entendida, culturalmente e ideologicamente, por teóricos, tradutores profissionais e até mesmo pelo leitor, como uma reprodução fiel do seu original (ver Venuti, 1995; Hermans, 1996; Oloham, 2004; Baker, 2010; Lathey, 2010). O que leva o leitor a acreditar, ao ler uma tradução, que está lendo o original. Nas próprias palavras de Hermans:

Ao ler ficção traduzida, normalmente os leitores esquecem que o que eles estão lendo é uma tradução. O tradutor se esconde totalmente atrás da voz do narrador. Então, de quem é a voz que ouvimos quando lemos um romance traduzido? O que geralmente acontece é um indicativo. Tendemos a dizer que estamos lendo Dostoiévski, por exemplo, mesmo quando não estamos lendo palavras em Russo, mas em Inglês ou em francês ou em Espanhol. Este boicote, este ‘apagamento’ da intervenção do tradutor é paradoxal (1996, p. 197, tradução nossa)⁸⁴.

Nesse sentido, algumas questões são levantadas por Hermans em seu artigo de 1996 “The Translator’s Voice in Translated Narrative”. Ele questiona a respeito desse aspecto ilusório da tradução “transparente e coincidente”⁸⁵ (HERMANS, 1996, p. 197, tradução nossa), onde o tradutor cumpre seu papel e desaparece sem deixar vestígios. E, ainda, sobre a voz que produz o discurso na tradução de narrativas de ficção.

⁸³ “The questions arise: is the illusion of ‘I am reading Dostoyevsky’ all there is to it? Does the translator, the manual labour done, disappear without textual trace, speaking entirely ‘under erasure’? Can translators usurp the original voice and in the same move evacuate their own enunciatory space? Exactly whose voice comes to us when we read translated discourse? (HERMANS, 1996, p. 197).

⁸⁴ “While reading translated fiction, readers are normally meant to forget that what they are reading is a translation. The translator withdraws wholly behind the narrating voice. So whose voice comes to us when we read a translated novel? Common usage is indicative. We tend to say that we are reading Dostoyevsky, for example, even when we are reading not Russian but English or French or Spanish words. This blotting out, this ‘erasure’ of the translator’s intervention is paradoxical” (HERMANS, 1996, p. 197).

⁸⁵ “transparency and coincidence”, termos utilizados por Hermans (HERMANS, p. 197) ao explicar os paradoxos da tradução.

Pode-se levantar, aqui, a seguinte questão: qual é o verdadeiro papel do tradutor na tradução literária? Seria apenas o de reexpressar as ideias do autor do original, marcando a diferença de status entre este e sua tradução, declarando-a como uma “‘verdadeira cópia’ do original”⁸⁶ (HERMANS, 1996, p. 197, tradução nossa)? Hermans (Ibidem., p. 198) sugere que, sob a concepção de tradução fluente e transparente, tem sido exigido do tradutor total discrição e não interferência. Contudo, ainda de acordo com Hermans (Ibidem.), esse efeito é uma ilusão, já que é o resultado da interferência crucial do tradutor. Essa interferência é indispensável devido “aos vários processos assimétricos interlinguais e interculturais que ocorrem na operação tradutória”⁸⁷ (Ibid., p. 196, tradução nossa). Nesse sentido, a concepção do papel do tradutor é paradoxal.

Hermans (2009, p. 96) argumenta, com base nos apontamentos de Pym sobre aspectos éticos da tradução (1992a, 1997, 2002, 2004), que num espaço intercultural, como no que ocorre a tradução, a função do tradutor é a de mediar todas as instâncias envolvidas no ato da tradução, buscando benefícios a todos os envolvidos. Segundo Hermans, então, o papel do tradutor é o de encontrar um caminho por entre as barreiras impostas pelas normas pelas quais a tradução é circundada, de modo a efetivar a comunicação interlingual. Com base na noção de Folkart (1991) de tradução como uma reenunciação, Hermans (1996, p. 2010) vê o tradutor como um reenunciador. E como tal, ao reenunciar a mensagem do texto-fonte a um novo contexto, estabelece uma posição de sujeito no discurso que constrói (Ibid., 2009, p. 96). Sem querer entrar no âmbito de uma abordagem discursiva, já que o interesse deste estudo é apenas na linguagem do discurso traduzido, sendo o discurso um aspecto complementar à linguagem e à língua como um fenômeno social e cultural no fenômeno comunicativo, opta-se por informar, aqui, a definição de discurso. Segundo Cunha (2001),

Discurso é uma língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimem o gosto e o pensamento.

⁸⁶ “‘truly copy’ of the original” (Ibidem.).

⁸⁷ “[...] on the various asymmetrical interlingual and intercultural processes, taking place in the operation [...]” (Ibid., p. 196).

Tomando de empréstimo um modelo-padrão que representa um texto narrativo em geral e sua estrutura comunicativa, onde o discurso é produzido por um Narrador, Hermans (p. 197) questiona quem seria o Narrador na tradução de um texto literário. Então, ele argumenta que os modelos-padrão de narrativa comunicativa existentes não dão conta de traduções, pois suprimem a importante presença do tradutor. E conclui:

Discurso narrativo traduzido, será reivindicado, sempre implica mais do que uma voz no texto, mais do que uma presença discursiva. É possível que em muitas narrativas essa “outra” voz nunca se manifeste claramente, mas deve ser postulada, no entanto, na força daqueles casos onde ela é manifestamente presente e perceptível. E é somente, eu reconheço, a ideologia da tradução, a ilusão da transparência e coincidência, a ilusão de uma voz, que nos cega para a presença dessa outra voz (HERMANS, 1996, p. 198, tradução nossa)⁸⁸.

Hermans, portanto, sugere que há uma “segunda”⁸⁹ voz no discurso de narrativas traduzidas, à qual ele se refere como voz do tradutor, cuja presença discursiva está, frequentemente, encoberta pela do narrador, compondo um discurso unívoco. No entanto, o verdadeiro interesse desse teórico é a voz distintiva e ativa do tradutor indicando sua presença discursiva no texto que ele traduz. Ele ainda aponta para três situações em que a voz do tradutor como presença discursiva no texto traduzido se manifesta (HERMANS, 1996, p. 198 - 200):

A situação em que o tradutor fornece um referencial informativo para garantir que a comunicação flua no contexto da cultura de chegada. Essa situação é representada através de comentários do tradutor em prefácios, notas explicativas paratextuais e explicações referenciais inseridas no discurso da tradução.

⁸⁸ “Translated narrative discourse, it will be claimed, always implies more than one voice in the text, more than one discursive presence. It may be that in many narratives this ‘other’ voice never clearly manifests itself, but it should nevertheless be postulated, on the strength of those cases where it is manifestly present and discernible. And it is only, I submit, the ideology of translation, the illusion of transparency and coincidence, the illusion of one voice, that blind us to the presence of this other voice” (HERMANS, 1996, p. 198).

⁸⁹ As aspas em ‘segunda’ são de Hermans (Ibid.), quando define voz do tradutor.

Quando o texto é caracterizado por “autorreflexividade e autorreferencialidade”⁹⁰, envolvendo o próprio meio de comunicação, como, por exemplo, quando explora trocadilhos ou polissemia ou quando o autor do original se dirige ao tradutor diretamente.

E em casos de “sobredeterminação contextual”⁹¹, características e indicações que criam lacunas de credibilidade que só podem ser resolvidas pelo leitor quando se conscientiza de que está lendo uma tradução.

No que diz respeito à primeira situação, Hermans (1996, p. 199) explica que um texto traduzido normalmente dirige-se a um leitor presumido, diferente do leitor do texto-fonte, por fazer parte, o novo texto, de um contexto linguisticamente, geograficamente, temporalmente e socialmente diferente. E quando há o risco do texto-alvo não ser compreendido pelo seu leitor presumido, o tradutor, como mediador cultural, precisa adequar a sua tradução às necessidades desse leitor. Procedimentos que representam a presença discursiva do tradutor nessa situação são os comentários do tradutor em prefácios, onde ele se dirige diretamente ao leitor. Como no exemplo citado por Gillian Lathey, em seu artigo intitulado “The Translator Revealed: Didacticism, Cultural Mediation and Visions of the Child Reader in translators’ Prefaces” (2006, p. 9), onde Mary Howitt, primeira a traduzir para o Inglês a obra de Hans Christian Andersen, introduz sua tradução da Língua Alemã das fábulas de Wilhelm Hey, de 1844, tentando inspirar confiança ao jovem leitor da cultura receptora:

“To English Children”

This little book comes from the hand,
Dear children, of a friend -
Throughout the kindred german land,
Tis loved from end to end,
Tis loved when sternest winter chills;
When summer gilds the vine;
From Russia to the Tyrol hills;
From the Black Sea to the Rhine. (Howitt 1844:1
apud Lathey, p. 9)⁹².

⁹⁰ “self-reflexiveness and self-referentiality” (Ibidem.).

⁹¹ “contextual overdetermination” (Ibid.).

⁹² Esse é apenas um exemplo da presença discursiva do tradutor onde o tradutor faz uso do prefácio para dirigir-se ao leitor, portanto, não será traduzido.

As notas explicativas no rodapé do texto, final de capítulo ou ainda no final do livro, como a nota adicionada por Ana Maria Machado em sua tradução de *Alice no País das Maravilhas* (p. 61), explicando a origem da expressão “sorrir como um gato de Cheshire”, fornecendo a referência cultural, adequando o texto à compreensão do leitor brasileiro infantojuvenil.

Ou, ainda, a adição de explicações inseridas no discurso, como no caso do exemplo extraído do livro *O Jardim Secreto*, tradução de Ana Maria Machado, corpus desta pesquisa: “[...] se quisesse agradecer a patroa, que na Índia eles chamam de Mem Sahib [...]” (p.1). Neste caso há a explicação referencial para o termo estrangeiro, porém, inserido no discurso.

A segunda situação está relacionada com a língua sendo utilizada, usufruindo de todo o seu potencial, provocando dificuldades na sua tradução, quando não a impossibilita, já que uma língua nunca é igual à outra. Um exemplo é o uso de jogos de palavras, polissemia trocadilhos, etc., onde o tradutor recria o texto preservando seu sentido, porém, não deixa marcas de sua presença discursiva. Ou, então, como diz Hermans (1996, p. 199), há a intervenção explícita da voz do tradutor ao se utilizar de procedimentos tais como: notas explicativas ou comentários entre parênteses. Outro exemplo citado por Hermans (Ibid.) é a leitura de Descartes, “*Discours de La Méthode*”, em uma tradução para o Inglês, onde o autor proclama que está escrevendo em Francês e não em Latim (BAKER, 2010, p. 194, tradução nossa).

E, por fim, a terceira situação na categorização de Hermans (1996, p. 200) da presença discursiva do tradutor em que a tradução de um texto, devido à multiplicidade de fatores contextuais, pode exigir a intervenção explícita do tradutor. O teórico ilustra essa situação com a obra holandesa *Max Havelaar*, onde há um personagem cujo nome é desconhecido. Sabe-se apenas as suas iniciais, que outro personagem, ao tentar descobrir o nome por trás dessas iniciais, defende que suas iniciais formam um ditado popular holandês. Para dificultar ainda mais a tradução, a história ficcional é uma autobiografia do seu autor. Este é um caso de difícil tradução, em que só a intervenção explícita do tradutor poderá resolver.

Hermans (1996, p. 198) ainda aponta para os vários níveis de visibilidade da presença discursiva do tradutor que estão diretamente ligados à escolha do tradutor no que diz respeito aos procedimentos tradutórios, assim como ao modo como lidou com esses procedimentos. Isso significa que a voz do tradutor como presença discursiva no texto que ele traduz tanto pode estar totalmente escondida por detrás da voz

do narrador, numa concepção de tradução fluente e transparente, quanto pode sobressair a do narrador, em casos de manipulação ideológica, ou, ainda, um meio-termo, onde há no texto traduzido uma segunda voz que caracteriza um discurso “híbrido, plural e diferente” ⁹³ (Ibid., p. 210, tradução nossa).

Com base no que foi visto até agora, para fins desta pesquisa, a tradução será vista como um processo assimétrico, interlingual e intercultural, onde o tradutor assume um papel de reenunciador e se estabelece como sujeito do discurso, dando uma nova voz ao texto que traduz.

Nesta seção teve lugar a discussão sobre a voz do tradutor como presença discursiva no texto traduzido, metalinguagem utilizada nesta pesquisa, segundo a definição de Hermans (1996). Na próxima seção será abordada a presença discursiva do tradutor aplicada aos itens de especificidade cultural, segundo a definição desses, por Aixelá (1996).

2.5.1 Presença discursiva do tradutor aplicada aos itens de especificidade cultural

Nesta pesquisa a presença discursiva do tradutor será analisada em nível de linguagem e de contexto cultural, mais especificamente, aplicada aos itens de especificidade cultural (doravante IEC), que aqui são definidos por Aixelá (Ibid., p. 58, tradução nossa), como,

[...] itens textualmente atualizados, cujas funções e conotações no texto de origem envolvem um problema de tradução para o texto de chegada, sempre que esse problema deriva da inexistência do referido item ou de sua diferença de status intertextual no sistema cultural dos leitores do texto de chegada ⁹⁴.

Segundo Aixelá (1996), na tradução sempre há o envolvimento de uma ou mais culturas, o que implica na instabilidade do poder da tradução. Muito dessa instabilidade depende do peso da cultura

⁹³ “Hybrid, plural e different” (HERMANS, p. 210).

⁹⁴ “those textually actualized items whose function and connotations in a source text involve a translation problem in their transference to a target text, whenever this problem is a product of the nonexistence of the referred item or of its different intertextual status in the cultural system of the readers of the target text” (AIXELÁ, 1996, p. 58).

exportadora em relação à cultura receptora. Contudo, as decisões quanto à tradução são tomadas de acordo com o novo contexto cultural. De acordo com Aixelá (Ibid., p. 53, tradução nossa):

Cada comunidade linguística ou linguística-nacional tem a sua disposição uma série de hábitos, valores, juízos, classificação, sistemas, etc. que às vezes são claramente diferentes e por vezes se sobrepõem. Desse modo, as culturas criam um fator de variabilidade que o tradutor terá que levar em consideração⁹⁵.

Portanto, elaborar um instrumento de análise de IECs constitui um problema, sugere Aixelá (Ibidem., p. 56), já que tudo numa língua é produzido culturalmente. A começar pela própria língua. Qualquer item linguístico pode ser considerado um IEC, dependendo apenas de como ele é percebido na cultura receptora. O caráter dinâmico desses itens permitem a evolução linguística intercultural entre comunidades linguísticas. Aixelá (1996, p. 57) pontua que os IECs estão, geralmente, relacionados às instituições locais, ruas, figuras históricas, nomes de lugares, nomes próprios e em diversas áreas de cada sistema linguístico, que trazem dificuldades na tradução. Dificuldades, essas, proporcionadas pela lacuna cultural existente entre a língua do texto-fonte e a língua do texto de chegada.

De acordo com Aixelá (1996, p. 59), os IECs geralmente pertencem a duas categorias: nomes próprios e expressões comuns (objetos, instituições, hábitos e opiniões restritas a cada cultura e que não podem ser incluídas na categoria dos nomes próprios).

2.5.1.1 Estratégias e procedimentos

Antes de iniciar a discussão sobre a classificação dos procedimentos tradutórios propriamente ditos, é preciso explicar o porquê de utilizar o termo “procedimento” ao invés de “estratégia”, já que Aixelá faz uso dos dois termos indiscriminadamente, o que pode causar certa confusão. De acordo com Chesterman (1997, p. 88,

⁹⁵ “Each linguistic or national-linguistic community has at its disposal a series of habits, value, judgments, classification, systems, etc. which sometimes are clear different and sometimes overlap. This way, cultures create a variability factor the translator will have to take into account” (AIXELÁ, 1996, p. 53).

tradução nossa), “estratégia” é um tipo de processo mais geral, um processo mental do tradutor em que ele busca a melhor forma de tradução, tendo em vista seu leitor e a consonância com as normas da cultura de chegada. Este estudo não está interessado no processo, nessa abordagem estratégica teórica mais ampla, mas no produto, em nível mais específico. Portanto, o interesse está nas estratégias de produção, como chama Chesterman (1997, p. 92), “[...] que tem a ver com o modo como o tradutor manipula o material linguístico com o intuito de produzir um texto-alvo apropriado”⁹⁶ (Ibid., Ibidem., tradução nossa). No entanto, para evitar confusão terminológica, este estudo adotará o termo “procedimento”, conforme a definição de Fernandes (2004, p. 64, tradução nossa):

Procedimentos são vistos como registros de tipos de comportamentos translacionais, os quais o tradutor pode exibir depois de lidar com um determinado elemento como evidenciado na formulação do texto traduzido⁹⁷.

2.5.1.2 Presença discursiva segundo a categorização dos procedimentos tradutórios de Aixelá (1996)

A Categorização é um elemento central em todos os tipos de análise, sejam quais forem seus dados. Envolve dois processos cognitivos básicos: a procura por diferenças (variação) e a procura por similaridades (padrões). Diferenças também podem significar um padrão, de modo que pode haver semelhanças entre as diferenças. Procurar por diferenças é um processo de análise. Isso significa a quebra de um conceito ou um conjunto de dados em unidades menores; requer concentração, inteligência convergente. Procurar por similaridades é um processo de síntese, de generalização. Significa procurar por

⁹⁶ “[...] have to do with how the translator manipulates the linguistic material in order to produce an appropriate target text” (CHESTERMAN, 1997, p. 92).

⁹⁷ “Procedures are viewed as records of types of translational behaviour which a translator may display after dealing with a particular element as made evident in the formulation of the translated text” (FERNANDES, 2004, p. 64).

regularidades, características em comum, padrões;
Necessita imaginação e inteligência divergente⁹⁸
(WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, P. 94,
tradução nossa).

Considerando a importância da categorização numa análise e que uma classificação constitui-se de um conjunto de categorias (Ibid., p. 95), para fins desta pesquisa, foram adotados os procedimentos de tradução de Aixelá (1996), segundo sua categorização, aplicada aos IECs. Essas categorias possibilitam um maior detalhamento na análise e descrição da presença discursiva da tradutora categorizada por Hermans (1996) ou das suas interferências detectadas na tradução, objeto deste estudo.

Em sua classificação dos procedimentos tradutórios dos IECs (Tabela 2-3), Aixelá (Ibid., p.1) organiza as categorias de acordo com o grau de manipulação intercultural. Esse teórico propõe uma divisão em dois grupos, numa escala do menor grau ao maior grau de manipulação intercultural, de acordo com sua natureza conservativa e substitutiva. “A escolha entre esses procedimentos tradutórios mostrarão, entre outros fatores, o grau de tolerância da sociedade receptora e sua própria solidez”⁹⁹, afirma Aixelá (1996, P. 54).

Tabela 2-3: Classificação dos procedimentos tradutórios de Aixelá (1996) segundo o grau de manipulação intercultural.

A. CONSERVAÇÃO	B. SUBSTITUIÇÃO
A.1 Repetição	B.1 Sinonímia
A.2 Adaptação Ortográfica	B.2 Universalização Limitada
A.3 Tradução Linguística	B. 3 Universalização Absoluta
A.4Glosa Extratextual	B.4 Naturalização

⁹⁸ “Categorization is a central element in all kinds of analysis, whatever your data. It involves two basic cognitive processes: looking for differences (variation) and looking for similarities (patterns). Differences may also form a pattern, so that there may be similarities among the differences. Looking for differences is a process of analysis. This means breaking a concept or a set of data down into smaller units; it needs concentration, convergent intelligence. Looking for similarities is a process of synthesis, of generalization. It means looking for regularities, shared features, patterns; it needs imagination, divergent intelligence” (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, P. 94).

⁹⁹ “The choice between these strategies will show, among other factors, the degree of tolerance of the receiving society and its own solidity” (AIXELÁ, 1996, p. 54).

A.5 Glosa Intratextual	B.5 Exclusão
	B. 6 Criação Autônoma

Passa-se agora à definição de Aixelá (1996, p. 61) para cada um dos procedimentos de tradução propostos em sua classificação, iniciando pelo grupo da conservação¹⁰⁰:

A. CONSERVAÇÃO

A.1 Repetição: neste procedimento há a repetição do termo original, onde o tradutor tenta manter tanto quanto possível a referência do original e, por isso, Aixelá (Ibidem., p. 61-62) chama esse procedimento de “respeitoso”. Ele alerta, no entanto, para um dos paradoxos da tradução, casos em que um determinado item lexical é absolutamente idêntico na sua forma escrita, porém, pode ter um significado absolutamente diferente no meio receptor.

Exemplo -> **TF:** Seattle

TT: Seattle

A.2 Adaptação Ortográfica: este procedimento envolve transcrição e transliteração, utilizadas, principalmente, em casos em que o termo original é expresso em um alfabeto diferente ao da língua-alvo. Portanto este procedimento não é utilizado no corpus sob estudo, que é um corpus bilíngue cujo alfabeto da língua do texto-fonte e da língua do texto-traduzido é o mesmo.

Exemplo -> Nomes Russos em trabalhos em Português.

A.3 Tradução Linguística: este procedimento baseia-se em traduções já pré-estabelecidas na língua-alvo ou na transparência linguística. O tradutor escolhe uma referência muito próxima àquela do texto-fonte, aumentando sua compreensão pelo leitor-alvo. Contudo, o leitor reconhece o termo como pertencente à cultura do texto-fonte.

Exemplo -> **TF:** dollars

TT: dólares

A.4 Glosa Extratextual: O tradutor utiliza um dos procedimentos anteriores e, ainda, oferece uma explicação do significado ou implicações do item de especificidade cultural, porém em

¹⁰⁰ Os exemplos são os fornecidos por Aixelá em seu artigo Culture's Specific Items in Translation (1996). Foi utilizada apenas a versão original em Inglês e a tradução minha da versão Inglês para português.

notas, glossário, comentários e explicações entre parênteses, em itálico, etc.

Exemplo -> **TF:** Arnold Rothstein

TT: Arnold Rothstein* (Nota do tradutor: famoso gangster dos anos 20)

A.5 Glosa Intratextual: É um procedimento utilizado da mesma forma que o procedimento anterior, com a diferença que neste procedimento a explicação referencial é inserida no discurso de modo a não interromper o fluxo da leitura.

Exemplo -> **TF:** St. Mark

TT: Hotel St. Mark

Aixelá (1996, p. 62) compara a Glosa Intratextual com a explicitação, “que consiste em tornar explícito algo que é revelado apenas parcialmente no texto-fonte”¹⁰¹. Porém, essa metalinguagem é utilizada por Baker (1993) como uma das estratégias universais da tradução estudada através de corpora comparáveis com vistas ao terceiro código, uma linguagem específica para traduções. O interesse deste estudo reside apenas em investigar, no texto traduzido, os procedimentos tradutórios que representam a presença discursiva da tradutora, devido às interferências culturais da língua-fonte e da língua-alvo. Portanto, não tem vistas ao terceiro código.

B. SUBSTITUIÇÃO

B.1 Sinonímia: Para evitar a repetição do IEC o tradutor recorre a um sinônimo ou a uma referência paralela.

Exemplo: Bacardi - > aguardente de cana (ou Rum)

B.2 Universalização Limitada: Esse procedimento é utilizado pelo tradutor quando percebe que o IEC é obscuro para o leitor e, então, substitui por outro IEC menos específico, mas que ainda representa a cultura do texto-fonte, sem afastar-se do leitor.

Exemplo -> **TF:** five grand

TT: cinco mil dólares

TF: American football

TT: uma bola de rugby

¹⁰¹ “[...] which consists of making explicit something that is only partly revealed in the original text” (AIXELÁ, 1996, p. 62).

B.3 Universalização Absoluta: Mesma situação anterior, mas o tradutor não encontra um IEC mais conhecido, que remeta à cultura do texto-fonte e, portanto, escolhe uma referência neutra para seus leitores.

Exemplo -> **TF:** a Chesterfield

TT: um sofá

B.4 Naturalização: Significa trazer o IEC como um elemento próprio da língua da cultura de chegada. Este procedimento, segundo Aixelá (1996, p. 63), está em desuso na literatura adulta e está em declínio até mesmo na LIJ, onde antes era comum seu uso.

Exemplo -> **TF:** Brigid

TT: Brígida

B.5 exclusão: O tradutor considera o IEC inaceitável ideologicamente ou estilisticamente, ou então, obscuro e pouco relevante pra a compreensão do leitor. Segundo Aixelá (Ibid.) este procedimento tradutório é bastante utilizado.

Exemplo -> **TF:** dark cadillac sedan

TT: dark cadillac

B.6 Criação autônoma: O tradutor insere no texto traduzido uma referência cultural não existente no texto-fonte.

Exemplo -> **TF:** ‘Shall we stand here and shed tears and call each other names? Or shall we – he paused and his smile was a cherub’s – ‘go to Constantinople?’

TT: ‘Devemos ficar aqui derramando lágrimas como Madalena ou devemos ir a Constantinopla à procura do verdadeiro falcão do Rei da Espanha?’

Além de informar que os procedimentos podem e estão combinados, Aixelá (Ibid., p. 60) também coloca que “não há nada de estranho em um mesmo tradutor usar diferentes procedimentos para tratar de um item de especificidade cultural potencialmente idêntico no mesmo texto” ¹⁰², desde que sejam observadas certas regularidades nas opções escolhidas.

Neste capítulo foi realizada uma revisão da literatura, informando o arcabouço teórico, bem como, os teóricos que fundamentam esta

¹⁰² “There is nothing odd in the same translator using different strategies to treat an identical potencial CSI in the same target text” (AIXELÁ, p. 60).

pesquisa. Além disso, foram oferecidas as definições e discussões sobre a metalinguagem adotada por este estudo com respectiva afiliação teórica e do teórico que a informa. No capítulo 3 será abordado o corpus desta pesquisa e sua contextualização, o método de pesquisa em função da extração dos dados desse corpus e a análise dos dados levantados através do método ETC, atendendo aos objetivos desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Ao compilar um corpus, os pesquisadores precisam levar em consideração uma série de questões e identificar os critérios que os ajudarão a tomar decisões com base no objetivo da pesquisa, nas perguntas de pesquisa a serem abordadas e na hipótese a ser testada (OLOHAN, 2004, p. 46, tradução nossa)¹⁰³.

Para fins de organização metodológica, serão adotados para o corpus desta pesquisa, os três estágios de compilação propostos por Fernandes (2004, p. 89), que compreendem: (3.1) o Desenho do Corpus, onde são levados em consideração, os objetivos da criação do corpus, o tipo de corpus, sua representatividade e seus aspectos extralinguísticos; (3.2) a Construção do Corpus, que envolve a captura, digitalização, correção e alinhamento dos textos; e, por fim, (3.3) o Processamento do Corpus, onde são informados o hardware, software e as ferramentas eletrônicas utilizadas na extração dos dados para posterior análise.

3.1 DESENHO DO CORPUS

3.1.1 Objetivo da criação do corpus

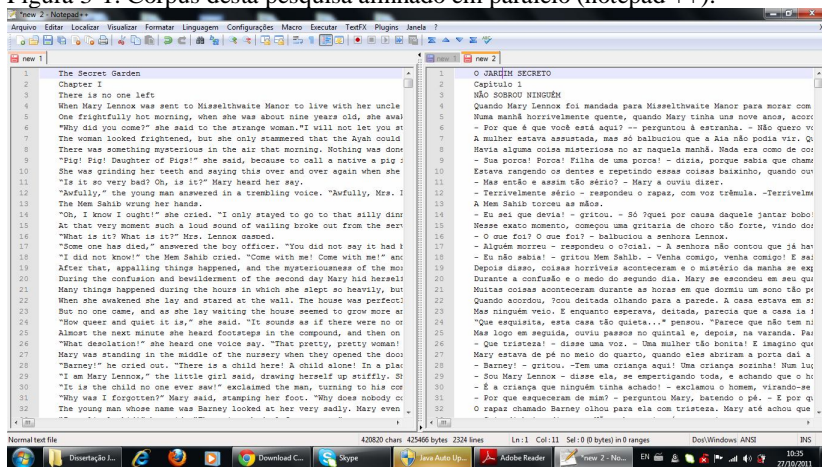
Estabelecer o objetivo da criação do corpus da pesquisa, segundo Fernandes (2004, p. 90), é o primeiro e mais importante passo no planejamento de um corpus, pois as próximas decisões dependem do estabelecimento desse objetivo. Portanto, o corpus desta pesquisa foi desenhado com o objetivo de investigar a presença discursiva da tradutora de *The Secret Garden*, obra escrita originariamente em Inglês Britânico, e traduzida em 1993 para o Português Brasileiro. A criação do corpus objetiva, mais especificamente, investigar a presença discursiva da tradutora no texto traduzido, aplicada aos itens de especificidade cultural, em função da leiturabilidade do público leitor infantojuvenil, no contexto brasileiro.

¹⁰³ “In compiling a corpus, researchers need to consider a range of issues and identify criteria that will help them make choices about material to include or exclude. In each case, these criteria are established and choices are made based on the aim of the research, the research questions to be addressed and the hypotheses to be tested” (OLOHAN, 2004, p. 46).

3.1.2 Corpus paralelo

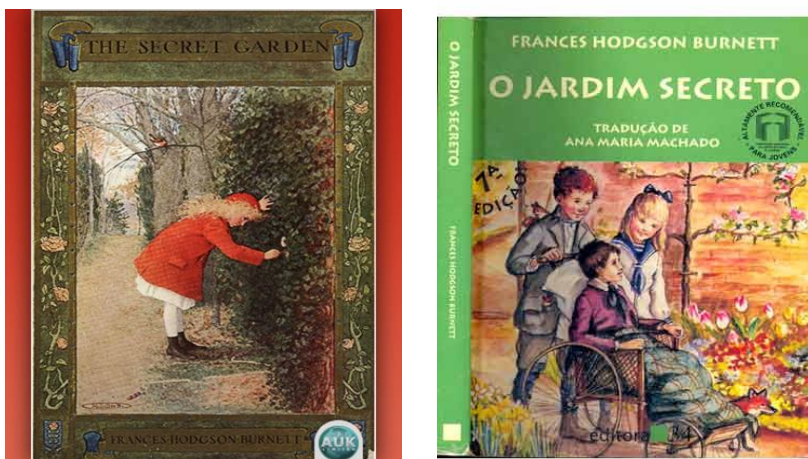
O corpus compilado para esta pesquisa é um corpus do tipo paralelo (ver Figura 3-1), composto pelo texto-fonte (ver Figura 3-2) *The Secret Garden*, publicado em 1911, escrito por Frances Hodgson Burnett, numa época muito significativa para a LIJ mundial, por ser um dos primeiros livros escritos tendo em mente o leitor infantojuvenil. E, também, por ter sido escrito no período de entresséculos, época em que a LIJ Brasileira baseou-se para seu desenvolvimento¹⁰⁴. E o texto-alvo (ver Figura 3-2), *O Jardim Secreto*, traduzido por Ana Maria Machado, publicado no Brasil em 1993.

Figura 3-1: Corpus desta pesquisa alinhado em paralelo (notepad ++).



¹⁰⁴ Ver Introdução, Justificativa, Objeto de Estudo.

Figura 3-2: Capa do texto-fonte, *The Secret Garden*, 1ª Edição (1911) e do texto-traduzido O jardim Secreto, 3ª Edição (1996).



Para classificá-lo quanto à tipologia do corpus foi preciso analisá-lo de acordo com quatro critérios estabelecidos por Fernandes (2004, p. 99) que, por sua vez, baseia-se nos apontamentos de Sinclair (1991) e Baker (1995) quanto à seleção de textos para o compilamento do corpus. São eles:

1. **Número de línguas envolvidas:** Quanto a esse critério, o corpus paralelo pode ser Bilíngue, quando há o envolvimento de apenas duas línguas. É considerado trilíngue, quando há três línguas presentes no corpus, ou, ainda, multilíngue, no caso do envolvimento de mais de três línguas no corpus. O corpus paralelo compilado para este estudo, consiste no texto-fonte em uma língua A e sua versão traduzida para uma língua B (BAKER, 1995, p. 230), conforme explicado no capítulo 2, subcapítulo 2.3, Método de pesquisa: estudos da tradução com base em corpus. Disso pode extrair-se a classificação do corpus em questão, quanto ao número de línguas presentes, como bilíngue, por constituir-se apenas pelo par linguístico: Inglês Britânico e Português Brasileiro.
2. **Direcionalidade:** Segundo Olohan (2004, p. 24) um corpus pode ser classificado, de acordo com sua direcionalidade, como unidirecional: texto-fonte na língua A e suas traduções na língua B. Pode estar combinado com corpora comparável

sendo considerado como corpora bidirecionais e seguem a seguinte direção: textos-fonte na língua A mais suas respectivas traduções na língua B e textos-fonte na língua B mais suas traduções na língua A. Ou, ainda, o corpus multidirecional, onde as várias línguas constituintes do corpus interagem entre si. Então, o corpus, objeto deste estudo, quanto a sua direcionalidade, é considerado como um corpus unidirecional por estar alinhado ao texto traduzido em uma única direção: do Inglês para o Português, ou seja, Língua A para língua B.

3. **Restrição temporal:** Quanto a esse critério, o corpus paralelo pode ser sincrônico, quando o objeto de estudo é analisado considerando apenas um período de tempo determinado. Contudo, se o objeto de estudo for analisado levando em consideração seu desenvolvimento através do tempo, então será considerado um corpus diacrônico. O período de interesse da investigação da presença discursiva da tradutora em *O Jardim Secreto* é 1993, quando a obra foi traduzida. Portanto, o corpus deste estudo é considerado como sincrônico quanto à restrição temporal.
4. **Domínio:** Quanto ao domínio, um corpus pode ser classificado em geral, quando é composto por tipos variados de textos, pertencentes a diferentes gêneros. Ou especializado, quando aborda um determinado tipo de texto e gênero. O corpus desta pesquisa classifica-se como especializado por ter como objeto de estudo um gênero específico, a LIJ e a forma de literatura básica híbrida de Realismo Mágico.

A exemplo de Fernandes (2004, p. 93) após classificar o corpus paralelo quanto aos critérios de seleção, para uma melhor visualização, essa classificação é disposta resumidamente na Tabela 3-1:

Tabela 3-1: Classificação tipológica do corpus paralelo objeto deste estudo.

CORPUS PARALELO	
Critério	Atributo
Número de Línguas	Bilíngue: TF – Inglês Britânico TA – Português Brasileiro
Direcionalidade	Unidirecional: Inglês Britânico para o Português Brasileiro
Restrição temporal	Sincrônico: 1993 ano de publicação da tradução brasileira
Domínio	Especializado: Obra de LIJRM

3.1.3 Representatividade

No desenho do corpus foi levado em consideração o objetivo desta pesquisa para que o corpus fosse representativo qualitativamente, por apresentar exemplos significativos do fenômeno tradutório sob investigação, que é a presença discursiva da tradutora aplicada aos itens de especificidade cultural.

O corpus recém apresentado foi compilado, especificamente, para esta pesquisa e está inserido num corpora paralelo bilíngue, chamado COPA-TRAD, Corpora Paralelo de Tradução, ainda em desenvolvimento por estudantes da Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob a coordenação e orientação do Professor Dr. Lincoln Fernandes. Está sendo desenvolvido para dar suporte empírico na investigação de fenômenos tradutórios nas pesquisas de Professores e alunos da UFSC. O COPA-TRAD, por sua vez, é dividido em vários subcorpora dentre os quais o COPA-LIJ, Corpora Paralelo de Literatura Infantojuvenil, onde está inserido o corpus desta pesquisa. O COPA- LIJ é composto por vários textos da literatura infantojuvenil em formato eletrônico, já alinhados (comparativamente) respectivamente com suas traduções ou com apenas uma tradução. O corpus *The Secret Garden* e sua tradução, *O Jardim Secreto*, é a contribuição desta pesquisa para a composição desse grande corpora, que é o COPA-TRAD, e que está abrigado no website do TRACOR, Grupo de Pesquisa coordenado por Lincoln Fernandes e Grupo do qual esta pesquisadora faz parte.

A representatividade do corpus é uma das características importantes de serem observadas no planejamento do corpus. Porém, segundo Fernandes (2004, p. 93), apesar de sua fundamental importância, é impossível planejar um corpus que alcance uma total representatividade da linguagem natural. A representatividade pode ser

analisada em termos de qualidade (TYMOCZKO, 1998, p. 7) e extensão do corpus (SARDINHA, 2004, p. 25).

É tomada a definição dos objetivos de uma pesquisa qualitativa de Williams e Chesterman (2002, p. 64, tradução nossa) para um melhor entendimento da influência da qualidade do corpus da pesquisa em sua representatividade.

O objetivo de uma pesquisa *qualitativa* é descrever a qualidade de algo em um modo esclarecedor. Mais exatamente, a pesquisa qualitativa pode levar a conclusões sobre o que é possível, o que pode acontecer, ou o que pode acontecer, pelo menos, algumas vezes; não permite conclusões sobre o que é provável, geral ou universal¹⁰⁵.

Desse modo, para um corpus ser representativo qualitativamente é preciso que ele contenha, de modo significativo, o fenômeno tradutório de interesse na investigação.

E com relação à extensão do corpus, Sardinha argumenta que pouco se tem estudado a respeito, ainda que seja um importante critério de avaliar a representatividade de um corpus. Segundo esse teórico, quanto mais extenso o corpus, maior a probabilidade de apresentar exemplos autênticos do objetivo da pesquisa. É aqui que entram os objetivos de uma pesquisa quantitativa:

Aqui, o objetivo é ser capaz de dizer algo sobre a generalidade de um determinado fenômeno ou característica, sobre quão típico ou generalizado ele é. A cerca de suas regularidades, tendências, frequências, distribuições. [...] A pesquisa quantitativa busca medir coisas, contá-las, e compará-las estatisticamente. Estudos com base

¹⁰⁵ “The goal of qualitative research is to describe the quality of something in some enlightening way. More strictly, qualitative research can lead to conclusions about what is possible, what can happen, or what can happen at least sometimes; it does not allow conclusions about what is probable, general, or universal” (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, p. 64).

em Corpus são um exemplo óbvio disso¹⁰⁶ (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002, p. 64-65, tradução nossa).

Voltando à discussão sobre a extensão do corpus e sua influência na representatividade desse corpus, temos que Sardinha (Ibid., p. 23), com base na observação, durante quatro anos, dos corpora utilizados pela comunidade, propõe uma classificação do tamanho do corpus por palavras, como pode ser observado na Tabela 3-2:

Tabela 3-2: Tabela de classificação do tamanho do corpus por palavras (SARDINHA, 2004, p. 23).

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	pequeno
80 a 250 mil	pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	médio
1 milhão a 10 milhões	médio-grande
10 milhões ou mais	grande

Aplicando, então, essa classificação ao corpus deste estudo, verifica-se que ele pode ser considerado um corpus de pequena/média dimensão, por apresentar o texto-fonte 298 páginas e o texto traduzido 256 páginas, divididos em 27 capítulos cada, totalizando 157.667 palavras.

Conclui-se, portanto, que o corpus, objeto deste estudo, pode ser classificado como representativo qualitativamente, já que foi desenhado tendo em vista os objetivos da pesquisa, informados acima e por ter um tamanho que pode ser adequado para abrigar os fenômenos tradutórios de interesse neste estudo. E é também quantitativo, na medida em que pode informar estatisticamente e comparativamente os resultados encontrados.

3.1.4 Aspectos extralinguísticos

De acordo com Olohan (2004, p. 46, tradução nossa),

¹⁰⁶ “Here, the aim is to be able to say something about the generality of a given phenomenon or feature, about how typical or widespread it is; about regularities, tendencies, frequencies, distributions. [...] Quantitative research seeks to measure things, to count, and to compare statistically. Corpus-based studies are an obvious example (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002, p. 64-65).

Fatores regionais e temporais, geralmente, desempenham algum papel no planejamento do corpus; nacionalidade, etnia, idade, sexo, etc. sobre o escritor ou palestrante também podem ser critérios a serem considerados na seleção de textos, dependendo da sua relevância para as perguntas de pesquisa a serem investigadas fazendo uso dos dados do corpus¹⁰⁷.

No caso deste estudo, por investigar a presença discursiva da tradutora de um texto considerado um clássico da LIJ, a informação dos aspectos extralinguísticos do corpus desta pesquisa, principalmente os relacionados à tradutora, é relevante para responder às perguntas de pesquisa.

3.1.4.1 Sobre a autora: FRANCES HODGSON BURNETT

Frances Hodgson Burnett¹⁰⁸ nasceu em 24 de Novembro de 1849, em Manchester, Inglaterra. Era a terceira filha, dentre cinco, da família Hodgson. Em 1865, devido à morte de seu pai e do declínio da economia de Manchester, mudou-se para a América com toda sua família.

Devido a grandes necessidades financeiras pela qual a família passava, Frances começa a escrever histórias iniciando o que mais tarde se tornaria uma grande carreira de escritora. Com a morte da mãe continuou a sustentar seus irmãos através de seus escritos.

Casou-se em 1873 com um médico chamado Swann Burnett e teve dois filhos, Lionel e Vivian. No entanto, não parou de escrever e publicou seus primeiros livros aos 27 anos. Até 1886 era uma bem sucedida escritora para adultos, numa época em que as mulheres escritoras não eram vistas com bons olhos. Seu sucesso maior desencadeou com o livro escrito para um público infantojuvenil, *Little Lord Fauntleroy* (1886). Seus livros foram traduzidos para diversas línguas e têm sido lidos por várias gerações de leitores. Burnett também

¹⁰⁷ “Regional and temporal factors will often play a part in corpus design; nationality, ethnicity, age, gender, etc. of writer or speaker may also be criteria to be considered in selection of texts, depending on their relevance for the research questions that are to be investigated using corpus data” (OLOHAN, p. 24).

¹⁰⁸ Os dados da biografia da autora da obra *The Secret Garden*, Frances Hodgson Burnett, foram obtidos no site www.online-literature.com/burnett, biografia postada por C. D. Merriman. 2007. Acesso em: 28/10/2011.

inspirou vários autores em seus escritos e seus livros foram adaptados para o cinema.

Com a morte do seu filho em 1890, aderiu ao Espiritualismo, à Teosofia e à Ciência Cristã. Vestígios de suas crenças podem ser observados em suas obras.

Divorciou-se em 1898 e voltou a viver na sua terra natal, a Inglaterra. Lá frequentemente escrevendo no jardim de sua casa inspirou-se para escrever *The Secret Garden* (1911) e muitas outras obras de sucesso como *A Princesinha* (1905).

De volta à América, faleceu em 29 de Outubro de 1924 e foi enterrada em Nova York.

3.1.4.2 Sobre a tradutora: ANA MARIA MACHADO

Ana Maria Machado¹⁰⁹ começou a escrever, profissionalmente, em 1969 durante o período da ditadura militar. Devido à difícil situação política no Brasil, viveu voluntariamente no exílio, na Europa, de 1969 a 1972. Nesse período, escreveu histórias infantojuvenis para a revista brasileira chamada *Recreio*. Foi através da LIJ que expressou suas dúvidas e protestos contra repressão política. Ana, também, trabalhou como jornalista em Paris e Londres, e como professora na Sorbonne. Completou seu doutorado em Linguística e Semiologia na *École Pratique des Hautes Études* em Paris. Sua Tese resultou no livro *Recado do Nome*. Voltou ao Brasil em 1976. As histórias que ela havia publicado anteriormente em revistas, começaram a ser publicadas, então, na forma de livros e, no ano seguinte, Ana Maria recebeu o prêmio João de Barro pelo livro infantil *História Meio ao Contrário*. Abandonou o jornalismo em 1980 e passou a dedicar seu tempo a escrever livros para crianças, jovens e adultos. Por sua carreira afora, traduziu e adaptou livros de outros autores consagrados de LIJ, do Francês, Inglês e Espanhol para o Português, como, por exemplo, Robinson Crusóe (1990), Peter Pan (1992), O rei Artur e os cavaleiros da tábua redonda (1995), Alice no país das maravilhas (1997), Dom Quixote (2003) e A batalha dos monstros e das fadas (2006)¹¹⁰. Publicou mais de 100 livros seus no Brasil e em mais 17

¹⁰⁹ Os dados pessoais e profissionais de Ana Maria Machado informados neste estudo foram obtidos no site pessoal da escritora: www.anamariamachado.com. Acesso: 01/05/2010 e também no website do DITRA – Dicionário de Tradutores Literários do Brasil: www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm. Acesso: 04/02/2012.

¹¹⁰ Dados obtidos no website do DITRA – Dicionário de Tradutores Literários do Brasil: www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm. Acesso: 04/02/2012.

países, recebendo os mais cobiçados prêmios e honrarias brasileiras e internacionais. Em 2000, foi agraciada pelo prêmio considerado de maior reconhecimento internacional comparado ao Prêmio Nobel para Literatura Infantil – O Prêmio Hans Christian Andersen, pelo livro *Raul da Ferrugem Azul*. Em 2001, recebeu o Prêmio Machado de Assis – O mais prestigiado prêmio de Literatura Nacional, da Academia Brasileira de Letras, pela totalidade dos trabalhos de um escritor. Em 2003, Ana Maria foi eleita para a Academia Brasileira de Letras. Pela primeira vez, a Academia escolheu um autor cujo trabalho tem sido dirigido principalmente às crianças e ao jovem leitor.

Ana Maria Machado, assim como, Frances Hodgson Burnett, é uma prolífera e bem sucedida escritora de livros dirigidos ao jovem e à criança. Apesar de as duas escritoras serem de épocas diferentes, elas têm características em comum, como, por exemplo, serem mulheres, que por gostar muito de contar histórias, na hora da necessidade, escrever suas histórias foi o que as manteve financeiramente, bem como, a suas famílias. Duas lutadoras que se superaram, apesar do preconceito de serem mulheres e escritoras de LIJ, até pouco tempo considerada literatura periférica (PUURTINEN, 1998, p. 2). Outra característica em comum diz respeito às escolhas quanto à forma básica de literatura, pois ambas escrevem segundo o modelo de Realismo Mágico.

Tendo em vista sua vasta experiência como escritora profissional e tradutora de LIJ, bem como, seu reconhecimento internacional, que pode ser mensurado pelos diversos prêmios recebidos por sua obra, é conferida grande credibilidade a sua tradução da obra de Burnett, *O Jardim Secreto*, objeto deste estudo.

3.1.5 As obras: The Secret Garden e O Jardim Secreto

3.1.5.1 The Secret Garden

O grande sucesso do livro *The Secret Garden*, que sucedeu o sucesso de *The Little Princess*, da mesma autora, tanto com as crianças, quanto com os adultos, resultou na sua canonização dentro da LIJ, bem como, na da autora inglesa, Frances Hodgson Burnett, escritora para crianças e jovens adolescentes¹¹¹. Essa obra, escrita em 1911, foi publicada nos Estados Unidos por Frederick A. Stokes e na Inglaterra por Heinemann. Em 1987 cessaram os direitos autorais americanos e em 1995 *The Secret Garden* já estava em domínio público a nível mundial,

¹¹¹ Informações obtidas no site <www.childliterature.net>. Acesso em: 22/10/2010.

quando, então, muitas edições da obra surgiram. Por ser um clássico universal, foi veiculado também na mídia como filme já em 1919. Anos depois, em episódios na TV e em musicais. Em 1993, nos Estados Unidos da América, foi lançado um novo filme escrito por Caroline Thompson e dirigido por Agnieszka Holland, que foi traduzido em línguas de diversos países, inclusive para o Português do Brasil. Este filme foi indicado para prêmios em algumas categorias e foi premiado em outras¹¹².

3.1.5.2 O Jardim Secreto

Ana Maria Machado adaptou a obra de Burnett para jovens e crianças em 2004, Coleção Reencontro Infantil, Editora Scipione, com 48 páginas¹¹³.

Contudo, o interesse desse estudo reside na tradução de *The Secret Garden* para o Português do Brasil, *O Jardim Secreto*, publicada em 1993 pela Editora 34, cujas ilustrações são de Tasha Tudor,

Essa tradução denota “excelência e criatividade”¹¹⁴, uma tradução “segura e vivíssima [...] sem cortes e concessões”¹¹⁵. Vale mencionar que tanto *The Secret Garden*, o texto-fonte, objeto deste estudo, quanto às obras escritas por Machado apresentam marcas do Realismo Mágico (Oliveira, 2006). O que, aliado ao fato de ser ela uma escritora brasileira, com domínio da língua portuguesa bem como da língua inglesa cujos trabalhos mais premiados foram na área da LIJ¹¹⁶, pode explicar o sucesso de *O Jardim Secreto*, que recebeu Láurea de “altamente recomendável – Tradução”¹¹⁷ e premiada como melhor texto traduzido pela Fundação Nacional de Literatura Infantojuvenil – FNLIJ¹¹⁸.

¹¹² Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/The_Secret_Garden Acesso em: 27/10/2011.

¹¹³ Dados obtidos no website do DITRA – Dicionário de Tradutores Literários do Brasil: www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm. Acesso: 04/02/2012.

¹¹⁴ “Excelência e criatividade” são termos utilizados por Elizabeth Vasconcellos em seu parecer sobre a tradução de *The Secret Garden* de Ana Maria Machado aposta no website da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ. Disponível em: www.fnlij.org.br Acesso ao site em: 26/10/2011.

¹¹⁵ Informação obtida no site da FNLIJ – Parecer 2 de Maria Antonieta Cunha. Disponível em: www.fnlij.org.br Acesso em: 26/10/2011.

¹¹⁶ Afirmação com base na biografia da autora disponível em seu website. Disponível em: www.anamariamachado.com Acesso em: 27/10/2011.

¹¹⁷ Dados obtidos no website do FNLIJ. Disponível em: www.fnlij.org.br Acesso em: 26/10/2011

¹¹⁸ Dados obtidos no website da Academia de Letras Brasileira. Disponível em: www.cademia.org.br. Acesso em: 05/02/2012.

3.2 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Tendo definido o desenho do corpus desta pesquisa, passa-se à efetiva construção desse corpus, que compreende as seguintes etapas: captura, digitalização, correção e alinhamento dos textos.

O corpus, objeto de estudo desta pesquisa, foi construído exclusivamente para o levantamento de dados para esta pesquisa. O texto original em inglês, *The Secret Garden* (A publicação utilizada para a construção do corpus desta pesquisa é a de 1994), por já ser de domínio público, estava disponível para download na internet¹¹⁹.

A tradução, *O Jardim Secreto*, foi digitalizada por meio de um scanner doméstico, da marca HP, modelo Photosmart C4280, página por página. Ao digitalizar, foi escolhida a opção de reconhecimento de caracteres (OCR). Apesar disso, alguns caracteres não foram reconhecidos, como, por exemplo, o acento agudo que aparecia como o número 6. Após a digitalização em .doc, o livro *O Jardim Secreto* foi copiado e colado, por capítulo, num arquivo do Word, para que fossem corrigidos os caracteres não reconhecidos no processo de digitalização. Então os dois textos, original e tradução, foram copiados e colados no Notepad ++ e salvos em formato .txt. O que possibilitou a disposição dos dois textos em interface. Dessa forma, foi possível alinhar o texto, manualmente, por parágrafos, totalizando 2.324 parágrafos.

O corpus paralelo desse estudo foi inserido como um subcorpus do COPA-LIJ, subcorpora do COPA-TRAD (FERNANDES; SILVA; FLEUR, 2011) para depois ser processado.

3.3 PROCESSAMENTO DO CORPUS

Por ser considerado como um método de pesquisa, um corpus pode ser utilizado de diferentes maneiras, segundo Olohan (2004, p. 62). O modo como o corpus é efetivamente questionado depende dos objetivos do estudo em questão.

No caso desta pesquisa, que investiga a presença discursiva da tradutora aplicada aos itens de especificidade cultural, a abordagem de corpus auxilia na busca desses itens lexicais, de modo a assegurar que sejam identificadas todas as ocorrências para cada item, especificamente, tanto no texto-fonte, quanto no texto-alvo. Por ser esta pesquisa, predominantemente, qualitativa, utiliza as ferramentas

¹¹⁹ Disponível para download em: www.baixaki.com.br Acesso em: Abril de 2010.

eletrônicas concordanceadoras para a extração dos dados, principalmente, o concordanceador paralelo, que, segundo Olohan (Ibid., p. 63), é o tipo de ferramenta de corpus mais comumente utilizado nestes casos. Além, é claro, como neste caso, da constante e necessária intervenção da pesquisadora.

O COPA-LIJ (Ibid.), subcorpora onde o corpus desta pesquisa está inserido, disponibiliza o concordanceador paralelo. Por dispor ambos os textos que compõem o corpus desta pesquisa em interface, essa ferramenta eletrônica facilitou a extração semiautomática (também há intervenção manual) dos IECs contidos em ambos os textos, original e tradução. O processo de levantamento de dados compreendeu, primeiro, a leitura do original para detectar as palavras ou núdulos de pesquisa, que, neste estudo, são os próprios IECs. Ao inserir a palavra de pesquisa no concordanceador bilíngue, a tradução correspondente era disponibilizada, como exemplifica a Figura 3-3.

Figura 3-3: Concordanceador bilíngue buscando a palavra de pesquisa “Ayah”.

The screenshot shows the COPA application interface. At the top, it says "COPA application" and "BETA version". Below this, there are two tabs: "Painel Inicial" and "Concordanceador", with the latter being selected. On the left, there is a search form with the following fields: "Termo:" (containing "Ayah"), "Contém:" (a dropdown menu), "Direção:" (a dropdown menu set to "ENG/PT"), "Sub-Corpus:" (a dropdown menu set to "COPA-LIJ"), "Gênero:" (a dropdown menu set to "Literatura infanto juve"), and "Livro:" (a dropdown menu set to "The Secret Garden"). Below these fields is a button labeled "Buscar Entradas". To the right of the search form, there is a box indicating "Número de ocorrências: 21". Below this, there is a section titled "Concordância do COPA" with a subtitle "Texto fornecido por: Carlos Eduardo da Silva". This section contains a table with two columns: "Texto Fonte" and "Texto Alvo". The table lists two occurrences of the word "Ayah" in the source text and their corresponding translations in the target text.

Texto Fonte	Texto Alvo
<p>✖ "Oh, Mary!" he said. "Oh, Mary! If I could get into it I think I should live to grow up! Do you suppose that instead of singing the Ayah song – you could just tell me softly as you did that first day what you imagine it looks like inside? I am sure it will make me go to sleep."</p>	<p>- Ai, Mary, que bom! Eu acho que se eu conseguir entrar nesse jardim, vou viver e crescer. Posso pedir uma coisa? Em vez de cantar a canção da Aia, você não quer fazer como no primeiro dia, e me contar como você imagina que é lá dentro? Baixinho, devagar... eu tenho certeza de que eu durmo.</p>
<p>✖ "Would you like me to sing you that song I learned from my Ayah?" Mary whispered to Colin.</p>	<p>- Você quer que eu cante a canção que a Aia me ensinou? - sussurrou Mary para Colin.</p>

Depois da identificação de todos os núdulos da pesquisa no texto-fonte (tarefa realizada manualmente) e a busca pela respectiva tradução (por meio do concordanceador paralelo), passou-se para a busca das ocorrências de cada IEC no texto-alvo, que é o foco desta pesquisa. Essa busca foi realizada através da ferramenta de corpus “Key Word in Context”, traduzida aqui como “palavra chave em seu contexto”, ou, simplesmente, KWIC como é mais comumente chamada (OLOHAN, 2004). O processo da busca é simples e pode ser realizado em ambas as línguas. Usando um concordanceador, é preciso apenas entrar com a

palavra chave ou frase e o software se encarrega de encontrar e mostrar todas as ocorrências dessa palavra chave numa linha de concordância. Por ser um corpus paralelo bilíngue, uma linha de concordância na outra língua também é disponibilizada. Linha de concordância significa a palavra chave destacada e centralizada, cercada pela esquerda e direita pelo seu co-texto (OLOHAN, 2004, p. 63). Há muitas variações desse processo, de acordo com o tipo de concordanceador. Esse processo de busca pode ser visualizado na Figura 3-4.

Figura 3-4: Resultado da busca de todas as ocorrências de uma palavra chave no concordanceador paralelo do COPA-TRAD (FERNANDES; SILVA; FLEUR, 2011).

Número de ocorrências: 21	
Concordância do COPA	
Texto fornecido por: Carlos Eduardo da Silva	
Texto Fonte	Texto Alvo
 <p>"Oh, Mary!" he said. "Oh, Mary! If I could get into it I think I should live to grow up! Do you suppose that instead of singing the Ayah song – you could just tell me softly as you did that first day what you imagine it looks like inside? I am sure it will make me go to sleep."</p>	<p>- Ai, Mary, que bom! Eu acho que se eu conseguir entrar nesse jardim, vou viver e crescer. Posso pedir uma coisa? Em vez de cantar a canção da Aia, você não quer fazer como no primeiro dia, e me contar como você imagina que é lá dentro? Baixinho, devagar... eu tenho certeza de que eu durmo.</p>
 <p>"Would you like me to sing you that song I learned from my Ayah?" Mary whispered to Colin.</p>	<p>- Você quer que eu cante a canção que a Aia me ensinou? - sussurrou Mary para Colin.</p>

Assim, foi possível identificar todas as ocorrências de cada uma das palavras de pesquisa previamente selecionadas. Isso facilitou a verificação do tratamento dado ao traduzir cada um dos IECs. Essa verificação fez parte da análise posterior.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

"Qualquer que seja o pedacinho da Mãe Natureza que desejamos examinar, não podemos absolutamente observar todos os aspectos e fatores envolvidos. Temos que selecionar alguns."

¹²⁰ (WILLIAM & CHESTERMAN, 2002, p. 83, tradução nossa)

Com a pesquisa empírica realizada, passamos para a análise dos dados através de uma análise textual comparativa (Ibid., P. 6) entre o texto-fonte, *The Secret Garden*, e o texto-alvo, *O Jardim Secreto*. Apesar do foco do estudo ser a tradução, essa análise só pode ser realizada comparando-se a tradução ao texto-fonte, porém, em nível de linguagem e de contexto cultural.

Os aspectos relevantes a serem investigados nesta pesquisa estão contidos na relação entre duas variáveis. Sendo considerado como variável “algo que muda dentro de um determinado leque de possibilidades” ¹²¹ (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002, p. 85, tradução nossa). São elas: variáveis de texto e variáveis de contexto. Em se tratando de tradução, como é este caso, como o próprio nome indica, a primeira variável tem a ver com o texto traduzido em si, com o produto. A segunda variável diz respeito ao contexto da tradução. Portanto, este estudo pretende analisar os efeitos do texto sobre o seu contexto. O foco de interesse da proposta desta análise é investigar a presença discursiva da tradutora no texto traduzido, partindo da hipótese inicial de que a voz da tradutora Ana Maria Machado como presença discursiva no texto traduzido, *O Jardim Secreto*, pode ter influenciado na leiturabilidade do público-alvo infantojuvenil brasileiro. A presença discursiva da tradutora é analisada com vistas à tradução dos itens de especificidade cultural segundo a categorização dos procedimentos de tradução de Aixelá (1996).

Já na análise inicial, observou-se que o corpus desta pesquisa, dentre as categorias estabelecidas por Hermans (1996) que representam a presença discursiva do tradutor no texto traduzido, só apresenta o tipo de presença discursiva que fornece ao seu leitor um referencial informativo. Mais especificamente, o tipo de presença discursiva que fornece um *background* informativo (BAKER, 2010, p. 194), porém, inserido no discurso da tradução. O procedimento de tradução na classificação de Aixelá que melhor representa esse tipo de presença discursiva é a **Glosa Intratextual**, pois como o próprio nome diz, esse

¹²⁰ “Whatever bit of Mother Nature we would like to examine, we can not possibly look at all the aspects and factors involved. We have to select some” (WILLIAMS & CHESTERMAN, p. 6).

¹²¹ “something that changes within a given range of options” (WILLIAMS & CHESTERMAN, p. 85).

procedimento consiste na aplicação de uma explicação dentro do texto traduzido.

Ao analisar as traduções dos IECs selecionados, observamos que há um tratamento diferenciado na tradução de alguns deles e que esse tratamento diferenciado ainda indica a presença da tradutora. Então, buscou-se uma teoria que fundamentasse a análise desses IECs.

Verificou-se que os procedimentos de tradução, na categorização de Aixelá (Ibid.), denominados por ele como **Sinonímia, Repetição, Universalização Limitada e Universalização Absoluta**, estão calcados nos princípios da coesão lexical. De acordo com (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004, p. 570), coesão lexical advém da seleção de itens que, de algum modo, estão relacionados com os itens que os precedem. Trazendo a definição de coesão lexical para o campo teórico da tradução, a relação que se estabelece é uma relação de contiguidade, ou seja, uma relação muito próxima entre o significado do IEC do texto-fonte e o significado do IEC do texto-alvo.

Desse modo, a **Sinonímia e a Repetição** são elaborações com base na identidade. No caso da Sinonímia, como definido por Aixelá (Ibid.), o IEC pode ser substituído pela sua definição ou por uma referência paralela. De acordo com Klingberg¹²² (1986, p. 19), esse procedimento pode ser considerado uma forma de explicação. Portanto, Sinonímia, para fins deste trabalho, é considerada uma substituição por uma Glosa Intratextual.

A **Universalização Limitada** e a **Universalização Absoluta** têm base em uma relação de contiguidade existente entre o IEC substituído do texto-fonte e o IEC que tomou seu lugar. O que caracteriza-se como uma relação metonímica.

Por **Metonímia** entende-se “a substituição, figurada e simbólica, de uma palavra por outra, em virtude de haver entre elas uma relação muitíssimo próxima” (VAZ, 2008)¹²³. Esta relação de contiguidade se dá, normalmente, do mais geral para o mais específico (do todo para a parte – Universalização Limitada) ou do mais específico para o mais geral (da parte para o todo – Universalização Absoluta). Segundo Vaz (Ibid.), para que haja este efeito metonímico é preciso que esta relação “povoe minimamente o imaginário do leitor e essa responsabilidade, em

¹²² Embora muitos anos já tenham se passado desde que Klingberg categorizou os modos de adaptação cultural em LII, considera-se válido mencioná-lo, pois a sua categorização de procedimentos tradutórios tendo em mente o leitor infantojuvenil é a única até os dias atuais.

¹²³ A definição de metonímia é disponibilizada em uma aula online, aula número 04, proferida pelo Prof. Tarsis Vaz. Disponível em: www.tubecom/watch?v=XtpoGBsXy-M Acesso em: 02/11/2011.

parte, é expressivamente do autor do texto”. Se aplicarmos essa afirmação na tradução de IECs utilizando os princípios metonímicos, tem-se que, ao substituir o IEC do texto-fonte por um IEC da cultura-alvo, o tradutor precisa fazer sua escolha de modo a informar, ou explicar, mesmo que implicitamente, o significado do IEC substituído. Desse modo, a cultura do texto-fonte é apresentada no texto traduzido sem comprometer sua compreensão pelo seu leitor presumido. Nesse contexto, para fins desta pesquisa, o tipo de presença discursiva, onde o tradutor fornece uma referência cultural, categorizada por Hermans (1996), também está representada nos procedimentos de tradução categorizados por Aixelá (1996), denominados Universalização Limitada e Universalização Absoluta. Embora não tenham sido encontrados, no objeto deste estudo, exemplos de Universalização Limitada.

No levantamento de dados, na fase inicial, foram detectados muitos IECs além dos que são analisados aqui. Essa seleção deve-se ao recorte necessário para responder às perguntas desta pesquisa, corroborando ou refutando a hipótese inicial. Para tanto, são apresentados neste trabalho somente os IECs, cujos procedimentos utilizados em sua tradução representam a presença discursiva da tradutora Ana Maria Machado como uma voz diferencial na narrativa traduzida. Ou seja, onde foram detectadas as interferências da tradutora no texto traduzido.

A análise do tratamento dado aos IECs foi realizada com um elemento de cada vez. Porém, foi analisado o mesmo IEC tantas vezes quanto foi tratado pela tradutora de modos diferentes ou semelhantes, desde que houvesse indícios de sua presença discursiva.

A seguir, passaremos à análise, propriamente dita, por item de especificidade cultural.

3.4.1 Análise da presença discursiva categorizada por Hermans (1996) aplicada aos itens de especificidade cultural na categorização de Aixelá (1996)

Nesta seção são apresentadas as análises dos IECs que implicam a presença da tradutora e sua descrição.

1- AYAH

Significado: Mulher encarregada da educação doméstica de crianças ilustres. Criada de uma dama nobre; Camareira: a aia da rainha¹²⁴.

De acordo com seu significado, esse item lexical implica em uma diferença de status entre as duas culturas envolvidas. No contexto do texto-fonte, Ayah é muito mais um costume imperialista da Índia do que uma profissão, como é considerada a babá brasileira. Por essa razão, é considerado, aqui, como um IEC e faz parte da categoria expressões comuns na classificação de Aixelá (1996).

Fazendo a busca de ocorrências por palavra chave, entrando com o IEC “ayah” na ferramenta KWIC, obteve-se um resultado de 21 pares linguísticos. Contudo, apenas na primeira ocorrência há marcas da interferência da tradutora e, portanto, as demais foram descartadas.

Exemplo 1:

TF: She had not wanted a little girl at all, and when Mary was born she handed her over to the care of an Ayah , who was made to understand [...]. (p. 1)	TT: Nunca quis ter uma filha e, quando Mary nasceu, foi entregue aos cuidados de uma Aia , <u>como eles chamavam a babá</u> . (p. 9)
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Acima, o primeiro quadro representa o texto-fonte (doravante TF) e o segundo, o texto traduzido (doravante TT). Verifica-se que a tradutora utilizou-se de uma tradução já estabelecida na Língua Portuguesa para o IEC em questão:

Ayah -> Aia

Porém, devido o termo traduzido não remeter ao seu significado real na língua-fonte, ela adicionou uma explicação, sinalizando, com esse procedimento, que tinha em mente um leitor infantojuvenil e sua compreensão, justificando, então, a informação adicional.

como eles chamavam a **babá**. (p. 1)

¹²⁴ Significado obtido em: HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. Edição. Objetiva: Rio de Janeiro, 2009.

Este é um caso típico de acréscimo de informação ou referência cultural, incrementada pela tradução, tal como categoriza Hermans.

Neste exemplo a tradutora utilizou uma combinação de procedimentos tradutórios do tipo conservativo, quanto ao grau de manipulação intercultural:

Tradução Linguística + Glosa Intratextual

2 – MENSAHIB

Significado: Mensahib era o termo usado para dirigir-se a mulheres brancas na Índia, especialmente no período de domínio Britânico. Também utilizado para referir-se ou dirigir-se com respeito a mulheres casadas de classes mais abastadas. É um termo arcaico. Sahib significa: homem, patrão, autor, comandante, lorde, mestre. Sahiba era a forma autêntica de dirigir-se a uma mulher, porém, na época em que a Índia estava sob o domínio do Império Britânico esse termo sofreu uma adaptação: a junção do termo ‘ma’am com o termo Sahib, o que resultou no termo Mensahib¹²⁵.

A partir de sua definição observa-se que o nome Mensahib é uma forma de tratamento que traz as implicações da sociedade Britânica na época do seu império na Índia. Portanto, é uma palavra que faz parte apenas da cultura do texto-fonte e, portanto, não familiar ao leitor infantojuvenil brasileiro.

Novamente aqui foi realizada a busca de ocorrências, desta vez para a palavra chave “Mensahib”. O concordanceador não encontrou resultados. Porém, através de uma análise manual, foi encontrada uma única ocorrência desse IEC que implica a interferência da tradutora no texto traduzido:

Exemplo 1:

TF: [...] who was made to understand that if she wished to please the Memsahib she must keep the child out of sight as much as possible. (p. 1)	TT: [...] se quisesse agradar a patroa , que na Índia eles chamam de Mem Sahib , o melhor era manter a criança fora das vistas dela sempre que possível. (p. 9)
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

¹²⁵ Significado encontrado em: COWIE, A. P. Advanced Learner’s Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

Como pode ser observado nos excertos acima, o tratamento dado a esse IEC no TT foi o de conservá-lo através do procedimento da repetição, porém, com uma separação dos termos “Mem” e “Sahib”. É possível que a tradutora tenha separado os termos como informado acima, apenas para mostrar coerência, já que mais adiante no texto traduzido aparecerá a forma de tratamento “Missie Sahib” escrita nessa forma. Ou, ainda, porque o próprio TF apresenta as duas formas de escrita. Mas, analisar as razões das decisões tomadas pela tradutora não faz parte dos objetivos desta pesquisa.

Seguindo, então, com a descrição do tratamento dado a esse IEC no TT, primeiro a tradutora aplicou uma sinonímia:

Mensahib -> patroa

Então, aplicou uma Glosa Intratextual e na glosa repetiu o IEC:

que na Índia eles chamam de **Mem Sahib** [...] (p.1)

A combinação de procedimentos utilizados foi:

Sinonímia + Repetição + Glosa Intratextual

3 – YORKSHIRE

Significado: Yorkshire é um topônimo, ou seja, nome de um lugar, nome do maior condado histórico da Inglaterra. Yorkshire também significa o dialeto que se refere às variedades de Inglês usadas na Inglaterra do Norte, condado histórico de Yorkshire¹²⁶.

Buscando pelas ocorrências desse IEC, resultou em 45 pares encontrados. Todos foram analisados e apenas alguns selecionados, já que em muitos pares “Yorkshire” significa o condado histórico da Inglaterra. Quando o termo tem esse significado, a tradutora optou por não interferir e apenas o repetiu. Esses casos não são de interesse desta pesquisa porque não representam a presença da tradutora. Em apenas um dos casos, o primeiro a ser discutido abaixo, há a presença discursiva da tradutora, e, portanto, é analisado aqui.

¹²⁶ Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner’s Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

Por outro lado, quando o termo “Yorkshire” significa o dialeto de Yorkshire, houve várias interferências da tradutora. Foram também consideradas as ocorrências que repetem o IEC e o tratamento dado pela tradutora. Segue a análise:

Exemplo 1:

TF: She sobbed so unrestrainedly that good-natured Yorkshire Martha was a little frightened and quite sorry for her. (p. 28)	TT: Chorou tanto que a boa Mana ficou um pouco assustada e com muita pena. (p. 31)
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------

Observa-se nestes excertos que a tradutora aplicou a sinonímia, ou seja, substituiu dois IECs, os dois nomes Próprios pela referência cultural paralela. A tradução “Mana”, representante na Língua Portuguesa do linguajar específico de Yorkshire, remete ao mesmo significado do TF, de que todos os que vêm de Yorkshire e falam desse jeito específico são pessoas boas. Portanto, a sinonímia, neste caso, é uma explicação do significado dos nomes substituídos e, portanto, pode ser considerada aqui a aplicação de uma Glosa Intratextual.

Yorkshire Martha - > Mana

Há então a combinação de dois procedimentos resultando numa manipulação intertextual equilibrada quanto à sua conservação e substituição:

Sinonímia (referencia paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 2:

TF: [...] pronouncing his words in a queer broad fashion which Mary found out afterward was Yorkshire . (p. 19)	TT: [...] pronunciando as palavras de um jeito engraçado e esquisito, bem aberto, que mais tarde Mary descobriu que era o <u>sotaque de Yorkshire</u> . (p. 24)
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No excerto acima, o termo Yorkshire é conservado através do procedimento tradutório da Repetição e continua com o mesmo significado, como já informado acima.

Yorkshire -> yorkshire

Na tradução foi adicionada uma Glosa Intratextual, fornecendo uma referência do seu significado para o leitor brasileiro. Sem deixar de mostrar a diversidade cultural do TF. É bastante clara a interferência da tradutora aqui.

sotaque de Yorkshire

Os procedimentos tradutórios utilizados são:

Repetição + Glosa Intratextual

Exemplo 3 :

TF: That there is a bit o' good Yorkshire . Tha'rt shapin' first-rate – that tha' art. (p. 216)	TT: Olhe só quem está falando em <u>dialetto de Yorkshire</u> ... e muito bem, quem diria? (p. 183)
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste exemplo, são utilizados os mesmos procedimentos tradutórios do exemplo anterior, porém, muda a glosa intratextual.

dialetto de Yorkshire

Procedimentos utilizados:

Repetição + Glosa Intratextual

Exemplo 4:

TF: I'm too common an' I talk too much Yorkshire . (p. 26)	TT: Eu sou ignorante demais e falo com um <u>sotaque de yorkshire</u> muito forte. (p. 30)
--------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Mesmo IEC e mesmos procedimentos do exemplo 2.

Exemplo 5:

TF: Where the footman and upper-housemaids made fun of her Yorkshire speech and looked upon her as a common little thing. (p. 48)	TT: Onde o lacaio e as copeiras riam de seu jeito de falar e a olhavam de cima para baixo, cochichando pelos cantos. (p. 46)
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O IEC “Yorkshire” do TF vem acompanhado pelo termo “speech”.

Yorkshire speech

Na tradução, há a substituição dos dois termos por uma referência paralela, uma das possibilidades da Sinonímia na classificação de Aixelá (1996) dos procedimentos tradutórios. A referência paralela explica o termo substituído, portanto, há uma glosa intratextual. A escolha por esses procedimentos sofreu a interferência da tradutora.

jeito de falar

A voz da tradutora, nesse caso, se faz presente no TT através da combinação de dois procedimentos tradutórios:

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 6:

TF: There now, she said. I've talked broad Yorkshire again like Mrs. Medlock said I mustn't. (p. 61)	TT: Eu esqueço que cê não está acostumada com o jeito da gente falar . (p. 57)
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------

Neste exemplo o IEC “Yorkshire” vem acompanhado pelo termo “broad”.

Broad yorkshire

Novamente aqui a tradutora substituiu os dois termos por uma referência paralela, explicando os termos substituídos.

Jeito da gente falar

Procedimentos utilizados:

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 7:

TF: And she tried to ask it in Yorkshire because that was his language, and in Índia a native was always pleased if you knew his speech. (p. 109)	TT: E tentou falar do mesmo jeito que ele , porque essa era a linguagem do seu amigo, e na Índia os nativos sempre gostavam quando alguém falava como eles. (p. 97)
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste exemplo, o IEC “Yorkshire” é substituído por uma referência ao seu significado.

falar do mesmo jeito que ele

Procedimentos utilizados:

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 8:

TF: I’m going to talk Yorkshire to him this very day, said Mary, chuckling herself. (p. 186)	TT: Então eu vou falar com ele assim hoje mesmo – disse Mary, rindo também. (p. 159)
------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------

A tradutora novamente utiliza-se de uma sinonímia, fazendo uma referência paralela.

Yorkshire > assim

Procedimentos utilizados:

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 9:

TF: When he was very much interested he often spoke quite broad Yorkshire [...]. (p. 185)	TT: quando ele ficava muito animado, falava muito errado e com sotaque muito forte de Yorkshire . (p. 159)
---------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No excerto acima, o termo “Yorkshire” é mantido e é adicionado a ele uma explicação do seu significado.

com sotaque muito forte de Yorkshire

E é, também, fornecida uma referência paralela sem substituir o termo referenciado.

falava muito errado

Procedimentos tradutórios utilizados:

Sinonímia (referência paralela) + Repetição + Glosa Intratextual

Exemplo 10:

TF: I'm givin'thee a bit o' Yorkshire , answered Mary triumphantly. (p. 187)	TT: To dando pra cê um pouco do <u>modo de falar do Yorkshire</u> – respondeu Mary, triunfante. (p. 160)
--------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste exemplo, o termo “Yorkshire” é conservado através do procedimento tradutório da Repetição, no entanto, a tradutora interfere fornecendo uma glosa inserida no discurso. Segundo Hermans (1996), é a típica presença discursiva da tradutora no texto traduzido.

modo de falar do Yorkshire

Os procedimentos tradutórios utilizados são:

Repetição + Glosa Intratextual

Exemplo 11:

TF: Doesn't tha' understand a bit o' Yorkshire when tha'hears it? As'tha'a Yorkshire lad thysel'bred an' born!(p. 187)	TT: Cê não entende essa língua? Um rapaz nascido e criado no Yorkshire, cê devia ter vergonha... (p. 160)
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste exemplo, verifica-se que na tradução do IEC há uma relação de contiguidade indo do termo mais específico (tipo de dialeto) para o mais abrangente (língua).

Yorkshire -> língua

Da parte para o todo, constituindo-se por uma relação metonímica, que para sua elaboração exige a interferência do tradutor. A interferência do tradutor neste caso é necessária para que, ao elaborar essa relação metonímica, o tradutor consiga explicar minimamente ao seu leitor presumido, o significado contido no IEC da cultura do texto-fonte. Portanto, nesta pesquisa, essa explicação implícita é considerada como uma Glosa Intratextual. Dentre as categorias de Aixelá que tem como base o princípio metonímico, a categoria utilizada neste exemplo é a chamada de Universalização Absoluta. Nesse sentido, os procedimentos utilizados na tradução do termo “Yorkshire” nesta ocorrência foram:

Universalização Absoluta + Glosa Intratextual

Exemplo 12:

TF: She had never made a long speech in Yorkshire before and she had remembered very well. (p. 186)	TT: Quando parou, estava orgulhosa. Tinha conseguido falar um tempão em dialeto . (p. 159)
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste exemplo, a tradutora substitui o termo “Yorkshire”, que é um tipo de fala mais específica, por outro IEC mais abrangente, mas que preserva sua relação de contiguidade.

Yorkshire > dialeto

O termo “dialeto” está bem mais próximo do leitor do TT e consegue explicar o significado do termo substituído. Esse procedimento caracteriza a Universalização Absoluta. Percebe-se também aqui, mesmo que implicitamente, a presença da tradutora.

Universalização Absoluta + Glosa Intratextual

Exemplo 13:

TF: After he had turned a few trowelfuls of soil he spoke exultantly to dickon in his best Yorkshire . (p. 231)	TT: Depois de dar umas ancinhadas e revirar um pouco a terra, falou com Dickon, felicíssimo, no seu melhor dialeto: (p. 195)
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Mesmo IEC do exemplo do anterior, mesmos procedimentos tradutórios utilizados.

Universalização Absoluta + Glosa Intratextual

4 – MANOR

Significado: palavra derivada do “manoir” francês, que significa casa, residência ou habitação. Para os Ingleses, Manor significa a mansão de um lorde incluindo suas terras, um castelo ou propriedade real¹²⁷.

Na busca pelas ocorrências da palavra “Manor” no corpus desta pesquisa, 18 pares foram encontrados. No entanto, só em duas das ocorrências a tradução do IEC implica a presença discursiva da tradutora.

Exemplo 1:

TF: We’got to drivefive miles across Missel Moor before we get to the Manor . (p. 20)	TT: Temos que cruzar cinco milhas pela charneca antes de chegar à mansão . (p. 24)
-----------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------

Mais uma vez aqui o tratamento dado na tradução do IEC “Manor” obedece ao princípio da Metonímia.

Manor -> mansão

A relação estabelecida é do específico (casa de campo ou mansão de um lorde) para o mais geral (mansão). Os procedimentos adotados na tradução são:

Universalização Absoluta + Glosa Intratextual

¹²⁷ Informações disponíveis em: COWIE, A. P. Advanced Learner’s Dictionary of Current EnglishOxford University Press. . Fourth edition. 1989.

Exemplo 2:

TF: It was a good thing that little lass came to th' Manor . (p. 249)	TT: Como foi bom essa menina ter vindo para casa ... (p. 210)
-------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------

Este exemplo também obedece o princípio da Metonímia da mesma forma do exemplo anterior.

Manor > casa

Procedimentos tradutórios utilizados:

Universalização Absoluta + Glosa Intratextual

5 - HEATHER – GORSE – BROOM

Significado:

Heather: planta de pequeno porte, sempre verde, de flores cor violeta, rosa ou branca com formato de sino, nativa de regiões da Irlanda, Escócia, Escandinávia, Rússia e América do Norte. É uma planta selvagem, resistente a altas temperaturas e ao solo pobre e pedregoso. É usada normalmente em forrações de casa e camas. Também na confecção de vassouras, cestas, cordas e arranjos florais¹²⁸.

Gorse: É uma planta selvagem com flores amarelas muito resistentes ao calor e solo árido. É um arbusto de pequeno porte com espinhos por todos os galhos¹²⁹.

Broom: planta de reconhecido valor medicinal, originária das Américas. Apresenta flores amarelas, simples, em forma de losangos com bordos serilhados. Também considerada como um arbusto de pequeno porte¹³⁰.

São plantas diferentes, porém, têm em comum algumas características: formam pequenos arbustos espinhentos, cujas folhas são utilizadas na confecção de vassouras. A mais conhecida no Brasil é a denominada vassoura.

¹²⁸ Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

¹²⁹ Ibid.

¹³⁰ Ibidem.

O corpus apresenta três ocorrências com os três nomes de plantas juntos. Dentre essas ocorrências, apenas uma apresenta a presença discursiva da tradutora:

Exemplo 1:

TT: [...] of a wild land that nothing grows on but heather and gorse and broom , and nothing lives [...]. (p. 21)	TF: [...] de uma terra selvagem onde não cresce nada a não ser urzes, giestas e vassourinhas <u>em moitas espinhentas</u> . (p. 25)
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste exemplo, a tradutora acrescenta uma informação adicional a respeito de uma das características comum entre essas plantas, que é a característica que melhor representa a planta chamada de vassourinha no contexto brasileiro: seu aspecto espinhento em forma de moita, utilizado para confeccionar vassouras.

heather and gorse and broom -> urzes, giestas e vassourinhas

A tradução do nome das flores foi realizada através do procedimento Tradução Linguística, pois a tradutora utilizou-se da tradução dos IECs já estabelecida na Língua Portuguesa.

em moitas espinhentas

Através da Glosa Intratextual, colocada após o último nome das plantas relacionadas, Machado informa o significado comum a todas elas, facilitando a busca da imagem da planta na memória do público infantojuvenil brasileiro. Está aí mais um exemplo da autêntica intervenção da tradutora segundo a caracterização de Hermans (1996).

Procedimentos usados:

Tradução Linguística + Glosa Intratextual

HEATHER

Na busca por ocorrências apenas com a palavra chave “heather” foram encontrados catorze pares. Destas, apenas cinco implicaram a presença da tradutora.

Exemplo 1:

TF: Th'very blackberries an' heather-bells knows him. (p. 42)	TT: Acho que até as amoras e as florezinhas do campo conhecem ele. (p. 42)
-----------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------

A sinonímia, neste caso, substitui a flor mencionada no texto-fonte pela sua definição inserida no discurso do texto-alvo.

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 2:

TF: But the big breaths of rough fresh air over the heather filled her lungs with something [...]. (p. 44)	TT: Mas respirava fundo as grandes lufadas de ar fresco que vinham por cima dos arbustos espinhentos . (p. 44)
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Há uma substituição pela referência paralela. Neste exemplo, a referência é a característica mais comum da flor, o aspecto espinhento, que representa melhor esse tipo de flor do que a tradução já estabelecida na Língua Portuguesa, “Urzes”.

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 3:

TF: As she came closer to him she noticed that there was a clean fresh scent of heather and grass and leaves about him, almost as if he were made of them. (p. 97)	TT: Quando chegou mais perto Mary reparou que ele tinha um cheiro bom, de mato , capim e folha, quase como se fosse feito dessas coisas. (p. 87)
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Há aqui a relação metonímica que vai do específico (arbusto) para o geral (mato).

Universalização Absoluta + Glosa Intratextual

Exemplo 4:

TF: They were to drive over the moor and lunch out of doors among the heather . (p. 280)	TT: Iriam de charrete pela charneca, e iam comer ao ar livre, no meio dos arbustos floridos . (p. 236)
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Neste exemplo, é oferecido ao leitor presumido uma referência paralela, ou seja, uma representação do significado de Heather, que lembra mais facilmente a flor do que sua tradução linguística, facilitando a compreensão do leitor.

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

GORSE

Oito ocorrências foram encontradas com esse IEC. Somente duas ocorrências isoladamente apresentaram a presença da tradutora.

Exemplo 1:

TF: [...] an' just then I heard somethin' else far off th' gorse bushes. (p. 203)	TT: [...] Ai eu ouvi uma coisa diferente na moita de espinhos , [...]. (p. 173)
-------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------

Há a substituição do IEC por uma referência paralela, que é uma das características da planta (moita de espinhos) que toda criança e jovem tem essa representação internalizada.

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 2:

TF: I sometimes feel as if I could eat three when those nice fresh heather and gorse smells from the moor come pouring in at te open window. (p. 254)	TT: Às vezes eu acho que queria comer uns três, quando aquele cheiro bom da charneca, com as urzes e o mato , entra pela janela de manhã. (p. 216)
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Outra vez aqui uma metonímia. Uma relação do específico (arbusto) para o mais geral (mato).

Universalização Absoluta + Glosa Intratextual

BROOM (as ocorrências em que a palavra aparece já foram comentadas)

Significado: Palavra de origem árabe/muçulmana que significa “Paz”. É uma cerimônia de saudação, de cumprimento respeitoso, cuja performance é comum em países Islâmicos¹³¹. É também sinônimo de exagero, excesso de cuidados, usado, algumas vezes, em tom de chacota¹³².

Buscando as ocorrências pela palavra “salaam(s)”, foram encontradas quatro ocorrências, mas uma foi descartada, pois não apresentava a presença discursiva da tradutora:

Exemplo 1:

TF: [...] they're servants who must salaam to you. (p. 28)	TT: São criados que devem se curvar diante da gente. (p. 31)
--------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------

A tradutora optou por substituir o termo estrangeiro “salaam” por uma referência paralela, que é a própria definição do termo. A interferência da tradutora neste exemplo propicia uma melhor compreensão do texto traduzido.

Sinonímia (referência paralela) + Glosa Intratextual

Exemplo 2:

TF: [...] not accustomed to salaam to his masters, [...]. (p. 91)	TT: [...] não estava acostumado a ficar fazendo rapapés e salamaleques ¹³³ para os patrões, [...]. (p. 80)
---------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Aqui a tradutora optou por substituir o termo estrangeiro (verbo) “to salaam” por sua Tradução Linguística como estabelecida na Língua Portuguesa Brasileira.

To **salaam** -> ficar fazendo **salamaleques**

Ainda acrescentou uma referência cultural para remeter ao significado do texto-fonte, de exagero, tom de chacota, alusão à cultura

¹³¹ Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

¹³² Ibid.

¹³³ Significado disponível em: Significado obtido em: HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. Edição. Objetiva: Rio de Janeiro, 2009.

da Índia no período de domínio do Império Britânico. Também em função de tornar o texto mais leiturável sem afastar-se do texto-fonte.

A ficar fazendo rapapés

Tradução Linguística + Glosa Intratextual

Exemplo 3:

TF: [...] he had to command his servants to approach with salaams and receive his orders.(p. 193)	TT: [...] ele fazia os gestos de dar ordens aos criados para que se aproximassem, cheio de medidas e salamaleques. (p. 165)
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

É a mesma situação do exemplo acima, mas aqui a glosa é representada assim:

cheio de medidas

Os procedimentos escolhidos pela tradutora:

Tradução Linguística + Glosa Intratextual

7 – GLASS FRAME

Significado: Estufa com estrutura de ferro, coberta com vidro para conservar o calor do sol, normalmente utilizada para cultivar plantas e flores. Muito usada como ornamento em jardins em países com inverno rigoroso¹³⁴.

Duas ocorrências foram encontradas, porém, apenas na primeira observa-se a presença discursiva da tradutora.

Exemplo 1:

TF: [...] over some of the beds there were glass frames. (p. 35)	TT: Sobre alguns dos canteiros, placas de vidros formavam pequenas estufas, uma espécie de casinhas para guardar o calor e proteger as plantas. (p. 36)
--------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

¹³⁴ Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

Neste exemplo ocorre a autêntica representação da voz da tradutora como presença discursiva no texto traduzido.

glass frames -> placas de vidros formavam pequenas estufas

O primeiro procedimento consiste na tradução linguística do IEC “glass frame” pela tradução já estabelecida na Língua Portuguesa “estufas”. Então, é fornecida uma explicação no texto do significado de “estufa”. Provavelmente por não ser muito comum no Brasil o uso desse tipo de estufa. A tradutora ainda não satisfeita, aplicou mais uma glosa inserida no discurso do texto traduzido.

uma espécie de casinhas para guardar o calor e proteger as plantas. (p. 36)

Os procedimentos usados foram:

Tradução Linguística + Glosa Intratextual + Glosa Intratextual

8 – KITCHEN-GARDENS

Significado: jardim no qual vegetais, plantas, ervas e até mesmo frutas são cultivadas para o consumo próprio¹³⁵.

Foram encontradas três ocorrências, mas apenas duas exigiram a intervenção da tradutora.

Exemplo 1:

TF: ‘One o’th’ kitchen-gardens, he answered.(p. 35)	TT: Uma horta , um dos jardins da cozinha – respondeu ele. (p. 36)
------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------

O primeiro tratamento é a Tradução Linguística.

**kitchen-gardens ->
jardins da cozinha**

¹³⁵ Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner’s Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

Após, é fornecida uma explicação que remete ao nome do termo do texto-fonte, caracterizando-se por uma Glosa Intratextual. A presença da tradutora é evidente neste exemplo.

Uma horta

Procedimentos utilizados:

Tradução Linguística + Glosa Intratextual

9 - ROBIN

Significado: Pássaro norte-americano, com peito vermelho - alaranjado¹³⁶.

Foram encontradas oitenta e uma ocorrências. No entanto, em apenas duas encontramos a situação categorizada por Hermans (1996) que representa a interferência da tradutora.

Exemplo 1:

TF: She thought of the Robin and the way he seemed to sing his song at her. (p. 37)	TT: Depois se lembrou do pisco-do-peito-ruivo, o passarinho que tinha visto , cantando sua canção como se fosse só para ela. (p. 38)
---------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A tradutora faz uma Tradução Linguística, pois a língua do texto-alvo já conta com a tradução estabelecida do IEC do texto-fonte.

Robin -> pisco-do-peito-ruivo

Em seguida, acrescenta uma glosa no discurso, de modo a indicar o significado do IEC do texto-fonte ao leitor presumido.

o passarinho que tinha visto

Procedimentos adotados:

Tradução Linguística + Glosa Intratextual

¹³⁶ Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

Exemplo 2:

TF: Mary had stepped close to the robin and suddenly the gust of wind [...]. (p. 75)	TT: Mary tinha dados uns passos para perto do passarinho e, de repente, o vento [...]. (p. 68)
----------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nesta ocorrência há uma substituição do mais específico (robin) para o mais geral (passarinho) ou da subclasse para a classe, consistindo numa relação metonímica.

robin -> passarinho

Procedimentos combinados:

Universalização Absoluta + Glosa Intratextual

10 – CROCUSES – SNOWDROPS – DAFFYDOWNDILLYS

Significado:

Crocus: tipo de flor de diversas cores e variedades, pertencente à família da Íris. Florecem no início da primavera¹³⁷.

Snowdrops: tipo de flor da família da Amarílis, de grande variedade de espécies. Caracteriza-se por formar uma forração rasteira com flores bem miúdas e brancas, que lembram flocos de neve. Floresce na primavera e verão¹³⁸.

Daffydowndillys: São espécies bulbosas que produzem flores de diversas cores e formatos. Florescem a partir do outono e persistem até a primavera¹³⁹.

A busca pela palavra chave “Crocuses” resultou em Oito ocorrências, contudo, apenas uma representou a presença discursiva da tradutora. Buscando pelo IEC “Snowdrops” também foram encontradas oito ocorrências, mas apenas uma não foi descartada. “Daffydowndillys” ocorreu três vezes no texto, porém, só foi detectada a presença da tradutora na ocorrência em que os três IECs aparecem juntos na sentença, como pode ser observado nos excertos abaixo:

¹³⁷ Significado disponível em: COWIE, A. P. Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford University Press. Fourth edition. 1989.

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ Ibidem.

Exemplo 1:

TF: ‘Crocuses an’ snowdrops an’ daffydowndillys’. (p. 64)	TT: - De crocos de todas as cores , pingos de neve bem miúdos e branquinhos , narcisos amarelos... Essas primeiras flores que nascem no fim do inverno. (p. 59)
-------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O primeiro tratamento foi fazer uma Tradução Lingüística para cada um dos nomes das flores, como já estabelecido na Língua Portuguesa:

Crocuses - > crocos

snowdrops -> pingos de neve

daffydowndillys -> narcisos

Então, para cada um dos IECs, apenas mencionados no texto-fonte, foi acrescentado uma característica dele no texto-alvo para ajudar o leitor presumido, através da presença discursiva da tradutora, fazer a representação mental da flor com seu significado. No caso, a representação das flores, como destacado abaixo:

De crocos **de todas as cores**

pingos de neve **bem miúdos e branquinhos**

narcisos **amarelos...**

E por fim, a tradutora aplica uma glosa intratextual fornecendo uma informação comum às três flores mencionadas.

Essas primeiras flores que nascem no fim do inverno

Os procedimentos adotados são:

Tradução Lingüística + Glosa Intratextual + Glosa Intratextual

3.4.2 RESULTADOS

Segue uma visão global dos resultados obtidos na análise do corpus paralelo, objeto deste estudo, investigando a presença discursiva da tradutora aplicada aos itens de especificidade cultural, fenômeno sob investigação.

Através da ferramenta de pesquisa KWIC, foi possível encontrar com agilidade e precisão todas as ocorrências no corpus de pesquisa para cada IEC. Estando as palavras-chave dispostas numa linha de concordância, foi possível analisar comparativamente cada uma das ocorrências para cada IEC, a fim de verificar se continham indícios da presença discursiva da tradutora.

Dentre todos os IECs detectados no texto-fonte, somente na tradução de dezesseis deles verifica-se a presença discursiva da tradutora. Esses são os IECs cujas análises compõem o interesse desta pesquisa, tendo sido os demais descartados.

A Tabela 3-3 indica o número de ocorrências para cada um desses dezesseis IECs, que somam um total de 223 ocorrências analisadas e indica o total de 36 ocorrências que apresentaram evidências da interferência da tradutora na tradução, e que, portanto, foram analisadas e descritas. São fornecidas, também, estatísticas do tratamento dado a cada IEC, em termos mais abrangentes, de grau de manipulação, indicando se a tradutora, ao reenunciar o texto-fonte, interferiu no texto traduzido optando pela estratégia de conservação ou de substituição do IEC. E, ainda, a escolha da tradutora quanto aos procedimentos de tradução que indicam sua presença discursiva no texto traduzido.

Nessa tabela, pode ser visualizada a variabilidade de tratamento para cada IEC, como, por exemplo, o IEC “Yorkshire” que teve um tratamento equilibrado entre a Substituição Sinonímia e a Substituição Universalização Absoluta e um número menor de Conservação por Repetição. Verifica-se um predomínio da Glosa intratextual, contudo esse procedimento tradutório aparece sempre combinado com outro procedimento, como informou Aixelá (1996).

Observa-se, também, que, apesar das diversas ocorrências no corpus desta pesquisa, normalmente para cada IEC só há a interferência da tradutora no texto traduzido sob estudo na primeira ocorrência em que ele aparece. Provavelmente a tradutora com sua sensibilidade de escritora de LIJ considerou relevante adicionar um referencial informativo apenas na primeira ocorrência para o IEC que supostamente

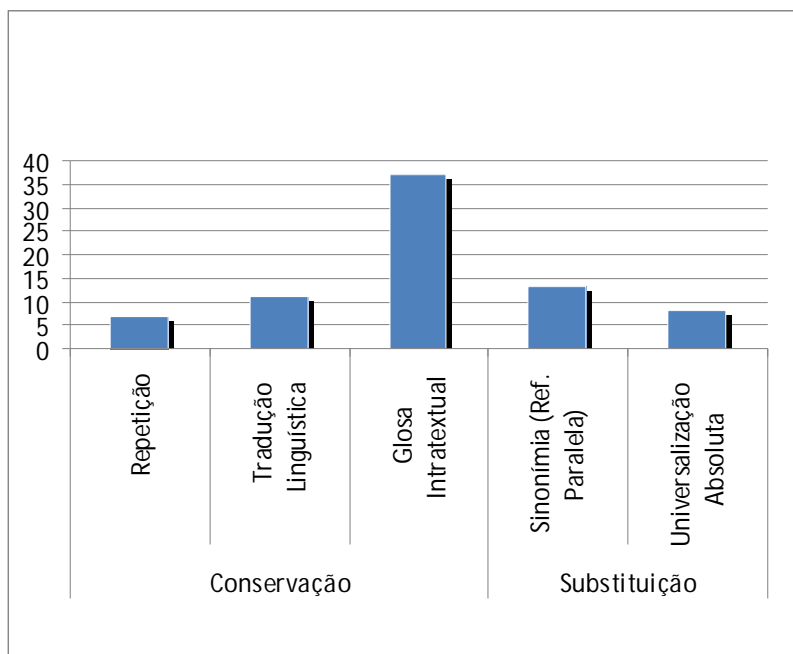
seria desconhecido ao leitor presumido. Verificou-se, no caso de “Yorkshire”, que a variabilidade na escolha de procedimentos tradutórios, sempre indicando a presença discursiva da tradutora, é relevante, pois é um meio da tradutora fazer uma compensação para não escrever em dialeto, como acontece no texto-fonte, tornando o texto-alvo mais compreensível e de mais fácil leitura, sem afastar-se do texto-fonte.

Tabela 3-3: Descrição global das estatísticas do corpus da pesquisa.

Itens de Especificidade Cultural	CONSERVAÇÃO			SUBSTITUIÇÃO		Ocorrências	
	Repetição	Tradução Linguística	Glosa Intratextual	Sinonímia (Ref. Paralela)	Universalização Absoluta	Total	Analisadas
Ayah	0	1	1	0	0	21	1
Mensahib	1	0	1	1	0	5	1
Yorkshire	5	0	13	6	3	45	13
Manor	0	0	2	0	2	18	2
Heather-Gorse-Broom	0	1	1	0	0	3	1
Heather	0	0	4	3	1	14	4
Gorse	0	0	2	1	1	8	2
Broom	0	0	0	0	0	0	0
Salaam	0	2	3	1	0	4	3
Glass frame	0	1	2	0	0	2	1
Kitchen-gardens	0	1	2	1	0	3	2
Robin	0	1	2	0	1	80	2
Crocuses-Snowdrops-Daffidowndillys	1	1	1	0	0	8	1
Crocuses	0	1	1	0	0	1	1
Daffidowndillys	0	1	1	0	0	3	1
Snowdrops	0	1	1	0	0	8	1
TOTAL	7	11	37	13	8	223	36

Observa-se na Figura 3-5, através dos procedimentos tradutórios utilizados pela tradutora, que, apesar do predomínio da Glosa Intratextual, por ser de uso combinado, há um balanço no grau de manipulação do texto traduzido. Porém, verifica-se que os procedimentos Sinonímia e Tradução Linguística, que se apresentam em maior número na tradução, não repetem o IEC do texto-fonte. Contudo, são representações da presença discursiva da tradutora tornando o texto-alvo mais familiar ao seu leitor presumido, sem deixar de apresentar a cultura do texto-fonte.

Figura 3-5: Descrição geral do fenômeno sob investigação de acordo com o grau de manipulação e procedimentos de tradução.



Desse modo, verifica-se que a voz da tradutora está presente no discurso do texto que traduziu como uma segunda voz, uma voz diferente da voz do narrador, que pode ter interferido favoravelmente na leiturabilidade do texto traduzido.

Por fim, foram apresentados, neste capítulo, os três estágios de compilação do corpus desta pesquisa com embasamento teórico: planejamento, construção e processamento do corpus. Foi, também,

informada a teoria que fundamenta a análise textual comparativa entre o TF e o TT, a análise, propriamente dita, e os resultados globais da investigação da presença discursiva da tradutora no corpus paralelo, segundo a categorização de Hermans (1996) e a categorização de Aixelá (1996) aplicada aos itens de especificidade cultural.

No próximo capítulo são apresentadas as considerações finais, onde são retomadas as perguntas de pesquisa para verificar se os resultados corroboram ou refutam a hipótese inicial desta pesquisa e também onde são feitas sugestões para futuras pesquisas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos as considerações finais reiterando que a interface Estudos da Tradução e Literatura Infantojuvenil, fundamentada pela teoria descritivista e apoiada pela metodologia com base em corpus, constitui um grande potencial de pesquisa e é ainda pouco explorada.

Iniciou-se, esta pesquisa, com o objetivo específico de investigar a voz da tradutora, Ana Maria Machado, como presença discursiva na sua tradução da obra *The Secret Garden*, intitulada *O Jardim Secreto*. Partindo da hipótese de que sua presença discursiva no texto que traduziu pode ter influenciado na leiturabilidade desse texto pelo seu público-leitor presumido, o infantojuvenil brasileiro.

Delimitando ainda mais o foco desta pesquisa, a investigação proposta foi realizada em nível de produto, de linguagem e de contexto cultural. Mais especificamente, a voz da tradutora como presença discursiva no texto traduzido foi analisada aplicada à tradução dos itens de especificidade cultural encontrados no texto-fonte, com vistas à leiturabilidade do público-alvo infantojuvenil.

Antes de retomar as perguntas de pesquisa e respondê-las, é interessante apresentar as etapas que conduziram este estudo aos resultados finais. Durante o seu desenvolvimento, a pesquisa foi contextualizada, foi justificativa a importância de realizá-la e a escolha do objeto de estudo, foi construído um aparato teórico e metodológico que fundamentou e auxiliou a pesquisa empírica, respectivamente, e, por fim, foi realizada a análise e sua descrição que levaram às conclusões.

A fim de verificar se foi confirmada ou refutada a hipótese inicial deste estudo, retomamos as perguntas de pesquisa:

- (i) **Quais os tipos de presença discursiva a tradução de *The Secret Garden* apresenta em termos de referencial informativo, “autorreflexividade e autorreferencialidade” e “sobredeterminação contextual”?**

Respondendo a esta primeira pergunta, temos que, já na análise inicial, através de uma leitura cuidadosa do corpus deste estudo, a autora do texto-fonte, Burnett, não fez uso dos recursos da autorreflexibilidade e da autorreferencialidade que envolvem o próprio meio de comunicação. Também não fez uso de trocadilhos ou polissemia. Não há no texto-fonte, tão pouco, situações de sobredeterminação contextual. Essas situações são algumas das informadas por Hermans (1996), discutidas no capítulo 2, Revisão da Literatura, nesta dissertação, que, ao serem traduzidas, poderiam apresentar a presença explícita da tradutora como uma voz diferencial no texto traduzido. A título de

especulação, pois esse não faz parte dos objetivos deste estudo, imagine-se que a ausência das situações que exigiriam a presença explícita da tradutora no texto-fonte deve-se ao fato deste ter sido escrito tendo-se em mente também o leitor infantojuvenil.

Foi verificada, no entanto, a presença discursiva da tradutora no texto traduzido como uma voz diferencial, estando presente no corpus desta pesquisa o tipo de presença discursiva que fornece ao seu leitor um referencial informativo. Embora, dentre as categorias estabelecidas por Hermans (Ibid.) que representam esse tipo de presença discursiva, o corpus sob análise apresente apenas a categoria que fornece um referencial informativo inserido no discurso da tradução. A tradutora Ana Maria Machado, portanto, optou por não escrever um prefácio, onde poderia, então, dirigir-se diretamente ao seu leitor. Optou, também, por não utilizar o recurso paratextual explicativo, conhecido como nota explicativa, que tanto poderia vir no rodapé da página quanto no final do livro. Por “optar”, queremos dizer que a tradutora, ao fazer sua escolha, deve ter levado em consideração as instâncias envolvidas na tradução, como por exemplo, a determinação Editorial. A esse respeito, relatamos apenas uma curiosidade: Machado informa no final do livro *Alice no País das Maravilhas*, traduzido por ela, ao explicar o motivo de ter usado o recurso da nota, que “um monte de notas iria interromper o prazer da leitura”. Com certeza, as notas interrompem o fluxo da leitura e, conseqüentemente, o prazer da leitura, principalmente quando se trata de um leitor infantojuvenil. Segundo Klingberg (1986, p. 19), em se tratando de LIJ, o recurso da nota explicativa só deve ser utilizado quando imperativo, embora ele diga que “cada trecho a ser traduzido tem seus próprios problemas”¹⁴⁰, sendo seu uso, em algumas situações, até aconselhável.

(ii) Onde, no texto traduzido, a presença da tradutora parece ser mais perceptível? E por quê?

Ao constatar que só havia evidências no texto traduzido do tipo de presença discursiva onde é explicitado o significado e conotações de palavras que poderiam prejudicar a compreensão do texto tendo em vista o leitor presumido, procuramos classificar tais palavras. Verificamos que se tratam de itens de especificidade cultural, cujas dificuldades na tradução envolvem a lacuna cultural existente entre a língua do texto-fonte e a língua do texto-alvo. A dificuldade maior na tradução desses itens lexicais reside nas suas funções e conotações no texto-fonte, que são percebidas no texto-alvo de modo diferente ou, até mesmo, não

¹⁴⁰ “every passage to be translated has its own problems” (KLINGBERG, 1986, p. 19).

existem. É no texto-alvo que se decide o que é relevante para o leitor. E é prerrogativa do tradutor decidir se sua intervenção se faz necessária, de modo a adequar o texto-alvo ao nível de compreensão e facilidade de leitura, aqui entendidas como leiturabilidade do seu leitor presumido, o infantojuvenil brasileiro.

(iii) Através de quais procedimentos de tradução a presença discursiva da tradutora se manifesta no texto traduzido?

Após a constatação de que a voz da tradutora em *O Jardim Secreto* é representada no discurso, na maioria das vezes, relacionada a um item de especificidade cultural, optamos por fazer a análise através da categorização dos procedimentos de tradução de Aixelá (1996), cuja classificação completa encontra-se no capítulo 2, Revisão da Literatura.

Verificou-se que a presença discursiva da tradutora se manifesta mais explicitamente através do procedimento de tradução tal como categorizado por Hermans (1996), onde é fornecida ao leitor uma referência cultural inserida no discurso do texto traduzido. Esse procedimento mais característico na classificação de Aixelá (1996), aplicado aos itens de especificidade cultural, é o da Glosa Intratextual, que, segundo esse teórico, vem sempre combinada com outro procedimento de sua classificação e que também foi comprovado na análise desta pesquisa.

Ainda assim, os procedimentos pertencentes à classificação substitutiva, quanto ao grau de manipulação intercultural, denominados por Aixelá (Ibid.) como Sinonímia e Universalização Absoluta, são também considerados nesta pesquisa como formas explicativas ou formas de referência à cultura do texto-fonte. Pois, ao substituir o item de especificidade cultural desconhecido ou obscuro para o leitor presumido por uma referência paralela ou por um item que mantenha uma relação metonímica, ou seja, de contiguidade, com o item lexical do texto-fonte, a tradutora remete, mesmo que implicitamente, o significado do IEC substituído ao leitor do texto-alvo. Essa é uma evidência da presença da tradutora contribuindo para a compreensão do texto traduzido pelo seu leitor, o infantojuvenil brasileiro. Isso se levamos em consideração que figuras de linguagem são essenciais na compreensão de um texto desde que seja considerado como um processo de tornar o não familiar em familiar¹⁴¹.

¹⁴¹ Essa informação foi obtida através do site: www.aber.ac.uk/media/documentos.documentos/S4B/sem07.html acesso em: 03/11/2011. CHANDLER, D. Semiotics for Beginners.

Observamos, ainda, que no texto traduzido há uma relação entre a presença discursiva da tradutora categorizada por Hermans (1996) e o grau de manipulação intercultural categorizado por Aixelá (1996). A evidente presença discursiva de Machado em *O Jardim Secreto* está diretamente ligada ao predomínio de escolhas estratégicas de conservação dos itens de especificidade cultural. Porém, considerando que a Glosa Intratextual aparece sempre combinada com outro procedimento de tradução, em número maior, mas de modo balanceado, combinada com a Sinonímia e Tradução Linguística, há no texto-alvo um equilíbrio de tratamento quanto ao grau de manipulação intercultural (Ibid.). Ou seja, observa-se uma regularidade nas escolhas estratégicas da tradutora quanto ao grau de Conservação e de Substituição, como também, nas escolhas dos procedimentos tradutórios.

Ao responder às perguntas iniciais que refletem o objetivo desta pesquisa, concluímos que foi comprovada a hipótese inicial de que a voz da tradutora Ana Maria Machado como presença discursiva no texto traduzido, *O Jardim Secreto*, pode ter surtido efeitos a favor da leiturabilidade desse texto pelo leitor infantojuvenil brasileiro, no período em que a obra foi traduzida, em nível de linguagem e contexto cultural. Primeiro porque verificamos que a presença discursiva da tradutora no corpus desta pesquisa é uma voz diferencial que se faz ouvir como uma segunda voz, tal como reivindica Hermans (1996); segundo porque a presença da tradutora inserida no discurso permitiu ao seu leitor presumido vislumbrar a “outra” cultura, a partir da segurança de seu próprio ambiente cultural, sem, contudo, desviar-se da intenção da autora do texto-fonte. “Outra” é entendida aqui, nos termos de Hermans (1996), como a cultura do texto-fonte. Demonstrando lealdade tanto à escritora do texto-fonte quanto ao leitor da sua reescritura (ver seção 2.4.2 - Leiturabilidade), o leitor infantojuvenil brasileiro. Neste sentido, a tradutora cumpriu seu papel de reescrever o texto-fonte indo de encontro à noção de “transparência e coincidência” (Ibid.), normalmente exigida do tradutor. Há de se abordar aqui que a tradutora cumpriu seu papel apesar das delimitações impostas pelas diversas variáveis de um processo comunicativo assimétrico, interlingual e intercultural, como é a tradução. Principalmente tratando-se de uma tradução de literatura infantojuvenil, que envolve as complexidades desse gênero literário, bem como suas características distintivas, suas funções e as especificidades de seu leitor. Há de se considerar a estrutura de referência própria de Machado, que é uma escritora e tradutora de LIJ com muita experiência com o leitor infantojuvenil.

Acreditamos que teria sido interessante investigar a voz da tradutora como presença discursiva com vistas à leiturabilidade do leitor infantojuvenil, tomando como objeto de investigação mais de uma tradução do texto-fonte, também em termos de recepção, quando, então, a análise poderia contar com os dados reais das traduções e ainda com depoimentos do público leitor. Deixamos essa como uma sugestão de investigação futura. Outra sugestão é investigar a ideologia contida na presença discursiva do tradutor, partindo da concepção de Hermans (1999) de que o tradutor não é um observador neutro. Também poderiam ser analisadas traduções em que a voz do tradutor não é apenas uma voz diferencial, mas que se sobrepõe a do autor (HERMANS, 2001, p. 3), até mesmo fazendo oposição a do autor do texto-fonte por emitir sua opinião própria.

Por fim, esperamos que este estudo possa abrir caminhos para outras pesquisas, como sugerem Williams e Chesterman (2002, p. 83), dentro desta imensa Mãe Natureza que é a Tradução. Esperamos também, com esta pesquisa, contribuir para *insights* no ensino da tradução, bem como na tradução dos fenômenos abordados aqui.

5 REFERÊNCIAS

AIXELÁ, J.F. **Culture-Specific Itens in Translation**. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, C. Translation, Power, Subversion. Clevedon. Multilingual Matters, 1996.

ALMEIDA, Aires (Org.). **Dicionário Escolar de Filosofia**. Lisboa: Plátano, 2009. Disponível em: <<http://www.defnarede.com/p.html>>. Acesso em: 10 maio 2011.

ANA Maria Machado. Disponível em: <<http://www.anamariamachado.com.br>>. Acesso em: 01 maio 2010.

AVANCINE. Disponível em: <www.avancine.com.br>. Acesso em: 04 nov. 2011.

BAKER, M. **Corpus linguistics and translation studies Implications and applications**. Jonh Benjamins B. V. 1993.

BAKER, M. **Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research**. In Target 7:2 223 – 243. 1995.

BAKER, M. **Critical Readings in Translation studies**. London and New York: Routledge, 2010.

BAKER, M. Routledge **Encyclopedia of Translation Studies**. Edited by Mona Baker. London and New York: Routledge, 1998, 2001.

BOSSEAUX, C. **A Study of the Translator's Voice and Style in the French Translations of Virginia Woolf's The Waves**. 2001. In: Maeve Olohan (ed) CTIS Occasional Papers, vol.1, Manchester: Centre of Translation & Intercultural studies, UMIST: pp.55-75.

BURNETT, F. H. **The Secret Garden**. London: Puffins books, 1911.

BURNETT, F. H. Tradução: Ana Maria Machado. **O Jardim Secreto**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

BURNET, F. H. Tradução: Ana Maria Machado. Resenha: Laura Sandroni. **O Jardim Secreto**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

CARROL, L. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução: Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1997.

CASCALLANA, B.G. **Translating Cultural Intertextuality in Children's Literature**. In: COILLIE, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome, 2006.

CHESTERMAN, W. **Memes of Translation**. *The Spread Ideas in Translation Theory*. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamin's Publishing Company, 1997.

CHANDLERS, A. **Semiotics for Beginners**. Disponível em: <www.aber.ac.uk/media/documentos.documentos/S4B/sem07.html>. Acesso em: 03 nov. 2011.

Children's Literature Classics – **Discover the Wonder and Magic. Realistic Fiction**. Disponível em: childliterature.net/childlit/realistic/index.html Acesso em: 31 Jan. 2011.

CIP – **Cataloguin-in-publication**. Disponível em: <<http://www.cbl.org.br/telas/servicos/regulamento-ficha.aspx>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: história, teoria e análise**. São Paulo: Quíron, 1987.

COELHO, N. N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil – Das Origens Indo-europeias ao Brasil Contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2010.

COILLIE, J. V. **Characters in Translation: A Functional Approach**. In: COILLIE, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. (ed.) *Children's Literature in Translation: challenges and strategies*. Manchester: St. Jerome, 2006.

COILLIE, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. **Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies**. Manchester: St. Jerome, 2006.

COWIE, A. P. *Advanced Learner's Dictionary of Current English*. Oxford University Press. 4. ed. 1989.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DITRA – Dicionário de Tradutores Literários do Brasil: www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm. Acesso: 04 mar. 2012.

DUARTE (Org.). **Dicionário de Termos Literários**. Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

DUBAY, W. H. **The Principles of Readability**. 2004. Disponível em: <<http://www.impact-information.com>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

FERNANDES, L. **Brazilian Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: A Corpus-Based Study**. 2004. (Unpublished PhD Thesis, Universidade Federal de Santa Catarina, SC).

FERNANDES, L.; SILVA, C.; FLEUR, D. **COPA – TRAD**. Disponível em: <www.tracor.ufsc.br>. Acesso em: maio 2011.

FIPE – **Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas**. Disponível em: <www.panoramaeditorial.com.br/textos.asp?codigo=16>. Acesso em: 07 maio 2011.

FNLIJ. **Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil**. Disponível em: <www.fnlij.org.br>. Acesso em: 15 Jul. 2011.

GUESQUIERE, R. **Why Does Children's Literature Need Translations?** In: COILLIE, J. V. ; VERSCHUEREN, W. P; *Children's Literature in Translation: challenges and strategies*. Manchester: St. Jerome, 2006.

HALL, S. (Ed.) **Representation: Cultural Representation and Signifying Practices**. London: Sage. 1997.

HALLIDAY, M.A.K & MATTHIESSEN, C.M.I.M (2004). **An Introduction to Functional Grammar**. London: Arnold.

HATIM, B.; MASON, I. **Discourse and the Translator**. London: Longman. 1990.

HATIM, B.; MUNDAY, J. **Translation – An Advanced Resource Text**. Routledge: 2004.

HERMANS, T. **The Translator's Voice in Translated Narrative**. 1996. In: *Critical Readings in Translation Studies*. Edited by Mona Baker. London and New York. Routledge, 2010.

HERMANS, T. **Shall I apologize translation?** *Journal of Translation Studies*, 2001. (pp. 1-18). Disponível em: <www.ucl.ac.uk/~uclddthe/pubsonline.htm>. Acesso em: 21 jan. 2011.

HERMANS, T. **Translation and Normativity**. In: Schaeffner, C. *Translation and Norms*. Multilingual Matters: Clevedon, England. 1999. Disponível em: <www.ucl.ac.uk/~uclddthe/pubsonline.htm>. Acesso em: 21 jan. 2011.

HERMANS, T. **The Task of the Translator in the European Renaissance: explorations in a discursive field**. In: Bassnett, S., (ed.) *Translating Literature*. D.S. Brewer: Cambridge, UK. 1997. Disponível em: <www.ucl.ac.uk/~uclddthe/pubsonline.htm>. Acesso em: 21 jan. 2011.

HERMANS, T. **Norms and the determination of translation: a theoretical framework**. In: Alvarez, R. and Vidal, M., (eds.) *Translation, Power, Subversion*. Multilingual Matters: Clevedon, England. 1996. Disponível em: <www.ucl.ac.uk/~uclddthe/pubsonline.htm>. Acesso em: 21 jan. 2011.

HERMANS, T. **Translation's Other**. [lecture] Presented at: Inaugural Lecture, University College London. 1996.

HERMANS, T. **Paradoxes and Aporias in Translation Studies**. In: Riccardi, A., (ed) *Translation Studies: perspectives on an emerging discipline*. Cambridge University Press: Cambridge, 2002.

HERMANS, T. **Translation in Systems –Descriptive and Systemic Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

HERMANS, T. **Translation, Ethics, Politics**. In: MUNDAY, J. *The Routledge Companion to Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2009.

HOLMES, J. S. **The Name and Nature of Translation Studies**. In: *Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi. 1988.

HOROCHOVSKI, M.T.H. **Representações Sociais: delineamentos de uma categoria analítica**. Revista eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política, vol. 2, n.1, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. Edição. Objetiva: Rio de Janeiro, 2009.

HUNT, P. **Children's Literature: the development of criticism**. London: Routledge. 1990.

KLINGBERG, G. **Children's Fiction in the Hands of the Translators**. Lund. Sweden. CWK Gleerup. 1986.

KNOWLES, M.; MALMKJAER, K. **Language and Control in Children's Literature**. London and New York: Routledge, 1996.

LATHEY, G. **The Role of Translators in Children's Literature: Invisible Story Tellers**. New York and London: Routledge, 2010.

LATHEY, G. **The Translation of children's Literature: A Reader**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

LATHEY, G. **The Translator Revealed: Didacticism, Cultural Mediation and Visions of the Child Reader in Translators' Preface**. In: COILLIE, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome, 2006.

LEFEVERE, A. **Tradução reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução: Cláudia Matos Seligmann. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

LEFEVERE, A. **Translating Literature - Practice and Theory in a Comparative Literature Context**. New York. The Modern Language association of America. 1992.

LERER, S. **Children's Literature – A Reader's History from Aesop To Harry Potter**. The University of Chicago Press, Chicago, 2008.

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MALMKJAER, K. **Love thy Neighbour: Will Parallel Corpora Endear Linguistics to Translators?** Meta: journal des Traducteurs/Meta: Translators' Journal, vol. 43, n. 4, 1998. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/003545ar>> Acesso em: 10 out. 2011.

MERRIMAN, C. D. 2007. **Biografia de Frances H. Burnett**. Disponível em: <www.online-literature.com/burnett> . Acesso em: 28 out. 2011.

MUNDAY, J. (ed.). **The Routledge Companion to Translation Studies**. London and New York: Routledge, 2009.

OITTINEN, R. **No Innocent Act: On the Ethics of Translating for Children**. In: COILLIE, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome, 2006.

O'CONNEL, E. **Translating for children**. 1999. In: *The Translation of children's Literature: A Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

OLIVEIRA, C.M. **Traços Pós-Modernos em Ana Maria Machado: uma vertente infantil do questionamento do poder**. Revista eletrônica do Instituto da Humanidade da Unigranrio, vol. IV, n. XVI. Janeiro – Março de 2006. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litin/trabalhos/anmachado1.htm>>. Acesso em: 26 out. 2011.

OLOHAN, M. **Introducing Corpora in Translation Studies**. New York. Routledge. 2004.

O'SULLIVAN, E. **Narratology Meets Translation Studies, or, The Voice of The Translator in Children's Literature**. Journal des Traducteurs, vol.48, n. 1-2, 2003. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/006967ar>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

PASCUA-FEBLES, I. **Translating Cultural References – The Language of Young People in Literary Texts**. In: COILLIE, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. (ed.) *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome, 2006.

PUURTINEN, T. **Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature**. META. Montréal, v.43, n.4, p. 524-533, 1998.

SANTOS, A. M. **Intertextualidades em Tradução: no romance infanto-juvenil Tintenherz**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2009.

SANTOS, C.R.V.S. **A tradução da fala do personagem Hagrid para o Português brasileiro e português europeu no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal: um estudo baseado em corpus**. Dissertação (Mestrado em Estudos da tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2010.

SHAVIT, Z. **Poetics of Children's Literature**. Athens / London: The University of Georgia Press, 1986. META, Montréal, v. 43, n. 4, 1998.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SHUTTLEWORTH, M; COWIE, M. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester, UK. St Jerome Publishing. 1997.

SIMPSON, P. **Language, Ideology and Point of View**. Routledge: London & NY, 2003.

THE secret garden. Disponível em: <www.baixaki.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2011.

TYMOCZKO, M. **Computarized Corpora and the Future of Translation Studies**. Meta: journal des traducteurs / Meta: Translator's Journal, vol. 43 n. 4, 1998. Disponível em: <

<http://id.erudit.org/iderudit/004515ar>>. Acesso em: 10 out. 2011

WILLIAMS, J., CHESTERMAN, A. **The Map: a beginner's guide to doing Research in translation studies**. United Kingdom: St. Jerome Publishing, 2007.

VAZ, T. Aula N. 4. Disponível em: <www.tubecom/watch?v=XtpoGBsXy-M>. Acesso em: 02 nov. 2011.

VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. London – New York: Routledge, 1995.